UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ROMULO FRANCISCO DE CASTRO

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS EM PARTIDO POLÍTICO NO CONTEXTO DE
TROCAS E TRANSMISSÕES GERACIONAIS**

**Ribeirão Preto – SP
2018**

ROMULO FRANCISCO DE CASTRO

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS EM PARTIDO POLÍTICO NO CONTEXTO DE
TROCAS E TRANSMISSÕES GERACIONAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Elmir de Almeida

**Ribeirão Preto – SP
2018**

Autorizo a reprodução total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico.

Castro, Romulo Francisco de

A educação de jovens em Partido Político no contexto de trocas e transmissões geracionais. Ribeirão Preto. 2018. p 143.

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Elmir de Almeida.

Versão Corrigida

“Sou um homem de causas. Vivi sempre pregando e lutando, como um cruzado, pelas causas que me comovem. Elas são muitas, demais: a salvação dos índios, a escolarização das crianças, a reforma agrária, o socialismo em liberdade, a universidade necessária. Na verdade, somei mais fracassos que vitórias em minhas lutas, mas isto não importa. Horrível seria ter ficado ao lado dos que nos venceram nessas batalhas.”

Darcy Ribeiro – Fala aos moços – Agosto de 1994.

Dedico este trabalho ao meu Pai e minha Mãe, e a tantos outros anônimos, de pele chocolate-mel e traços indígenas, que não puderam cursar o ensino superior

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Orientador, Prof. Dr. Elmir de Almeida, que no primeiro dia em que nos conhecemos me encorajou dizendo “não diga não à USP”. Bom foi ter um orientador assim que, entre encorajamentos e puxões de orelhas forjou a minha armadura de pesquisador. Obrigado pelas inúmeras contribuições, em todas as esferas da minha vida. Fizemos da dissertação um campo de batalha onde cada vírgula, aporte teórico e nota de rodapé era amplamente discutido e analisado. Entre conflitos e armistícios eis a dissertação e eis também um outro Ser.

Agradeço a minha Mãe, Dulce (não poderia ter outro nome) e a meu Pai, Altamiro. Seus saberes e seus carinhos me alimentaram durante o trajeto dessa caminhada.

Agradeço as minhas irmãs, Andresa, Andreia e Andrelina e ao meu irmão Renes, pelos incentivos e por me achar admirável. Ter a admiração de vocês me deixa motivado para sempre seguir.

Agradeço a Mariana Maluli que mostrou o que é o Amor. Agradeço pelo companheirismo e afeto, sempre guardado e zelado em meu coração.

Agradeço a todos os meus familiares, em especial a minha Tia Auxiliadora que sempre acreditou “nesse menino”. Foi a principal responsável, lá em 2002, em me fazer acreditar na possibilidade de cursar o ensino superior.

Agradeço a minha família espiritual CEUNE, ao Padrinho Zé Carlos pelos conselhos-chaves para abrir as portas sagradas do seu Ser, e a meu Irmão e Amigo do coração Miller Savielli; “para sempre amigo do meu irmão”.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em educação da FFCLRP, em especial ao Prof. Dr. Marcos Cassim, Prof.^a Dr.^a Ana Lodi, Prof.^a Dr.^a Teise de Oliveira, Prof. Dr. José Marcelino e Prof. Dr. Sergio Fonseca. Obrigado por compartilhar seus saberes comigo.

Agradeço aos membros do LEPINJE por toda contribuição durante as noites e os sábados de estudos.

Agradeço a Prof.^a Dr.^a Marilena Nakano pelas inestimáveis contribuições para a realização desta pesquisa.

Agradeço ao meu amigo Diógenes Neto e Silvio Costa. As contribuições com as leituras atentas foram fundamentais. Obrigado pela atenção, correções e os poucos elogios.

Agradeço aos jovens militantes do PSOL pela contribuição para pesquisa, assim como agradeço também aos membros dirigentes adultos. Cada um, a sua maneira, contribuiu e possibilitou a concretização deste trabalho.

Agradeço a USP como um todo em especial à FFCLRP. Foi muito bom poder passar meus dias, minhas tardes e noites nesse espaço repleto de saber e paisagens bonitas.

Agradeço a vida, a saúde e a compreensão de que sou pequenininho, porém, filho da terra e do céu estrelado.

RESUMO

Ao entender o partido político como forma associativa que tem por finalidade a conquista do poder e também atuar como um agente de socialização e educação política de militantes, filiados e da sociedade mais ampla, a pesquisa que deu sustentação a esta dissertação objetivou apreender e analisar os modos como as gerações adultas de partido político com presença em Ribeirão Preto, o Partido Socialismo e Liberdade – PSOL, socializa e educa politicamente os jovens, em meio as trocas e transmissões geracionais. A partir de aportes teóricos das áreas das Ciências Sociais e da Educação não escolar, buscou-se identificar e compreender: as práticas e processos intencionais que a geração adulta do PSOL lança mão para socializar e educar politicamente os integrantes das novas gerações – militantes e filiados, e os valores, ideias, representações políticas, visões de mundo transmitidos nos encontros entre as gerações que os jovens militantes e filiados da agremiação internalizaram e usaram em seus processos de subjetivação e conquista de autonomia. À consecução do estudo, adotou-se procedimentos e estratégias de da pesquisa qualitativa, na medida em que a investigação focalizou fenômeno educativo e político complexo, tecido em escala microssocial. Assim, realizou-se: 1) seleção e leitura de trabalhos acadêmicos que abordaram temáticas/questões semelhantes ou próximas à investigação desenvolvida; 2) seleção e leitura de obras de autores que abordaram os temas da socialização e educação de jovens, em contextos institucionais e não institucionais, sobretudo mediante trocas e transmissões geracionais; 3) observação direta de experiências e processos formativos envolvendo os jovens (e jovens-adultos) no interior do PSOL, em distintas escalas territoriais; 4) entrevistas semidirletivas com sete membros das gerações jovem – homens e mulheres, com idades entre 21 e 30 ano, três integrantes da geração intermediária e um representante da geração adulta do PSOL-RP. Com tais enquadramentos, foi possível compreender que os jovens que se engajaram no PSOL em anos recentes não contaram com processos educativos oferecidos pela instância partidária estatutariamente prevista para tal fim. As narrativas dos entrevistados adultos e jovens explicitaram que são os membros das gerações adultas e intermediárias de determinadas correntes políticas do Partido que promovem a socialização e educação política dos mais novos mediante cursos de formação teórica, experiências de imersão em “acampamentos de juventudes”, manifestações de rua, participação em greves de trabalhadores, em movimentos populares, identitários e de juventude. Os jovens discorreram sobre a importância da ação de membros da geração intermediária do PSOL para que eles se aproximassem, se filiassem e se engajassem na agremiação, e acentuaram a riqueza das trocas e transmissões “pós-figurativas”, “cofigurativas” e “pré-figurativas” vividas no encontro geracionais no interior do Partido. Se os adultos e os jovens-adultos lhes transmitem conhecimentos sobre questões socioeconômicas estruturais do sistema capitalista e da luta de classes, com os iguais eles imergem em processos educativos sobre questões urbanas, do direito à cidade, da escolarização, das “pautas de opressões” e bandeiras de coletivos negros, de mulheres, de feministas, das trabalhadoras do sexo, das juventudes, dos segmentos LGBT.

Palavras-chave: Jovens; Gerações; Socialização e educação política; Transmissões geracionais; PSOL-RP

RÉSUMÉ

En comprenant le parti politique comme une forme associative qui vise à la conquête du pouvoir et agissant aussi en tant qu'agent de socialisation et d'éducation politique des militants, des affiliés et de la société en général, les recherches soutenant cette thèse visaient à appréhender et analyser les modes comme les générations adultes de un parti politique avec présence à Ribeirão Preto, le Parti Socialisme et Liberté - PSOL, socialise et éduque politiquement les jeunes, parmi les échanges et les transmissions générationnelles. Sur la base des contributions théoriques des domaines des Sciences Sociales et de l'Education pas d'école, nous avons cherché à identifier et comprendre: les pratiques et processus intentionnels que la génération adulte du PSOL mis en place pour socialiser et éduquer politiquement les membres des nouvelles générations - militants et affiliés, et les valeurs, les idées, les représentations politiques, les visions du monde transmises dans les rencontres intergénérationnelles que les jeunes militants et membres de l'association ont intériorisés et utilisés dans leurs processus de subjectivation et de conquête de l'autonomie. Pour mener à bien cette étude, des procédures et des stratégies de recherche qualitative ont été adoptées, dans la mesure où la recherche s'est concentrée sur des phénomènes éducatifs et politiques complexes, faits à l'échelle micro-sociale. Ainsi, nous avons effectué: 1) la sélection et la lecture d'articles académiques abordant des thèmes / questions similaires ou proches de la recherche développée; 2) la sélection et la lecture d'œuvres d'auteurs ayant abordé les thèmes de la socialisation et de l'éducation des jeunes, dans des contextes institutionnels et non institutionnels, notamment à travers des échanges et des transmissions générationnels; 3) l'observation directe des expériences et des processus de formation impliquant les jeunes (et les jeunes adultes) au sein du PSOL, à différentes échelles territoriales; 4) des entrevues semi-directionnelles avec sept jeunes membres de la génération - hommes et femmes, âgés de 21 à 30 ans, trois membres de la génération intermédiaire et un représentant de la génération adulte du PSOL-RP. Avec de tels cadres, il était possible de comprendre que les jeunes qui ont été impliqués dans le PSOL au cours des dernières années n'avaient pas de processus éducatifs offerts par l'organe partisan envisagé à cet effet. Les récits des adultes et des jeunes interrogés ont expliqué que ce sont les membres des générations adultes et intermédiaires de certains courants politiques du Parti qui favorisent la socialisation et l'éducation politique des plus jeunes à travers des formations théoriques, des expériences d'immersion dans des 'camps de jeunesse', des manifestations publiques, la participation aux grèves ouvrières, aux mouvements populaires, d'identités et de la jeunesse. Les jeunes ont parlé de l'importance de l'action des membres de la génération intermédiaire du PSOL pour qu'ils puissent approcher, rejoindre et s'engager dans l'association, et accentuer la richesse de chagement et detransmissions 'post-figurative', de la 'co-figurative' et de la 'pré- "figuratives' de la rencontre générationnelle au sein du Parti. Si les adultes et les jeunes adultes leur transmettent des connaissances sur les problèmes socio-économiques structurels du système capitaliste et de la lutte des classes, ils s'imprègnent avec leurs pairs des processus éducatifs sur les questions urbaines, du droit à la ville, à l'école, des 'lignes directrices' d'oppression et les bannières des collectifs noirs, des femmes, des féministes, des travailleurs du sexe, des jeunes et des segments LGBTQ.

Mots-clés: Jeune; Générations; Socialisation et éducation politique; Transmissions générationnelles; PSOL-RP

ABSTRACT

By understanding the political party as an associative form that aims at the conquest of power and also acting as an agent of socialization and political education of militants, affiliates and the broader society, the research that gave support to this dissertation aimed to apprehend and analyze the ways how adult generations of political party with presence in Ribeirão Preto, the Socialism and Freedom Party - PSOL, socialize and politically educate the youths, amid the generational exchanges and transmissions. Based on theoretical contributions from the areas of Social Sciences and Non-school Education, we sought to identify and understand: the intentional practices and processes that the adult generation of the PSOL sets out to socialize and politically educate the members of the new generations - militants and affiliates, and the values, ideas, political representations, worldviews transmitted in the intergenerational encounters that young militants and members of the association internalized and used in their processes of subjectivation and conquest of autonomy. To achieve this study, qualitative research procedures and strategies were adopted, insofar as research focused on complex educational and political phenomena, woven on a microsocial scale. Thus, we performed: 1) selection and reading of academic papers that approached themes / issues similar to or close to the research developed; 2) selection and reading of works by authors who addressed the themes of socialization and youth education, in institutional and non-institutional contexts, especially through generational exchanges and transmissions; 3) direct observation of experiences and training processes involving young people (and young adults) within the PSOL, at different territorial scales; 4) semi-directional interviews with seven young generation members - men and women, between the ages from 21 to 30, three members of the intermediate generation and a representative of the adult generation of the PSOL-RP. With such frameworks, it was possible to understand that the young people who have been engaged in the PSOL in recent years did not have educational processes offered by the partisan body envisaged for this purpose. The narratives of the interviewed adults and young people explained that it is the members of the adult and intermediate generations of certain political currents of the Party that promote the socialization and political education of the youngest through courses of theoretical formation, experiences of immersion in "youth camps", popular manifestations, participation in workers' strikes, popular, identity, and youth movements. The young people spoke about the importance of the action of members of the intermediate generation of PSOL so that they could approach, join and engage in the association, and accentuate the richness of the "post-figurative", "co-figurative" and "pre-figurative" experiences of the generational encounter within the Party. If the adults and the young adults transmit to them knowledge about the socio-economic structural issues of the capitalist system and the class struggle, with their peers they immerse themselves in educational processes on urban issues, from the right to the city, to schooling, to "guidelines of oppression" and raise the flags of black collectives, women, feminists, sex workers, youth, and LGBT segments.

Keywords: Young; Generations; Socialization and political education; Generational transmissions; PSOL-RP

Lista de siglas e abreviaturas

APS – Ação Popular Socialista

CRS – Coletivo Resistência Socialista

CST – Corrente Socialista dos Trabalhadores

DS – Divergência Socialista

IES – Instituição de Ensino Superior

JUNTOS – Movimento de Juventude

JSOL – Juventude Socialista

UJS – União da Juventude Socialista

MES – Movimento Esquerda Socialista

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

MTL – Movimento Trabalho e Liberdade

MUS – Movimento da Unidade Socialista

USP – Universidade de São Paulo

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PCdoB – Partido Comunista do Brasil

PMDB – Partido do Movimento Democrático do Brasil

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

PT – Partido dos Trabalhadores

TLS – Trabalhadores na Luta Socialista

TSE – Tribunal Superior Eleitoral

TRE – Tribunal Regional Eleitoral

Sumário

1. Introdução.....	14
1.1 Movimentações de ação direta no espaço público, crise de representatividade política e partidos políticos	15
1.2 Crise do sistema institucional de representação, partidos políticos e jovens no Brasil. 18	
1.3 Objetivos e questões centrais da investigação.....	22
1.4 Aportes teóricos adotados na pesquisa	23
1.5 Procedimentos e estratégias metodológicas	23
1.6 A agremiação partidária em que a pesquisa se desenvolveu	24
1.7 Os integrantes das gerações jovem e adultas que contribuíram com o estudo	25
1.8 Condições de realização das entrevistas, tempo de duração dos diálogos e transcrições dos diálogos	28
2. Socialização e educação de natureza política, gerações, trocas e transmissões geracionais	30
2.1 Sobre a noção de geração e seus diferentes significados	32
2.2 A perspectiva sociológica sobre o problema das gerações de Karl Mannheim: breves apontamentos.....	34
2.3 As contribuições da sociologia das gerações e das relações entre gerações utilizadas nas diferentes etapas do estudo.....	41
3. Sobre as definições de Partido político e suas ações como agente educador; do PT ao PSOL e sua configuração em Ribeirão Preto.	45
3.1 Partido político: referências conceituais e históricas	45
3.2 O partido político como espaço de educação e como educador (na perspectiva não escolar)	48
3.3 Os partidos políticos no contexto nacional recente	53
3.3.1 Redemocratização da sociedade brasileira: o pluripartidarismo e a criação do Partido dos Trabalhadores.....	54
3.4 Do PT à criação e constituição do Partido Socialismo e Liberdade – PSOL	55
3.4.1. Os coletivos juvenis no interior do PSOL: JSOL/Manifesta e JUNTOS!	61
3.4.1.1 Da JSOL ao Manifesta: insatisfações e disputas pelo rejuvenescimento do PSOL e da APS	63
3.5. PSOL: resoluções estatutárias instâncias de formação política	64
3.5.1 A estruturação e ações formativas das correntes do PSOL em Ribeirão Preto (São Paulo).....	66
4. Retratos de integrantes da nova geração do PSOL-RP: experiências anteriores de socialização política, conexão geracional, engajamento partidário e ações educativas que vivenciaram no Partido.....	70
4.1 Parâmetros adotados para a construção dos retratos dos jovens	71
4.2 Retratos de integrantes das novas gerações de filiados do PSOL-Ribeirão Preto.....	72

4.2.1 Silvana, 21 anos.	73
4.2.2 Carlos, 22 anos.	75
4.2.3 Diogo, 21 anos.	78
4.2.4 Helena, 22 anos.	81
4.2.5 Francisco, 30 anos.	83
4.2.6 Ramires, 29 anos.	86
4.2.7 Caetano, 24 anos.	88
4.3 Considerações sobre integrantes das novas gerações do PSOL-RP e sobre as trocas e transmissões que experienciaram no interior do partido.	90
4.3.1 Marcos etários e circunstâncias histórico-sociais e culturais de membros das novas gerações do PSOL-RP.	90
4.3.2 Experiências de socialização e educação política dos “novos” anteriores à filiação ao PSOL-RP.	93
4.3.3 Trocas e transmissões de socialização e educação política vividas no PSOL.	96
5. Retratos dos membros gerações adultas do PSOL-RP, ações educativas para formar politicamente os herdeiros, descompassos e tensões nos encontros e transmissões geracionais.	102
5.1 Retratos de integrantes da geração intermediária: dimensões de suas experiências partidárias.	103
5.1.1 Claudine, 35 anos.	103
5.1.2 Eduardo, 36 anos.	104
5.1.3 Douglas, 30 anos.	105
5.1.4 Rodrigues, 59 anos.	106
5.2 Marcadores histórico-sociais de integrantes das gerações adultas do PSOL-RP: “conexão geracional” e “destino comum”.	107
5.3 Trocas e transmissões geracionais com objetivo de formação política: pelos relatos dos integrantes das gerações adultas.	109
5.3.1 Os objetivos e os apoios literários e didáticos que orientam as ações e transmissões.	112
5.3.2 Ações educativas, as direções em que ocorrem as transmissões, e dificuldades diante da dinâmica intrapartidária.	113
6. Encontro entre as gerações e transmissões visando à formação política dos jovens no PSOL-RP.	116
Considerações Finais.	124
Referências Bibliográficas.	132
Apêndices.	141

1. Introdução

As inquietações que deram origem à realização da pesquisa que ora apresento os resultados finais, têm relações com o fato de estar engajado em partido político, ser dele um militante e filiado e também atuar profissionalmente como docente nas etapas do ensino fundamental e médio em instituições escolares públicas e privadas, condições que me permitem estabelecer interações e relações contínuas com representantes das novas gerações – adolescentes e jovens, e constatar que eles, muitas vezes, cruzam os valores, princípios, interesses e visões de mundo que internalizam no interior da família, nas experiências que constroem na educação escolar e outros que provêm de experiências de educação não escolar, em diferentes espaços e tempos: nos grupos de pares, nas atividades de cultura e lazer, em agrupamentos produtores de estilos juvenis, na internet e sua multiplicidade de territórios, e também naqueles territórios em que exercitam a participação cívica e política ou o ativismo em identidades coletivas, movimentos sociais, mobilizações de protestos, contestação, resistência e também em partidos políticos.

Outra fonte de inquietações que me conduziu ao estudo foram as manifestações ou as “jornadas de junho de 2013”, que tomaram ruas e avenidas de centros urbanos e metropolitanos, em que jovens e adultos foram portadores de um variado arco de palavras de ordem, de bandeiras, demandas e interesses individuais e/ou coletivos, muito delas politicamente conservadoras, discriminatórias, preconceituosas e mesmo reacionárias. Naquelas jornadas, pude constatar uma observação feita por Karl Mannheim ([1928]1993, 1982): que a “juventude seja em si mesma progressista e a velhice (...) conservadora, (...) pois as experiências do presente bastam para sublinhar que a geração de mais idade, (...) pode ser politicamente mais progressista que determinados círculos juvenis”. (Id, p. 215, tradução livre).

Naquelas manifestações chamou-me profundamente a atenção o rechaço que adultos e jovens faziam às associações partidárias, de maneira especial aquelas que se auto identificam com posições ideológico-políticas de esquerda. (BOBBIO, 1995).

1.1 Movimentações de ação direta no espaço público, crise de representatividade política e partidos políticos

A crise de representatividade política é um fenômeno mundial que atinge sociedades de diferentes latitudes, inclusive realidades nacionais com experiência democrática consolidada. Nas décadas iniciais do Século XXI, movimentações, ações coletivas, ondas de protestos e contestações, com a participação de membros das gerações adultas e das novas gerações, marcaram as esferas público-políticas de diferentes sociedades e ganharam visibilidade em escala diferenciada, na medida em que tornaram públicas questões e demandas econômicas, socioculturais e políticas¹.

A greve geral dos franceses e as intensas manifestações pelo casamento civil igualitário; as ocupações e o movimento de “indignados” que emergiram no contexto nacional espanhol, as movimentações sociais – principalmente com jovens – que caracterizaram o *Occupy Wall Street* na norte-américa; as greves gerais na Grécia e as mobilizações de amplos segmentos de sua classe trabalhadora (70% dos trabalhadores)², tratam-se de ações coletivas que podem ser interpretadas como sintomas de uma crise da democracia liberal representativa, mas também de uma crise que afeta especificamente a capacidade de representação dos sistemas políticos tradicionais naquelas sociedades.

No mesmo período, não foram somente as sociedades com tradição democrática e sistema político de representação relativamente estáveis que foram sacudidas por intensas mobilizações e manifestações sociais e políticas. Países que tiveram interrupção das suas democracias e instauração de regimes militares, bem como aqueles com frágil experiência democrática – onde a população vivia (ou ainda vive) sob regimes autoritários – também tiveram sua vida cotidiana e sistemas políticos abalados; como exemplos, é possível citar a queda de ditadores de países do norte da África (Líbia, Tunísia e Egito), o florescer da “primavera árabe” em países do médio oriente³ (Síria, Iêmen, Arábia Saudita e etc.), os “apaches”⁴ que ocuparam o parque Gezi e abraçaram as árvores da Praça Taksim, em Istambul, entre outros.

¹CARNEIRO, Henrique Soares. **Rebeliões e ocupações de 2011** - Apresentação. In. HARVEY, David et al. **Occupy**: movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo Editorial & Carta Maior, 2012.

²Disponível em: http://www.jn.pt/PaginaInicial/Mundo/Interior.aspx?content_id=3804261. Acessado em 06/11/2014.

³Silvio Caccia Bava, O despertar do mundo árabe. **Revista Dossiê 06**. Le monde diplomatique Brasil. 2011

⁴Termo que designa os jovens das periferias de Istambul, atribuído pelo sociólogo turco Ömer Miraç Yaman, no livro *ApaçiGençlik*. Disponível em: <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1587> ou *ApaçiGençlik* [Juventude apache], AcilimKitap, Istambul, 2013. Acessado em 07/11/2014.

Na realidade brasileira, recentemente, as manifestações de junho de 2013 foram intensas e tiveram repercussão internacional. É interessante ressaltar, no mínimo, três diferentes momentos durante as manifestações que se seguiram em junho de 2013: o primeiro, quando o Movimento Passe-livre chamou as manifestações em virtude ~~por~~ ~~causa~~ do aumento de vinte centavos no valor da passagem do transporte público e coletivo na cidade de São Paulo e na região metropolitana; no segundo momento, foi possível constatar a adesão de outros setores da sociedade e não só aqueles que estavam diretamente ligados à pauta da tarifa do transportes público (setores do movimento LGBT, movimento negro, juventudes de partidos políticos etc), e também a violenta repressão dos órgãos de segurança do estado de São Paulo sobre as movimentações. Já no terceiro momento, em que o movimento foi disputado pela grande mídia e por setores da direita política que se inseriram pautas no movimento e criminalizaram os setores juvenis mais radicais, contatou-se a chegada de jovens portadores de pauta difusa de reivindicações e também contrários a presença e participação de militantes/filiados partidários no movimento. (SINGER, 2013; NOBRE, 2013).

André Singer (2013), em *Dossiê: mobilizações, protestos e revoluções*, analisou as manifestações de protestos de junho de 2013 e construiu uma interpretação da “transmutação” que ocorreu naquelas movimentações. Para o pesquisador, foi possível constatar mudanças nas pautas do Movimento Passe-livre, disputa em relação à direção da ação coletiva e também o progressivo aumento de jovens apartidários. Singer (2013) avaliou, ainda, que quanto mais a movimentação tinha a adesão de jovens apartidários mais difusa e geral ficava a pauta das manifestações e mais intolerantes ficavam os participantes em relação à presença de partidos políticos.⁵

Pesquisa realizada pelo Datafolha, publicada em 18 de junho de 2013 (que podemos categorizar como o terceiro momento das manifestações), diagnosticou que 71% dos que estiveram presentes naquelas mobilizações participavam pela primeira vez de uma manifestação, 84% deles declararam não ter preferência partidária. Outra significativa marca daquelas ondas de protestos foi a utilização das redes sociais para a

⁵Também convém mencionar que no terceiro momento ocorreu um expressivo aumento do que irá ser chamado de “jovens-adultos”, com idades entre 25 e 39 anos. Singer (2013) chamou a atenção para o seguinte: “segundo a pesquisa do Ibope, na noite de 20 de junho, quando levadas em consideração as três principais reivindicações espontaneamente levantadas pelos manifestantes entrevistados, a mudança do ambiente político ficou em primeiro lugar, tendo sido mencionada por 65% dos presentes, com 50% fazendo referência especificamente à corrupção. A questão do transporte ficou em segundo lugar, com 54% das respostas, e os gastos com a Copa em terceiro, com 40%. Seria interessante pesquisar, no futuro, se houve alguma associação entre essas opções, a escolaridade e a renda dos entrevistados. (SINGER, pág. 4, 2013).

organização das movimentações e a definição das estratégias de ação. Dos participantes, 81% se informaram pelo *Facebook* e 85% dos que estavam presentes buscaram a Internet para obter informações⁶.

De acordo com o IBOPE (2013), no período das intensas manifestações, em enquete realizada em oito capitais brasileiras, constatou-se que 96% dos entrevistados declararam não estar filiados a nenhuma agremiação partidária e 89% não se sentiam representados por legenda partidária alguma⁷.

As mobilizações e ações de protestos mencionados, mesmo com especificidades caso a caso, podem ser tomadas com a ponta de um *iceberg* que denuncia a existência dos efeitos das mutações que ocorrem nas relações sociais, políticas e culturais, geradas, simultaneamente, pelo processo de globalização, a ampliação e diversificação dos meios de comunicação de massas, a chegada e afirmação de um novo “bloco de poder” articulado pela Internet e seus usuários - os *blogs*, as redes sociais, com capacidade de interferência na “esfera pública” e na “opinião pública”. (MARTUCCELLI, 2015).

Araújo (2004) diz que não é necessariamente fácil distinguir essa crise de representação política das institucionalidades ou mecanismos institucionais que promovem e põem em ação as formas de representação política - as eleições, o voto e sobretudo os partidos políticos, em diferentes sociedades:

Ao que tudo indica, [há] uma crise da representação política, crise que é difícil de distinguir da crise dos instrumentos dessa representação: os partidos políticos. (...) Explicações em níveis diversos devem ser buscadas. Podem ser levantados os sintomas de fadiga de cada sistema partidário específico e, nesse plano, as manifestações da crise nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Argentina e Brasil irão remontar a causas diferenciadas. Pode ser arguido, em adição, a presença difusa de uma crise do Estado-nação, em tempos de globalização, a incidir sobre as causas particulares da crise e somar-se a elas. Finalmente, num plano de generalidade ainda maior, podemos indagar se a globalização não avançou paralelamente a uma mudança rápida no próprio tecido da política. (Idib, p. 7.)

Sorj e Martuccelli (2008) afirmaram que a crise atual do sistema tradicional de representação política tem referências

as formas de participação cidadã se modificaram brutalmente nas últimas décadas. Os sindicatos, que foram um fator central, no século XX, no processo de integração e dignificação dos trabalhadores, entraram num processo de perda de densidade e, ainda que continuem

⁶ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296886-em-protesto-de-sp-maioria-nao-tem-partido-diz-datafolha.shtml>. Acessado em outubro de 2017.

⁷ Pesquisa do IBOPE divulgada pelo Estadão com o título “Apartidários são maioria no país pela primeira vez desde a redemocratização”. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,apartidarios-sao-maioria-no-pais-pela-primeira-vez-desde-a-redemocratizacao,986376>. Acessado em 08/11/2014.

a ser um fator importante na defesa de seus interesses corporativos, perderam, na maioria dos países, boa parte do papel de atores políticos e construtores de identidade que tinham anteriormente. **Os partidos políticos, igualmente, se encontram em situação de crise e muitas vezes são construções ad hoc que veiculam ambições circunstanciais de indivíduos** [isolados]. (Idib, p. 72; grifos meus; tradução livre).

Na América Latina em geral e no Brasil em particular, os partidos políticos que durante o século XX se tornaram importantes instituições de participação dos indivíduos e base da construção de identidades sociais, na atualidade, veem suas identidades, imagens e modos de agir erodidos, sendo variadas as tentativas de explicação desses acontecimentos.

Sobre a crise que vivem os partidos políticos de modo geral e os brasileiros em particular, Manim (2013) defendeu a ideia de que a erosão das fidelidades partidárias são marcas evidentes de perda de terreno dos partidos políticos contemporâneos como instituição bem definidas, identidades duradouras e redes sociais intensas com forte capacidade de aglutinação de identidades coletivas (Idib, p. 2). Todavia, o autor também indica que não se pode acreditar que os partidos políticos venham se enfraquecendo de forma generalizada: decisões parlamentares, proposição, formulação e eventual execução de políticas públicas ainda são prerrogativas de partidos que chegam ao governo do Estado. (Idib, p.3).

Para Miguel (2013), são três os “conjuntos de evidências” que sustentam a tese da crise de representação política dos partidos: “o declínio do comparecimento eleitoral, a ampliação da desconfiança em relação às instituições, medida por *surveys*, e o esvaziamento” das agremiações partidárias. (Idib, p. 24).

1.2 Crise do sistema institucional de representação, partidos políticos e jovens no Brasil

Em nossa realidade, a partir de junho de 2013, as manifestações de rua articuladas por integrantes de diferentes gerações ocorridas nas principais ruas e avenidas do país, demonstraram um claro descrédito com as associações partidárias, os modos como elas fazem política, com os “políticos profissionais” e com o sistema institucional da democracia representativa. Mais recentemente ainda, as manifestações *pró-impeachment* e as ações coletivas do “não vai ter golpe” ilustraram o aprofundamento do descontentamento social e uma quase repulsa moral – mesmo que seletiva – relativamente

ao sistema político e a um dos seus principais atores, os condutores dessa “carruagem”, os partidos políticos.

Jovens vinculados a agremiações partidárias que participavam das manifestações do “junho brasileiro”, portando bandeiras e vestindo camisetas de suas associações partidárias, foram repudiados e mesmo agredidos verbal e fisicamente durante as movimentações. A partir daquelas manifestações e nas que se seguiram, integrantes de diferentes gerações queimaram bandeiras de partidos políticos, demonizaram a cor “vermelha” e no interior de um determinado imaginário os partidos e o “vermelho” passaram a ser identificados com a “corrupção” e os “descaminhos” da vida social e da política institucional.

Em contrapartida, a partir de 2013, em muitas movimentações de rua, o “verde-amarelo” foi novamente alçado a testemunho do compromisso com uma ação política concebida como “legítima”, “patriótica”, “nacionalista” e saneadora dos descaminhos da política partidária.

Ademais, votos de protestos em figuras humorísticas ou pitorescas, diminuição da participação ativa nas eleições, aumento de votos nulos, diminuição dos números de filiados entre jovens e adultos, são também exemplos do repúdio e descontentamento social com a representação exercida pelos políticos e pelos partidos políticos.

As imagens sociais feitas pelos adultos e jovens sobre as agremiações partidárias expressam o quanto esses coletivos parecem estar desgastados na atualidade. É cada vez mais ampla uma percepção social de que as agremiações partidárias existentes no país estão associadas à corrupção, a falta de ética na prática política, ao autoritarismo e a ineficiência operativa, entre outras práticas.

A descrença das novas gerações de jovens nos partidos políticos não é fenômeno que se verifica apenas no Brasil, ela também foi constatada em outras realidades nacionais, tais como Portugal e Chile, por exemplo.

Marcos Lisi (2012) afirmou que “em 2002, a proporção de indivíduos que se identifica com um partido correspondia a 51.8%, passando a 45% nas eleições legislativas de 2009. Os jovens apresentam níveis inferiores de identificação com os partidos quando comparados com outras camadas da população”. Sobre os motivos dos baixos níveis de identificação e confiança dos jovens portugueses em relação aos partidos políticos do país, o autor argumentou:

Os dados disponíveis indicam que a distância entre cidadãos e partidos é particularmente significativa no que diz respeito aos jovens. **A maior**

desconfiança e visão crítica dos jovens em relação aos partidos não se prende apenas com o processo de socialização, mas também com a estratégia dos partidos que têm procurado mobilizar as faixas mais centrais da população, sem propor uma mensagem atractiva para os jovens. As opiniões negativas dos mais novos baseiam-se sobretudo no carácter oligárquico do funcionamento interno dos partidos, na incapacidade de representarem os seus interesses e na desconfiança nestes actores como veículo de participação. (Idib, p 17. grifos meus.)

Situação semelhante foi constatada na realidade chilena por Vicente Espinoza & Sebastian Madrid (2010), que constatarem a existência de numerosas indicações sobre a “defecção política” dos jovens chilenos em relação as agremiações partidárias e o crescente descrédito de que os partidos não os representam adequadamente. Resultados de pesquisa de abrangência nacional realizada em 2006 pelo Instituto Nacional de la Juventud – INJUVE, revelaram que

somente 7% dos jovens confiavam nos partidos políticos e 10% nos parlamentares, diferentemente dos 35% dos que acreditava no governo e na igreja e 52% que confiavam nas escolas e nos meios de comunicação. Considerando os dados, é evidente que os partidos políticos e seus representantes no Congresso possuem o maior descrédito entre a população jovem. (...) Mais ainda, (...) 88% dos jovens entrevistados consideram que os partidos não representam seus interesses, e paralelamente, 79% creem que existe uma grande despreocupação dos partidos políticos com os jovens. (...) A desconfiança dos jovens nas instituições de intermediação de interesses é concomitante com a sua menor inscrição eleitoral, o que reduz cada vez mais seu peso na massa de votantes. (Idib, p.12, tradução livre).

A diminuição do número de votantes juvenis chilenos contou com várias interpretações: uma delas deu destaque as “explicações de tipo motivacional”, dado o “desencanto ou a percepção negativa” dos jovens com o “sistema político e suas instituições”; outra explicação, complementou a primeira, ressaltando o fato de que as novas gerações valorizariam mais as

novas instancias de participação que respondem mais a valores e interesses individuais que coletivos. (...) A avaliação crítica das instituições políticas pelos jovens se acompanharia por um uso frequente de formas não institucionais de participação. Desta forma, as novas tendências juvenis se manifestariam em organizações menos formais, cuja flexibilidade chegaria ao ponto de substituir a rígida estrutura das organizações tradicionais. (Idib, p.13, tradução livre).

Já no final dos anos 90, Anne Muxel (1997), ao refletir sobre o afastamento dos jovens do sistema político tradicional e o não engajamento partidário dos mesmos, destacou explicações semelhantes às de Espinoza & Madrid (2010), observando que a recusa dos jovens a “etiquetas, o medo da ‘arregimentação’, do assujeitamento, e de toda restrição à liberdade de pensar ou de agir, [os] fazem rejeitar o engajamento de tipo partidário. O caráter definitivo do militantismo tradicional amedronta. (Idib, p. 162).

Contudo, mesmo que os jovens do presente se engajem e participem de movimentos, coletivos, ações de protestos e manifestações variadas, no espaço físico ou no universo da Internet, estudos acadêmicos recentes, realizados nas áreas da Educação e das Ciências Sociais, comprovam que muitos jovens também escolhem se envolver e se engajar em partidos políticos, mesmo que esses venham enfrentando um processo de enfraquecimento de seu papel institucional. (QUÉNIART & JACQUES, 2002; ESPINOZA & MADRID, 2010; BRENNER, 2011, 2014; SEIDL, 2014a, 2014b; MARTUCCELLI, 2015; TOKAIRIN, 2016).

O volume de informações – positivas e negativas - sobre a participação social e política dos jovens na contemporaneidade, e a disputa pela narrativa sobre ela pode nos levar a falsas interpretações e promover uma distorção sobre o quê de fato ocorre em relação ao envolvimento dos jovens em movimentos sociais ou estruturas e instâncias do sistema institucional de participação - partidos políticos, sindicatos, centrais sindicais etc. Do nosso ponto de vista, o volume de informações sobre a participação dos jovens é de tal monta que ao invés delas clarearem como de fato se dá a participação política dos atores juvenis ele promove uma espécie de cegueira, tal como a sugerida por José Saramago em sua obra *Ensaio sobre a Cegueira* (1995).

O conjunto de referências acima se prestam à montagem do complexo quadro do processo de mudanças que desde o final do Século XX vem marcando diferentes sociedades nacionais, inclusive a brasileira, afetando a esfera pública, a emergência e reordenação de blocos de poder, o sistema tradicional de representação política e suas históricas instituições, tal como as agremiações partidárias, sobretudo aquelas que se posicionam favoravelmente na luta contra as desigualdades, na defesa da conquista da igualdade social, com respeito às diferenças e aos diferentes. (MARTUCCELLI, 2015).

Por outro lado, ao se focalizar os partidos políticos no contexto do processo de enfraquecimento das instituições criadas pela modernidade, seria possível indagar como ele vêm enfrentando as mudanças em curso e como têm agido no sentido de socializar e educar politicamente as novas gerações juvenis, de maneira a preservar o patrimônio

histórico que conquistou, como têm agido no sentido de transmitir o legado/a herança, em meio a mudança, a descontinuidade?

1.3 Objetivos e questões centrais da investigação

Ao entender o partido político como uma “associação que visa a um fim deliberado, seja ele objetivo como a realização de um plano com intuítos materiais ou ideais, seja pessoal, isto é, destinado a obter benefícios e poder” (OPPO, 1998, p. 898), e também com um “agente” de socialização e educação política de “quadros”, militantes e da sociedade mais ampla (CASSIN, 1995), o estudo assumiu como objetivo apreender e analisar os modos como as gerações adultas de partido político com presença em Ribeirão Preto socializam e educam politicamente os jovens, em meio as trocas e transmissões geracionais.

A partir de aportes teóricos das áreas das Ciências Sociais e da Educação, buscou-se respostas as seguintes questões:

- 1) quais são os mecanismos, canais, projeto(s), processos intencionais ou não concebidos pela geração adulta da agremiação partidária para socializar e educar politicamente os integrantes das novas gerações – militantes e filiados?;
- 2) como se desenvolvem os projetos e processos de socialização e educação política dos mais novos?
- 3) quais sentidos de política e política partidária são transmitidos pelas gerações adultas às novas gerações de filiados ou militantes?
- 4) quais valores, ideias, representações políticas, visões de mundo transmitidos nos encontros entre as gerações os jovens militantes e filiados internalizaram e usaram em seus processos de subjetivação e conquista de autonomia?

Ao compreender a socialização e educação política dos mais novos no interior de partidos, no contexto das relações e transmissões intergeracionais, entende-se que a pesquisa se filia ao campo dos estudos da juventude e suas relações com a educação não escolar, na medida em que nela é possível apreender um conjunto de práticas não formais e também propostas “fortemente estruturadas, com bases institucionais sólidas, distantes do que poderia ser consagrado tradicionalmente como o campo do não-formal”; além do mais, no âmbito da educação não escolar é possível verificar ainda dois traços que lhe distingue em relação à educação escolar: nele há “uma heterogeneidade conceitual e

empírica significativa” e constata-se “a adesão voluntária do sujeito” (SPOSITO, 2008, pág. 88.).

1.4 Aportes teóricos adotados na pesquisa

Desde o ingresso no Programa de Mestrado, e diante do objetivo e questões principais do estudo que me propus a desenvolver, parte das atividades de pesquisa foi dedicada a busca, seleção e leitura de obras (livros e artigos) tratassem diretamente:

a) dos temas das relações entre jovens e participação política na atualidade, em diferentes movimentos, formas de associação política e manifestações, momento em que foram selecionados e lidos os trabalhos de Ann Mische (1997), Anne Muxel (1997), Anne Quéniard & Julie Jacques (2002), Caetano Ernesto P. Araújo (2004), Bernardo Sorj e Danilo Martuccelli (2008), Marcos Lisi (2012), Ana Karina Brenner (2010; 2014), André Singer (2013), Ernesto Seidel (2014a; 2014b), Vicente Espinosa & Sebastián (2010), Danilo Martuccelli (2015), Matheus G. Tokairin (2016), entre outros;

b) do conceito de gerações, relações e transmissões inter geracionais no âmbito das Ciências Sociais. No conjunto das obras identificadas, foram escolhidos e lidos os textos de Karl Mannheim (1993), Margaret Mead (1970), Jean-Claude Forquin (2003); Marilena Nakano (2005), Sebastián Madrid (2005), Janice Tirelli Ponte de Sousa (2006), Kimi Aparecida Tomizaki (2006, 2010), Carles Feixa & Carmen Leccardi (2010) e Wivian Weller (2010).

c) da conceituação e definição de partidos políticos na modernidade, a exemplo de Ana Oppo (1998), Paulo Bonavides (2000), Max Weber (2004), Antônio Gramsci (2001), Geraldo Magella Neres (2012), Karl Marx & Friedrich Engels (1982; 2003) etc.

d) do partido político como organização ou agente educador, assim, foram acessadas e lidas as produções de Marcos Cassin (1995), Gilmar Henrique da Conceição (1999), Roberto Bitencourt da Silva (2008), Geraldo Magella Neres (2012).

1.5 Procedimentos e estratégias metodológicas

No estudo adotou-se procedimentos e estratégias de abordagem qualitativa, na medida em que busca compreender fenômeno educativo e político complexo, em escala

microsocial (MARTINS, 2004), a partir de imersão nos ambientes naturais em que ocorrem as relações entre as gerações, as transmissões, a socialização e a educação política dos mais “novos”.

À imersão mencionada, foram associados outros procedimentos metodológicos, tais como:

- 1) a busca, seleção e leitura de trabalhos acadêmicos que abordaram temáticas/questões semelhantes ou próximas à desta investigação, nas seguintes bases de dados: Banco de Teses CAPES; Sistema Dedalus-USP e Scielo;
- 2) leitura e seleção de obras de autores das Ciências Sociais e da Educação que abordaram os temas da socialização e educação de jovens, em contextos institucionais e não institucionais, mediante trocas e transmissões geracionais;
- 3) a escolha do partido político com práticas e processos intencionais ou não de socialização e educação política dos mais novos, no conjunto das agremiações partidárias situadas e atuantes em Ribeirão Preto/SP;
- 4) levantamento de documentos oficiais e não oficiais do partido escolhido;
- 5) observação direta de práticas, processos, encontros, acampamentos, debates promovidos pelo partido político selecionado, de modo a apreender e compreender as trocas e transmissões intergeracionais mais recorrentes, no processo de transmissão da herança;
- 6) realização de entrevistas de tipo compreensiva (FERREIRA, 2014) com integrantes da geração jovem e das gerações adultas.
- 7) Discussão, análise e interpretação dos dados coletados em campo.

1.6 A agremiação partidária em que a pesquisa se desenvolveu

De acordo com dados fornecidos pela agência do Tribunal Regional Eleitoral em Ribeirão Preto, em 2015, do total de trinta e cinco (35) partidos registrados no Tribunal Superior Eleitoral - TSE, o município contava com vinte e dois (22) em pleno funcionamento, tais como o Partido dos Trabalhadores - PT, Partido da Social Democracia Brasileira - PSDB, Partido Comunista do Brasil - PcdB, Partido Comunista Brasileiro - PCB, Partido do Movimento Democrático Brasileiro - PMDB, Partido Progressista - PP, Partido Socialismo e Liberdade - PSOL, Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado - PSTU, Partido Democrático Trabalhista - PDT, entre outros.

Na localidade, em 2015, ainda que de modo não sistemático, era de domínio público que partidos como o PT, PSDB, PSOL, PSTU, PC do B, PCB, PDT e DEM realizavam investimentos formativos – intencionais ou não - de integrantes das novas gerações. Daquele conjunto de agremiações, foi possível identificar claramente a existência de setoriais ou de espaços formativos de juventude no interior do PC do B (com a União da Juventude Socialista – UJS), do PCB, do PSTU e do PSOL (com dois coletivos – Juventude, Socialismo e Liberdade – JSOL e JUNTOS) e do PT.

Aos seis (06) partidos com setoriais, espaços ou coletivos de juventude, encaminhou-se consulta formal, na qual se apresentava os objetivos da pesquisa e solicitando permissão para que o estudo pudesse ocorrer em seus respectivos espaços-tempos. A única agremiação que concedeu resposta formal ao pedido foi o Partido Socialismo e Liberdade – PSOL. Além do mais, como afirmado acima, este partido contava com coletivos juvenis.

É importante esclarecer que nas diferentes fases da pesquisa o indivíduo “jovem” foi compreendido como aquele que em termos etários tem entre 15 e 29 anos de idade, tal como indicado pela Lei Federal 12.852 de 2013 - Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013).

Durante as atividades de campo, foram respeitados os aspectos éticos da pesquisa com seres humanos, descritos na resolução do Conselho Nacional de Saúde de nº 466/2012, na qual se define sobre o respeito à dignidade e autonomia do (a) entrevistado (a) e sua vulnerabilidade; assegurando sua livre-arbítrio em contribuir ou não, permanecer, ou não na pesquisa, validando sua participação em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

1.7 Os integrantes das gerações jovem e adultas que contribuíram com o estudo

O PSOL-RP se organiza e desenvolve suas atividades políticas internas e externas através da mediação de duas tendências/correntes a Ação Popular Socialista - APS e Movimento Esquerda Socialista – MES. Dada tal situação, o caminho adotado foi o de formular convite a representantes das gerações jovens e adultas do Partido, considerando-se o pertencimento àquelas correntes. Desta forma, aceitaram colaborar com estudo⁸: seis (7) jovens, com idades entre 21 e 30 anos, sendo 3 representantes da APS e 3 representantes do MES, e um (1) jovem, militante/filiado que se declarou “independente” (Quadros I e II). Tem-se então a seguinte configuração dos jovens entrevistados: i) da APS: Helena, Francisco e Ramires; ii) do MES: Carlos, Diogo e Silvana. E Caetano,

⁸Nomes fictícios.

jovem militante/filiado e “independente” de corrente/tendência interna ao PSOL. E quatro (4) adultos dirigentes ou não do PSOL-RP: dois vinculados a APS (Rodrigues e Douglas) e dois pertencentes ao MES – um homem (Eduardo) e uma mulher (Claudine).

QUADRO I - DADOS EXTRAÍDOS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM MILITANTES DO PSOL-Ribeirão Preto, INTEGRANTES DA GERAÇÃO JOVEM, 2017

Nome	Idade e local de nascimento e estado civil declarados à época da entrevista	Último grau de escolaridade que atingiu (que se encontrava)	Relação com o mundo do trabalho (momento da entrevista)	Ano de filiação ao PSOL e tendência que se vinculou
1. Helena	22 anos de idade; Canápolis; Solteira; MG (cidade do triângulo mineiro, entre Uberlândia e Ituiutaba);	4º semestre do curso superior de Publicidade e Propaganda em IES privada.	Desempregada. Procurava estágio	2013 APS/JSOL/Manifesta
2. Silvana	21 anos de idade; Solteira; Ribeirão Preto, SP	Cursava bacharelado em Direito em IES privada; bolsista do PROUNI;	Trabalhou em telemarketing; fez estágio; estava desempregada.	2015 MES/JUNTAS/JUNTOS
3. Caetano	24 anos de idade; Solteiro; Ribeirão Preto, SP	Ensino superior completo, bacharel em Direito, por IES pública estadual	Estava desempregado .	2013; declarou-se Independente
4. Carlos	22 anos de idade; Solteiro; Ribeirão Preto, SP	Cursava o 4º ano de Direito em IES privada, com bolsa do PROUNI	Desempregado. Faz estágio remunerado na área do Direito	2013, MES
5. Diogo	21 anos de idade; Solteiro; São Paulo, SP Migrou para Ribeirão Preto em 2006	Ensino médio completo, concluído em escola pública estadual	Recepcionista em empresa privada da área hospitalar	2013, MES
6. Francisco	30 anos de idade; Guarujá/SP; Solteiro. Migrou para Ribeirão há sete (7) anos.	Recursos Humanos; Realizava o curso superior de Educação Física.	Desempregado	2013, APS/JSOL/ Manifesta
7. Ramires	29 anos de idade; Solteiro; Ribeirão Preto, SP	Ensino superior completo, Lic. em Pedagogia, em IES pública estadual.	Empregado, atuava como docente em escolas da rede pública de ensino	2013 APS/JSOL/ Manifesta

Fonte: CASTRO, R. F., 2017

**QUADRO II - DADOS EXTRAÍDOS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM
MILITANTES DO PSOL-RIBEIRÃO PRETO, INTEGRANTES DAS GERAÇÃO
ADULTA, 2017**

Nome	Idade, sexo, local de nascimento, estado civil	Nível mais elevado de escolaridade atingido	Relação com o mundo do Trabalho, quando ocorreu a entrevista	Ano de filiação ao PSOL	Declaração de vínculos com correntes/tendências no PSOL	Posição ocupada no PSOL-RP
Claudine	35 anos de idade; República da China-Taiwan; Migrou para o Rio G.Sul União civil estável	Pós-graduação, Doutorado, Em IES pública	Docente do ensino superior em IES pública estadual	2012	MES	Organização e enraizamento do Partido em RP; Organização das atividades do MES em RP; Concepção e execução de ações educativas.
Eduardo	36 anos de idade; Sto. Augusto, RS; União civil estável	Cursando Pós-graduação Mestrado acadêmico <i>stricto sensu</i> em IES pública	Funcionário do Banco do Brasil	2004	MES	Exercia função na deliberativa interna do PSOL-RP; Coordenação e organização das atividades do MES em RP e na região;
Douglas	30 anos de idade; Ribeirão Preto, SP; União civil estável	Ensino superior completo, em Ciências Sociais, em IES pública estadual	Docente do ensino fundamental e médio em escolas das redes públicas e particular de ensino	2004	APS	Organização das atividades do PSOL e da APS em RP; Concepção e execução de ações educativas
Rodrigues	59 anos de idade; Jardinópolis, SP Casado	Ensino superior incompleto, frequentou curso de Direito em IES particular	Assessor de Deputado federal do PSOL	2004	APS	Coordenação regional do PSOL na região nordeste do estado de São Paulo.

Fonte: CASTRO, R. F., 2017

1.8 Condições de realização das entrevistas, tempo de duração dos diálogos e transcrições dos diálogos

As entrevistas com jovens foram realizadas nos locais de suas escolhas. Alguns, preferiram se deslocar até a Universidade de São Paulo para que as entrevistas fossem realizadas na sala do orientador desse estudo, (Diogo, Caetano, Carlos e Ramires); outros jovens escolheram locais como *shopping center* (Silvana), praça pública (Helena) e a própria residência (Francisco).

Aos integrantes das gerações adultas, sugeri que as entrevistas fossem realizadas na sala do orientador da pesquisa na IESs em que ele leciona, o que foi prontamente aceito. Todos tiveram a liberdade de interromper o depoimento em qualquer momento de sua ocorrência.

Cada entrevista teve uma duração de aproximadamente oitenta (80) minutos. As transcrições dos diálogos foram por mim realizadas.

Além deste capítulo introdutório, a dissertação foi estruturada em mais cinco (5) capítulos e considerações finais.

No segundo capítulo, a partir de contribuições de Mannheim ([1928]1993, 1982), Mead (1970; 1977), Forquin (2003), Nakano (2005), Tomizaki (2005, 2010, 2016), Feixa & Leccardi, (2011), Weller (2009; 2010), discorro sobre as noções de gerações, trocas e transmissões entre as gerações e suas relações com a socialização e a educação; também sobre as noções de socialização, socialização política e educação (escolar e não escolar), neste caso os autores agenciados foram Berger & Luckmann (2004), Setton, (2002); Martuccelli (2005) e Schmidt, 2000). Tais noções serviram de “operadores analíticos” (MARTUCCELLI, 2013) nas atividades de campo e para a análise dos resultados obtidos nas entrevistas com jovens e adultos.

O terceiro capítulo foi destinado ao esclarecimento da noção de partido político que utilizei, uma breve reflexão sobre os partidos políticos no Brasil, sobretudo após ao período de reinstalação do pluripartidarismo na realidade brasileira; na sequência, apresento apontamentos sobre a criação do PSOL e sobre suas características, instalação e sobre sua ação em Ribeirão Preto.

Os retratos que elaborei contendo dados sociodemográficos, socioculturais, informes sobre processos de socialização política dos jovens e seus movimentos de aproximação e engajamento ao PSOL-RP, foram apresentados no capítulo 4. Nele, ainda, apresento e analiso as ações educativas que experienciaram no contexto das trocas e

transmissões geracionais no PSOL-RP e outras localidades, assim como disorro sobre percepções e avaliações que eles construíram sobre as ações educativas que vivenciaram.

O capítulo 5 foi reservado à apresentação dos retratos dos integrantes das gerações adultas do PSOL-RP (também contendo dados sociodemográficos, socioculturais, informes sobre processos de socialização política anteriores ao engajamento ao PSOL, e as posições que ocupam no PSOL-RP). Ainda de suas entrevistas, apresento e analiso as ações educativas que propuseram aos “novos” do município, e abordo as críticas que formularam as ações.

No último capítulo (6), dou atenção aos temas, questões, críticas que adultos e jovens formularam sobre as ações educativas oferecidas pelo PSOL em Ribeirão Preto e outras territorialidades, e as contribuições que eles delas extraíram para os seus processos identitários, de subjetivação e conquista de autonomia.

Por fim, algumas considerações sobre as contribuições recorrentes e diferenciais que as ações educativas ofereceram aos jovens, os descompassos e tensões que delas emergiram, e as potencialidades que elas carregam para renovar/rejuvenecer/revitalizar o PSOL-RP em tempos de rechaço e de descrédito dos partidos políticos na realidade brasileira.

2. Socialização e educação de natureza política, gerações, trocas e transmissões geracionais

Na modernidade, a socialização e a educação dos mais novos ocorrem em diferentes círculos ou espaços sociais e culturais, envolvendo interações e relações com integrantes do grupo de relações primárias - família, e aquelas que implicam outros coletivos ou instituições, a socialização secundária - a escola, o grupo de pares, a universidade, o mundo do trabalho, o matrimônio, o território da Internet, os meios de comunicação de massa, formações associativas, ações coletivas, entre outros. (BERGER & LUCKMANN, 1973; PAIS, 1998; MISCHÉ, 1997; SETTON, 2002; MARTUCCELLI, 2013, 2015).

No interior daqueles variados círculos, os mais novos são expostos, se apropriam e internalizam um conjunto valores morais e éticos⁹, representações, atitudes, ideologias e visões de mundo. Em virtude dos itinerários que cumprem os indivíduos em diferentes momentos do curso da vida, o processo socializador se conforma com “fenômeno histórico complexo e temporalmente determinado”, pois concretizado em “espaço plural de múltiplas relações sociais; (...) um campo estruturado pelas relações dinâmicas entre instituições e agentes sociais distintamente posicionados em função de sua visibilidade e recursos disponíveis”. (SETTON, 2002, p. 109).

Ao se considerar o contexto no qual os jovens filiados e militantes de partidos políticos estão inseridos, é perceptível a ação dos “submundos institucionais” ou da

⁹De acordo com Machado Pais (1998, pp. 17-9), a noção de ética pode assumir os sentidos de “finalidades de vida e meios de as alcançar (...), mas também (...) [o] de *ethos*”, como “ideia de *cultura moral*”. Valores também não tem um único sentido: podem ser entendidos como “‘estratégias de adaptação’ que os indivíduos usam para organizarem adequados modos de ajustamento aos seus meios sociais envolventes - na linha (...) de um certo ‘naturalismo evolucionista’, (...) representado em algumas correntes da *sociobiologia*, mas também em alguma sociologia estruturo-funcionalista de inspiração durkheimiana, em que eles aparecerem referidos a modelos ou pautas generalizadas de conduta, sem que se explicitem claramente os seus referentes empíricos concretos. Aqui, os **valores podem adquirir um carácter normativo**, (...) assumindo um significado próximo do de *normas*, ao orientarem condutas, valoradas de um ponto de vista moral ou, pelo menos, relativamente ajustadas a determinados contextos sociais.” (...) Os *valores* não devem confundir-se com *atitudes*, muito embora estas possam expressar aqueles. (...) As *atitudes* são opiniões que expressam sentimentos, emoções, reações a favor ou contra algo, enfim, valorizações”. (grifos do autor).

Normas, “são propriedades emergentes ou constituintes da estrutura social e que são socialmente compartilhadas; (...) se (...) cada contexto cultural as condutas podem ser apreciadas em termos da sua adesão a determinadas normas, podemos aceitar a a definição de normas como ‘regras apropriadas’ de comportamento, socialmente definidas, orientadoras de condutas em determinados contextos. (...) As normas compreendem regras escritas ou não escritas que asseguram a regularidade da vida social. Em certa medida são ‘variáveis inferida’ que se podem reconstruir, por dedução, em função de diversos dados: costumes, tradições, usos, condutas, modos de vida, hábitos, etc.” (Idib, grifos do autor).

socialização “baseada nas instituições”. Tal ação socializadora foi definida por Berger & Luckmann (2004) como “socialização secundária”, entendida como:

(...) a aquisição do conhecimento de funções específicas, funções direta ou indiretamente com raízes na divisão do trabalho. Há certa justificação para esta definição estreita, mas isto não significa de modo algum toda a história. A socialização secundária exige a aquisição de vocabulários específicos de funções, o que significa em primeiro lugar a interiorização de campos semânticos que estruturam interpretações e condutas de rotina em uma área institucional. (Idib, p. 185).

Se a socialização secundária pressupõe a primária, pois a segunda não acontece sem a primeira, ou seja, se existe “o papel determinante do ambiente familiar e dos valores assimilados na infância e adolescência para a formação de disposições sobre política”, por sua vez, “as múltiplas socializações secundárias, que se estendem ao longo da vida, são capazes de reconfigurar valores e comportamentos adquiridos no seio familiar”. (TOMIZAKI, 2016).

Durante a realização das entrevistas com os jovens e adultos do PSOL-RP, ficou evidente o valor da participação política no seio familiar, pois enfatizaram as experiências e discussões de/sobre participação política no interior da família, com integrantes de diferentes gerações (FORQUIM, 2003). A participação política em agremiações tradicionais, a identificação partidária e o engajamento dos familiares em movimentos sociais se mostraram relevantes para a “sociabilização política” dos jovens que, posteriormente, ingressaram no PSOL.

O termo “socialização política” vem sendo amplamente discutido e trabalhado, desde a segunda metade do século passado. A definição que adotamos foi a de TOMIZAKI (2016):

a socialização política, por sua vez, é uma das dimensões do processo de socialização, e diz respeito especificamente à transmissão e à aquisição de valores, condutas, percepções e preferências sobre política. Sendo assim, podemos afirmar que todo indivíduo é socializado politicamente, embora as características e efeitos desse processo possam variar enormemente: em um plano micro, segundo a origem social, trajetória familiar, nível de instrução, ocupação ou profissão dos indivíduos; e em um plano macro, em função de determinadas conjunturas econômicas, sociais e políticas. (Idib, p. 938).

Contudo, é alertado por Tomizaki (2005; 2010) que compreender melhor a socialização política perpassa tanto pelo se debruçar nos estudos e pesquisas sobre os efeitos das transmissões quanto nos acontecimentos políticos.

Na atualidade, o histórico e complexo processo socializador dos mais novos, envolve, na grande maioria das situações e experiências, as interações, trocas e transmissões que envolvem os integrantes do mundo adulto e suas instituições e as crianças, adolescentes e jovens, isto é, interações e trocas sociais e culturais que se dão entre representantes de diferentes gerações.

2.1 Sobre a noção de geração e seus diferentes significados

Nas áreas das ciências sociais e da educação, a noção de geração ainda é intensamente debatida, a partir de uma “pluralidade de significados” (FEIXA & LECCARDI, 2010, p. 187), ao ponto de alguns pesquisadores afirmarem que a noção “sofre um problema crônico de imprecisão conceitual, sendo utilizada, muitas vezes, de maneira excessivamente fluida e perigosamente influenciada pelo uso cotidiano” (TOMIZAKI, 2010, p. 330).

A imprecisão mencionada por Tomizaki (2010) foi explorada por Forquin (2003) quando observou que tanto na linguagem corrente quanto no campo da educação, o termo geração pode assumir pelo menos três “acepções”: uma delas com sentido “genealógico” de “filiação”; também pode assumir o sentido de “classe ou categoria de idade” quando entram em uso os termos “jovem geração”, “gerações adultas” etc. O terceiro sentido ancora-se em perspectivas “histórica e sociológica”, de perspectiva mannheimiana, quando designa “um conjunto de pessoas que nasceram mais ou menos na mesma época e que têm em comum uma experiência histórica idêntica e/ou uma proximidade cultural” (Id. ib, pp. 2-3).

No campo da teoria social, no século XX, três obras tornaram-se referências sobre o tema da(s) geração(ões)¹⁰: a de José Ortega y Gasset ([1923]1966) - *La idea de las generaciones*¹¹, o ensaio sociológico de Karl Mannheim ([1928]1993; 1982) - *O problema das gerações*¹², e o livro de Shmuel Noah Eisenstadt (1976) – *De geração a geração*.

¹⁰Feixa & Leccardi (Idib, p.185-6) fazem referências a três momentos históricos do Século XX, “com quadros sociopolíticos particulares”, em que vieram a público textos sobre a noção de geração: nos anos de 1920 – o “entre guerras”; na década de 1960, com os movimentos de contestação e protestos juvenis; e nos anos de 1990 – com a “emergência da noção de sociedade em rede”.

¹¹ Publicado em 1923, no interior da obra *El tema de nuestro tempo*.

¹²O texto de Karl Mannheim foi originalmente redigido em alemão e veio a público em 1928. Neste estudo usei a versão feita diretamente do original por autores da *Revista Española de Investigaciones Sociales - REIS*, nº 62, de 1993. Também me servi da versão do texto elaborada em português, publicada em livro organizado por Marialice M. Foracchi, **Karl Mannheim**: sociologia, pp. 67-95.

Ortega y Gasset defendeu a ideia de “geração como o “‘conceito mais importante da história’” e destacou que “as pessoas nascidas em um mesmo tempo partilham da mesma ‘sensibilidade vital’ que se opõe às gerações anteriores e mais recentes e que define sua ‘missão histórica’”. Ao se colocar contra a revolução russa e o fascismo, defendeu as ideias da “força de regeneração dos jovens”, a potência que tinham para substituir o “proletariado como sujeito emergente, desta forma: “‘a sucessão geracional’ substituiria a ‘luta de classes como motor da mudança’. (...) Mais tarde, o filósofo publicou *El método histórico de las generaciones* que permitiu a compreensão do curso da história, partindo da ideia de que cada relevo geracional tem lugar a cada 15 anos.” (FEIXA & LECCARDI, 2010, p. 196)

O trabalho de Eisenstadt (1976)¹³, fundamentado na sociologia norte-americana estrutural-funcionalista de Talcott Parsons, destacou mais a reprodução do que a mudança social, pois o pesquisador buscou compreender

em que condições a idade é decisiva para a ‘alocação de papéis’ e para as ‘fronteiras’ entre os grupos, e (...) descobrir se a graduação etária leva a interações concretas. Chegou à conclusão que em ‘sociedades universalistas e de realização’ (...) um indivíduo não pode atingir *status* pleno seguindo somente os padrões atributivos e particularistas da família. Isso enseja grupos etários homogêneos, que **tornam mais fácil** a transição da família para a sociedade mais ampla: os jovens podem manter a segurança emocional e expressar sua ‘personalidade total’ – através de relações atributivas, que são, contudo, difusas, solidárias e orientadas coletivamente. Esses grupos funcionam como um grupo ‘primário’, que é, entretanto, aberto. Isso se dá sem prejuízo de sua perspectiva universalista e também instrumental em grande medida. Os grupos homogêneos de idade desempenham, portanto, uma *função integrativa*, além de manifestarem uma ‘tendência inerente à solidariedade’, graças à ‘definição comum de espaço de vida e destino’ e ao ‘compartilhamento de tensões e experiências emocionais’. (Idib, p. 83; grifos do autor).

Para Feixa & Leccardi (2011), o ensaio de Mannheim trata-se de “um ponto de inflexão na história sociológica do conceito” (Idib, p. 17), pois é “o mais completo esforço de caráter sociológico na constituição de uma ‘teoria das gerações’” (TOMIZAKI, 2010, p. 330).

De modo diferente de Eisenstadt (1976), Mannheim considerou as gerações como um operador analítico potente para se estudar a “**dinâmica das mudanças sociais** (sem recorrer ao conceito de classe e ao núcleo da noção marxista de interesses econômicos), de ‘estilos de pensamento’ (...) e da ação de uma época. (Feixa & Leccardi, 2010, p.189).

¹³Publicado pela primeira vez 1956, com o título *From Generation to generation*.

Ao discorrer sobre a matriz mannheimiana sobre geração”, Weller (2010) observou que aquele sociólogo

e sua acurada elaboração sobre **a posição, a conexão e a unidade geracional [rompeu] com a ideia de uma unidade de geração concreta e coesa e nos instiga a centrar nossas análises nas intenções primárias documentadas nas ações e expressões de determinados grupos, ao invés de buscarmos caracterizar suas especificidades enquanto grupo.** (...) sua perspectiva não representa apenas uma contribuição teórica para os estudos sobre gerações, mas também uma proposta teórico-metodológica de pesquisa, capaz de superar as dimensões binárias presentes em algumas correntes teórico-metodológicas. (Id.ib, p 219; grifos meus).

2.2 A perspectiva sociológica sobre o problema das gerações de Karl Mannheim¹⁴: breves apontamentos

A partir da leitura de *O problema das gerações*, dividi o texto em duas seções¹⁵, de forma a esclarecer as contribuições que dele extrai à realização deste estudo.

Identifico a primeira seção com o esforço de Mannheim (Idib) em desenvolver uma análise crítica de como o problema foi abordado tanto pela sociologia francesa positivista (do século XIX e a do início do XX) como pela corrente histórico-romântico alemã, daqueles mesmos períodos. A segunda seção do texto, a identifico com o empenho do autor em delimitar o fenômeno das gerações em perspectiva sociológica e histórica.

Ao tratar do estado da questão dos estudos sobre o problema das gerações em 1928, Mannheim ([1928]1993;1982) criticou a posição que Auguste Comte apresentou sobre questão geracional ao relaciona-la aos temas da mudança e do “progresso” sob um ângulo exclusivamente numérico, quantitativo – o tempo médio de uma geração seria de trinta (30) anos, fator que impulsionaria a mudança pois a nova geração traria com ela a renovação e o progresso.

Após enfatizar os limites deste ponto de vista, Mannheim argumentou que o problema admitiria um tratamento distinto, como por exemplo o dado por autores

¹⁴Durante a pesquisa usei as versões em espanhol (1993) e em português (1982) de *O problema das gerações*. Neste trabalho, quando usei o recurso da citação daquele ensaio, o fiz a partir de tradução livre da versão em espanhol.

¹⁵Neste item do capítulo, guiei-me por contribuições de dois textos de Wiwian Weller: *O conceito de gerações e de juventude na obra de Karl Mannheim* (2009) e *A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim* (2010).

relacionados ao pensamento histórico-alemão dos Século XIX e XX, em especial os filósofos Wilhelm Dilthey e Martin Heidegger, e o historiador da arte Wilhelm Pinder.

De Dilthey, Mannheim (Idib) recuperou duas ideias sobre o problema geracional: a primeira concernente ao fato de que a questão não era de “mensurabilidade quantitativa”, mas de entendimento “exclusivamente [qualitativo] do tempo interior da vivência” e experiências construídas pelos indivíduos, “tempo interno que só pode ser apreendido subjetivamente e objetivamente” (WELLER, 2009, p. 3); e dada a potência contida na ideia de unidade de geração formulada por Dilthey, seria possível compreender de maneira menos linear e mecânica “o transcurso dos movimentos espirituais” (Id. p. 199). A segunda ideia que distinguiu Mannheim (Idib) na produção daquele filósofo foi a de que o “fenômeno da geração não [é] apenas de sucessão”, meramente cronológica, mas de “contemporaneidade” do laço geracional, isto é,

os indivíduos que crescem como contemporâneos experimentam – nos anos de grande receptividade como posteriormente, as mesmas influências diretrizes da cultura intelectual que os molda e da situação político-social. **Constituem uma geração, uma contemporaneidade, porque essas influências são unitárias. Se produz assim um vínculo/um laço: se passa a se considerar que, no lugar de um simples dado cronológico, a contemporaneidade significa, na história do espírito, a existência de influências similares.** (Idib, p. 199; grifos meus).

Esse vínculo, entendido como um “destino coletivo”, “um destino comum”, é muito mais forte que uma soma de “destinos individuais” e não se confunde com a ideia de “estar um com o outro em um mesmo mundo”, atados a uma “mesma situação diante da clausura de determinadas possibilidades”. A força ou “o poder do ‘destino coletivo’ se libera diante da comunicação, da luta. (Idib, p. 200; tradução livre)

A partir dessas formulações, Mannheim (Idib) dialogou com Pinder e extraiu de suas formulações o argumento de que além da “contemporaneidade”, que vincula geracionalmente os indivíduos, há a “**não contemporaneidade dos contemporâneos**”, ou a não coetaneidade dos coetâneos:

como o único tempo verdadeiro é o tempo vivencial, pode-se afirmar que todos vivem um tempo interior que é qualitativamente diferente dos outros. Cada indivíduo vive com outros de sua idade e com outro de idades distintas em uma plenitude de possibilidades contemporâneas. **Para cada indivíduo o mesmo tempo é uma realidade distinta, isto é: uma época distinta e própria dele, que apenas compartilha com seus coetâneos.** (Idib, p. 200; grifos meus;).

De Pinder, Mannheim também se apropriou criticamente da categoria “enteléquia”; noção que indicaria a “unidade qualitativa” de uma geração - ou a sua “destruição”, atrelada as suas “metas íntimas” e atadas ao “espírito do tempo” de uma época. Se Mannheim admite a riqueza daquela noção, a ela não adere totalmente, pois critica os excessos de Pinder, identificando-os com “especulações imaginativas”.

De acordo com Weller (2009),

trata-se de um erro fatal seguir acreditando que só nos deparamos com um autêntico problema geracional quando estamos em condições de demonstrar **a existência entre o ritmo de uma geração e outra de um intervalo fixo e idêntico a todas elas**. Mannheim destaca (...) ser preciso abandonar o caminho da ‘especulação imaginativa’ e **levar em conta que o ritmo biológico reage no elemento do acontecer social**. (Idib, p. 3; grifos meus)

Ainda segundo a socióloga brasileira, Mannheim desenvolverá sua perspectiva sociológica sobre o problema das gerações, a partir das categorias “não contemporaneidade dos contemporâneos” e “enteléquia geracional”. Primeiro, admitindo que uma geração ou uma “unidade geracional” não conduz necessariamente a configuração de “grupos concretos, (...) preocupados em constituir uma coesão social”, mesmo que algumas “unidades gerais” se tornem grupos concretos. A “unidade geracional” ou uma geração são expressões apenas de uma “conexão” que une os indivíduos com datas de nascimento em comum”, ou seja, “casualmente os indivíduos pertencem a ela, mas não se percebem como um grupo concreto. (WELLER, 2009, p. 4)

Quanto a “enteléquia geracional”, se ela não leva necessariamente a constituição de um “grupo concreto”, não está “associada um grupo concreto? Se não é a proximidade de um grupo (família, amigos etc) nem a estrutura de uma organização, quais elementos produziram esse vínculo geracional?” (Idib, p. 4)

Mannheim ([1928]1993;1982), num exercício de “imaginação sociológica” (MILLS, 1969), afirmará que a “enteléquia geracional” ou a “conexão geracional” aproxima-se da “categoria social” de “situação de classe”, entendida como “a afinidade de posição que determinados indivíduos estão destinados a ter no interior de um contexto econômico e de poder de sua sociedade. (...) A conexão geracional ancora-se na semelhança que há entre os indivíduos agregados a uma geração por sua posição em âmbitos sociais.” (Idib, p. 207-8). Porém, o autor chamou a atenção para o equívoco em admitir, como o fazem “as teorias naturalistas”, que “o fenômeno social de pertencimento

a uma geração pode-se compreender e deduzir imediatamente a partir das estruturas biológicas”. (Idib, p. 209)

Se é real que o fenômeno sociológico das gerações tem por fundamento ou base o ritmo biológico da vida e da morte, não devemos afirmar rapidamente que se um fenômeno está baseado em outro ele possa ser imediatamente deduzível dele ou nele estar implicado. Assim, o “problema sociológico das gerações começa onde se distingue a relevância sociológica desses dados” elementares (...). A primeira tarefa é compreender a conexão geracional comum tipo específico de posição social”. (Idib, p.209).

Portanto, afirmar que os indivíduos que têm a mesma data de nascimento pertencem a uma “conexão geracional” ou partilham a uma “posição geracional” comum, implica considerar as interações sociais que os sujeitos humanos estabelecem no interior de uma estrutura social concreta, estrutura que vive um ritmo particular de continuidade histórica. Sem tais considerações, teríamos apenas o ritmo biológico da vida, determinado pelo nascimento, envelhecimento e morte.

Assim,

(...) uma geração não é formada apenas por pessoas de mesma idade ou nascidas numa mesma época, e sim também por pessoas que foram modeladas numa época dada, por um mesmo tipo de influência educativa, política ou cultural, ou que vivenciaram e foram impressionadas pelos mesmos eventos, e desenvolvem sobre a base de uma experiência comum ou semelhante, os elementos de uma consciência de se ter vínculos em comum, o que pode ser chamado de ‘sentimento de geração’ ou ainda de ‘consciência de geração’. (WELLER, 2009 p.3).

A partir da noção de “situação geracional”, Mannheim dá continuidade ao seu trabalho, abordando cinco (5) fatos fundamentais que “distinguem uma sociedade marcada por mudanças geracionais, tal como as sociedades em que vivemos, de uma sociedade utópica e imaginária”. (WELLER, 2009, p. 5; MANNHEIM, ([1928; 1993, p. p. 211).

Dos cinco (5) fatos, focalizarei quatro (4) deles, dada as contribuições que oferecem ao meu estudo.

Na “conceituação fina” do conceito de geração (FORQUIM, 2003, p. 4), o primeiro fato básico abordado pelo autor foi o **da chegada de novos portadores de cultura na sociedade**, “que se renova geracionalmente”, pois “a criação e a acumulação de cultura não se realiza nos mesmos indivíduos”, e há a “irrupção de novos anos de nascimento”, significando que diante de uma cultura dada os novos indivíduos dela se apropriam, a internalizam, a reelaboram, nela imprimem suas marcas e a desenvolvem:

a cultura é desenvolvida por indivíduos que tem um ‘novo acesso’ ao bem cultural acumulado. E, dada a índole de nossa estrutura anímica, essa nova modalidade de acesso’ significa um constante distanciamento do objeto, uma nova modalidade de começo **mediante a apropriação, elaboração e desenvolvimento** do que está à disposição. (FORQUIM, p. 212; grifos meus).

Nesse processo, há perdas culturais, porém ele também gera uma “eleição que se faz necessária, **a revisão no domínio do que está disponível**”, e, sobretudo, nos “**ensina a esquecer o que já não é mais útil, e a buscar o que ainda não foi conquistado**” (Idib, p. 212; grifos meus).

As situações acima descritas, sobre “os novos portadores de cultura” no interior de uma sociedade, de uma comunidade, das ações coletivas, dos movimentos sociais etc são significativas para se apreender como se constitui uma geração e o encontro de gerações, pois elas indicam que a socialização dos novos não se reduz a um processo linear, vertical, de cima para baixo, pois os novos não apenas internalizam os bens culturais e valores que encontram e lhes são transmitidos, agem sobre eles, os redefinem, produzem novos sentidos e significados e constroem suas próprias vivências e experiências. Neste sentido, é que se pode falar de que no processo de socialização e educação dos mais novos, eles podem internalizar valores, princípios, normas etc, sem, contudo, incorporá-las e fixá-las, pois, se nesse processo se há conservação da tradição, se há reprodução cultural, também há produção cultural, sobre o que foi internalizado.

Na sequência, Mannheim ([1928]; 1993, 1982) abordou **a saída contínua, da sociedade, dos antigos portadores de cultura**, considerando que a “**morte das gerações anteriores, proporciona o esquecimento que se faz necessário ao acontecer social**”, pois à continuidade da vida em sociedade e da própria sociedade “**a recordação/memória social é tão necessária como o esquecimento ou a irrupção de novos atos**” Nesse processo as vivências ou experiências do passado se reatualizam, se fazem presentes, de dois modos: como “modelos conscientes”, pelos quais os indivíduos orientam suas ações (...) e “inconscientemente ‘comprimidas’, apenas ‘intensiva’, virtualmente presentes”, como por exemplo na “sentimentalidade” que os indivíduos expressam, isto é, a reatualização do passado, não ocorre de forma mecânica e linear, nela há uma operação “seletiva (na maioria dos casos, de maneira inconsciente): o tradicional se acomoda às novas situações presentes e se adequa no que é novo, ou é possível descobrir no tradicional ‘aspecto’, possibilidades nele presentes, que anteriormente não foram

reconhecidas” e podem orientar as condutas e ações dos indivíduos no presente (Idib, p. 213; grifos meus).

Sobre este fato sociológico do fenômeno das gerações, Mannheim (Id) enfatizou que o tema da reflexividade e de conteúdos não reflexivos da memória ou das recordações têm relações com a “memória apropriada” e a “memória obtida pessoalmente” pelo indivíduo:

há uma diferença essencial entre ter simplesmente recebido ou não o conteúdo da recordação/memória. Só possuo verdadeiramente a memória que eu mesmo obtive, o saber que verdadeiramente que obtive em situações reais. Somente ele se fixa. E ademais de fixar-se, ocorre que só esse tipo de saber se torna válido [tem poder constringente real]. Por outro lado, seria desejável que tudo que o homem possui na alma e no espírito fossem memórias adquiridas por ele mesmo. No entanto, nesse caso, o perigo seria que os modos anteriores de ter e apropriar poderiam reprimir as novas apropriações que são posteriormente adquiridas. Em muitos aspectos, é vantajoso que os velhos sejam mais experientes que os jovens. Por outro, isso alivia os jovens desse fardo e pode significar uma facilidade para prosseguir a vida. (Idib, 214-5).

Outra situação ou fato fundamental das gerações destacado pelo autor é que os integrantes de uma “conexão geracional” participam apenas de um período do processo histórico, temporalmente delimitado:

há capacidades que apenas se realizam mediante novos nascimentos, como são as experiências que dispõem de nova substância vital, ou a possibilidade de projetar e formar um novo destino, novas formas de expectativas pré-configuradoras a partir de um novo contexto de experiência. (...) momentos que só ocorrem apenas com o **rejuvenescimento social**. (Idib, p.215; grifos meus).

De interesse muito direto para o estudo que realizei foram as análises feitas por Mannheim (Id) sobre o fenômeno da geração e a necessidade da tradição - transmissão - constante da herança cultural acumulada, quanto aos “modos tradicionais de vida, sentimentos, atitudes”. Neste caso, o autor tomou como referências a relação de “ensino consciente” e a as interações e relações entre o professor e o aluno, argumentado que o que é transmitido pelo “ensino consciente” tem limitada importância na orientação das ações e experiência dos mais novos, seja do ponto de vista quantitativo ou qualitativo. Isto porque as “atitudes e ideias” que prevalecem naquela situação foram transmitidas “inconscientemente e involuntariamente”, e tanto o professor como o aluno não têm consciência daqueles processos. Por outro lado, o que o aluno

aprende ou inculca” conscientemente vincula-se aqueles elementos que “no decorrer do tempo se tornaram, de alguma maneira e em algum

ponto, problemáticas e exigem uma reflexão consciente. Esse é o motivo porque o inventário de experiências que é absorvido do meio/ambiente por infiltração no início da juventude [a infância] frequentemente se torna o estrato historicamente mais antigo da consciência, que tende a estabilizar-se com visão natural do mundo. (...) A possibilidade de que [o jovem] realmente questione e reflita sobre as coisas surge apenas no ponto onde começa a experimentação pessoal com a vida -por volta dos 17 anos de idade, às vezes mais cedo ou mais tarde. Somente é que os problemas da vida começam a ser localizados em um presente e são experienciados como tais. Aquele nível de dados e atitudes que a mudança social tornou problemático, (...) requer reflexão, foi agora alcançado; pela primeira vez vive-se no presente. (Id, 1993, p.216/1982, p. 82).

Os “grupos juvenis” ativos buscam elucidar as questões, mas, por mais radicais que sejam em suas ações, não conseguem perceber que atuam e tentam “transformar” o “estrato” que se encontra na superfície da consciência, “aberto a reflexão consciente, pois aparentemente os estratos mais profundos não são facilmente desestabilizados. (Id, 1993 p. 219/1982, p. 83). Desta forma,

a ‘modernidade’ da juventude consiste em estar mais próxima dos problemas ‘atuais’ (como resultado de seus ‘contatos potencialmente originais’, e no fato de ela estar dramaticamente consciente de um processo de desestabilização e tomar partido nele. Neste contexto, a geração mais velha agarra-se à reorientação que foi o drama de sua juventude. (Id, 1993, p. 219/1982, p. 83).

Sobre essas situações e as relações que os membros das novas gerações e das gerações adultas estabelecem com os problemas que vivenciam conjuntamente, sob as mesmas circunstâncias históricas e um meio comum, Mannheim (Id) chamou a atenção para algumas dificuldades que permeiam as relações entre as gerações:

a partir dessa perspectiva, entende-se que uma educação adequada dos jovens, no sentido da transmissão completa de todos os estímulos subjacentes ao conhecimento pragmático, encontraria uma dificuldade formidável, pois os problemas experienciais dos jovens são definidos por um conjunto de adversários diferentes dos adultos, seus mestres. O relacionamento entre mestre-discípulo não ocorre entre representantes da ‘consciência em geral’, mas entre um possível centro subjetivo de orientação vital e um outro subsequente. (Id, 1993, p. 219/1982, p. 83).

As “dificuldades”, as tensões e conflitos que surgem no encontro, trocas e transmissões entre os membros da jovem geração e os adultos podem ser amenizadas ou “solucionadas”, mediante duas vias: a primeira corresponde a “tendência retroactiva”/”um fator de compensação”, pois não só o mestre educa o educando, mas este também educa seu educador, na medida em que “as gerações estão em um estado de constante interação”; a outra possibilidade que potencialmente permite que o encontro

intergeracional ocorra sem “fricções” e com um “equilíbrio retroativo” se dá pela presença e ação das “**gerações intermediárias**”, mais próximas, ao mesmo tempo, das gerações jovem e dos adultos mais envelhecidos (Id, 1993 p. 219/1982, p. 84), grifos meus), pois

alguém é velho principalmente pelo fato de viver em um contexto de experiências específicas, auto adquiridas e pré-formativas, através das quais cada nova experiência é, até certo ponto, classificada de antemão quanto à sua forma e localização. Em contraposição, na nova vida as forças configuradoras estão se constituindo, as intenções primárias e a forte impressão de novas situações ainda precisam ser processadas. (Id, 1993, p. 213-4/1982, p. 78).

2.3 As contribuições da sociologia das gerações e das relações entre gerações utilizadas nas diferentes etapas do estudo

Na pesquisa, a perspectiva sociológica mannhemiana de geração e seus correlatos - “situação/posição geracional”, “conexão geracional”, “destino comum”, relações, trocas e transmissões geracionais, nos serviram de guias para apreender e analisar os processos de socialização e educação¹⁶ política de jovens militantes no interior do PSOL-RP e em outros localidades pela agremiação, na medida em que “gerações e educações” são noções que guardam diferenças entre si, mas também explicitam uma evidente interação entre elas, pois, se

(...) é possível dizer que a educação, sendo ela concebida **quer como projeto, quer como processo, está necessariamente vinculada à realidade da sucessão e da renovação das gerações, e ainda à questão das relações que gerações diferentes podem cultivar entre si.** (...) De outro lado, é evidente que as transições entre gerações

¹⁶No estudo, me orientei, também, pela distinção feita por Setton (2008) sobre as noções de socialização e educação. Para esta pesquisadora, a socialização pode ser compreendida como “uma noção definidora de um conjunto expressivo de práticas de cultura que tecem e mantêm os laços sociais, (...) é entendida como uma área de investigação que explora as relações indissociáveis entre indivíduo e sociedade; na sua dimensão produtora, difusora e reprodutora, [ela] **pode enfocar as instituições como matrizes de cultura, pode enfatizar as estratégias de transmissão e portanto de transformação dos grupos sociais bem como pode explorar as disposições de cultura incorporadas pelos indivíduos ao longo de suas experiências de vida.** Nesse sentido, a socialização deixa de ser apenas uma noção de integração explicitamente vinculada a uma tradição sociológica para ser vista de maneira mais ampla, como um processo construído coletiva e individualmente e capaz de dar conta das diferentes maneiras de ser e estar no mundo. O processo de socialização como tema de investigação passa a adquirir aos poucos uma força heurística mais ampla que a noção de educação ou processo educativo. Se estas últimas, na grande maioria das vezes, são consideradas como práticas intencionais, conscientes e sistemáticas, a noção de socialização, ou melhor o processo de socialização, tem a vantagem de agregar às noções anteriores a uma série de outras ações difusas, assistemáticas, não intencionais e inconscientes, adquiridas de maneira homeopática, na família, na escola, na religião, no trabalho ou em grupos de amigos que, queiramos ou não, acabam por participar na construção dos seres e das realidades sociais.” (Idib, p. 1-2).

pressupõem ou suscitam processos específicos de transmissão, socialização, formação (...). (FORQUIM, 2003, p. 2, grifos meus).

Sobre as noções de geração e as relações intergeracionais, Tomizaki (2010) acentua o fato de que “um dos processos que fortemente permeia as relações entre diferentes gerações é a *socialização*, que pode ser interpretada como um ‘ponto de encontro incontornável’ entre elas”. Assim, é possível afirmar a ideia de que os históricos e complexos processos socializadores “incidem sobre um espaço fundamental de intersecção entre as gerações: a *transmissão*” (Idib, p. 329), pois

(...) transmitir e herdar são duas facetas de um mesmo movimento que coloca as gerações diante do desafio de definir como devem se conduzir em relação à sua *herança*, que pode ir dos bens estritamente materiais aos totalmente simbólicos, bem como pode ser pensada tanto no plano das micro relações sociais (como as familiares), quanto em uma dimensão macrossocial (como os sistemas previdenciários, regulados pelo Estado. (Idib, p.329).

Dessa forma, tanto Forquin (2003) como Tomizaki (2010), mesmo admitindo as diferenças existentes entre as realidades da educação e da gerações, defendem a ideia de que as duas noções evocam “fenômenos sociais [que] se encontram intrinsecamente ligados em função da necessidade de cada geração transmitir aos seus sucessores aquilo que considera fundamental para a preservação e continuidade a sua herança” (TOMIZAKI, 2010, pp. 329-330), pois “o próprio fenômeno geracional pode provocar mudanças tanto nos modos de se educar as novas gerações, quanto naquilo que deve ou não ser transmitido de uma geração a outra” (TOMIZAKI, 2010, p. 330).

Mas, a importância do uso do conceito de geração como uma possibilidade de apreensão e análise dos processos de socialização e educação política dos jovens, no interior de um partido político, reside também em alguns fatos ressaltados por Sousa (2006), sobre o ensaio de Mannheim:

(...) ser jovem é viver um ‘contato original’ com a herança social e cultural, constituído não apenas por uma mudança social, mas por fatores biológicos. Este é um fator importante a ser considerado, porque esse novo contato assume uma tipologia de potencialidade – *é potencial* uma vez que, como novo participante no processo da cultura, a mudança de atitude ocorre diferentemente em cada um, fazendo com que a atitude em relação à herança transmitida por seus predecessores seja completamente nova. (...) Os jovens portam, então, o peso e a ambiguidade de não terem como absorver, voluntária e completamente, o conjunto de conteúdos acumulados de sua cultura, que são o suporte para a estabilidade das gerações anteriores. Por outro lado, levam a vantagem de poder avaliar o ‘inventário cultural’ disponível, que pode tanto ajudar a esquecer o que já não é mais útil quanto desejar o que ainda não foi conquistado. (Idib, p. 10).

Madrid (2005) também realçou a importância do conceito de gerações para a investigação e produção de conhecimento sobre as relações entre juventude e política e a formação política de diferentes gerações em diferentes tempos históricos, pois ele pode se constituir em

(...) ferramenta de análise social que permite articular as dimensões etárias com as dimensões da estrutura social e as sensibilidades culturais, **permitindo também entender parte das dinâmicas da continuidade e da mudança social**. (Idib, p. 46; tradução livre, grifos meus).

Outra contribuição teórica importante, da qual a pesquisa lançou mão para melhor interpretar a realidade pesquisada, foram os conceitos elaborados por Margaret Mead (1970; 1977). A antropóloga produziu obras significativas sobre gerações e suas relações com a transmissão. Os estudos etnográficos que desenvolveu em Samoa¹⁷, despertou seu interesse sobre estudos envolvendo a sexualidade e, posteriormente, gerações.

Em “*Cultura e compromisso, estudos sobre a ruptura geracional*”, Mead (1977) abordou a ruptura, crises, conflitos e tensões entre as gerações a partir de uma ótica própria, e desenvolveu três noções-tipo de “culturas” de transmissão geracional, assim, discriminadas: a pós-figurativa, na qual as crianças aprendem primordialmente dos adultos; a cofigurativa, em que tanto as crianças como os adultos aprendem com seus pares, e as pré-figurativas, em que os adultos aprendem com os membros das novas gerações. (Idib, p. 35; tradução livre).

As culturas pós-figurativas foram as que mais ocuparam espaço no processo histórico de desenvolvimento da humanidade. São marcadas por fortes ou total influência dos anciões e da tradição no processo educativo dos mais novos. Essas culturas ainda podem ser encontradas em lugares remotos ou em recônditos religiosos ou ideológicos. Escreveu Mead (1977) que a “cultura pós-figurativa é aquela em que a mudança social é tão lenta e imperceptível que os avós, que abrem seus braços aos netos recém-nascidos, não podem imaginar para eles um futuro distinto de suas próprias experiências passadas. (Idib, p. 36, tradução livre).

¹⁷*Adolescência em Samoa*, publicado em 1928; a pesquisa teve forte repercussão ao mostrar que a adolescência não era necessariamente uma fase de crise e que a maneira como a sociedade americana reprimia e tratava a sexualidade das jovens criava sérios problemas”. (CASTRO, 2015).

Num contexto de culturas configurativas ocorre com mais frequência a transmissão e socialização entre os “pares”, entre os “contemporâneos”. No estágio de culturas configurativas, a rígida estrutura de transmissão, entre a geração de adultos para com a geração dos mais novos, foram abaladas e é nas inúmeras fissuras que a geração dos mais novos se formam entre si. De acordo com a autora, esse seria o atual momento, indo em direção ao próximo estágio, o pré-figurativo. Todavia, “em todas as culturas configurativas os velhos continuam predominando, na medida em que fixam o estilo e estipulam os limites à expressão configurativa no comportamento dos jovens” (Ib. id., p. 65).

A autora assinalou que estamos ingressando num período sem precedentes na história no qual os jovens assumem nova e relativa autoridade mediante a sua educação, formação e normas comportamentais. Neste contexto de cultura pré-figurativa predominam a socialização e a formação de jovens por seus pares e também a formação dos adultos pelos jovens. Mead (1977) destacou, ainda, a velocidade das transformações da contemporaneidade como propulsora das ações educativas pré-figurativas, uma vez que mais facilmente os jovens aprendem as mudanças sociais, principalmente aquelas relacionadas à tecnologia, o que induz os jovens a serem agentes socializadores e educadores de adultos e velhos

Na medida em que o objetivo principal desta investigação foi compreender a socialização e educação política de jovens no encontro e nos processos de transmissões geracionais no interior de uma associação partidária, faz-se necessário apresentar algumas conceituações sobre partidos políticos e o contexto histórico e a elementos da história do PSOL, bem como sobre sua configuração e estrutura nacional e em Ribeirão Preto, temas que serão abordados na próxima seção.

3. Sobre as definições de Partido político e suas ações como agente educador; do PT ao PSOL e sua configuração em Ribeirão Preto.

Com o intuito de investigar as trocas e transmissões geracionais entre adultos e jovens no interior de um determinado partido político, acreditou-se que o PSOL – partido político em questão – se configura tanto como categoria analítica quanto uma unidade empírica. (SPOSITO, 2003).

Fez-se relevante pensar o PSOL enquanto uma categoria analítica, enquanto partido político e agente educativo no contexto nacional bem como a sua constituição e seu processo histórico de formação, como também se fez necessário pesquisar o PSOL de Ribeirão Preto (São Paulo) enquanto unidade empírica, uma vez que foi nessa escala municipal que se deu a maior parte das experiências e processos educativos envolvendo membros das gerações jovens e adultas, objetos do estudo realizado em 2015-2017.

3.1 Partido político: referências conceituais e históricas

Ao tratar da distribuição do poder no interior de uma ordem social qualquer, Max Weber (2004, p. 176) chamou a atenção para os fenômenos das classes, dos estamentos e dos partidos políticos.

Para Weber (Id), se as classes representariam os “fundamentos da ação social”, vinculados à “ordem econômica” e aos “interesses econômicos”, os estamentos teriam como fundamento a “ordem social”, condicionados por uma “avaliação social da honra” das pessoas, a partir de uma “determinada qualidade comum” que as distinguiriam; os partidos, por sua vez, diferentemente dos dois coletivos anteriores, teriam “seu lar na esfera do ‘poder’ propriamente dito. (Idib, pp. 180 e 185).

De acordo com o autor os partidos políticos poderiam estar presentes em um “clube” ou em um “Estado”, e suas ações se orientaram para o “exercício de poder” social e o esforço para influenciar uma “ação social, de conteúdo qualquer”. A ação social típica dos partidos decorre sempre de uma

(...) relação associativa, pois pretende alcançar, de maneira planejada, determinado fim seja este de natureza "objetiva": imposição de um programa por motivos ideais ou materiais, seja de natureza "pessoal": prebendas, poder e, como consequência deste, honra para seus líderes e partidários, ou, o que é o normal, pretende conseguir tudo isto em conjunto. (Idib, p. 185).

O laço associativo que caracteriza os partidos implicaria duas outras especificidades: a existência de **“alguma ordem racional e um aparato de pessoas dispostas a pô-la em prática”**, pois seu propósito central **“é influenciar precisamente este aparato e, se possível, compô-lo com seus adeptos.”** (Idib, p. 185; grifos meus).

De forma sintética, na perspectiva weberiana, seriam características gerais dos partidos: 1) a vigência de relações tipicamente associativas; 2) uma ação voluntária e comum das pessoas que desejam participar dessas específicos coletivos e de suas relações; 3) a existência e imposição de uma racionalidade, expressa em planejamento e programa voltados à conquista de fins materiais ou simbólicos; 4) a influência da ação social de seus aderentes; e 5) a busca pelo poder e o exercício do poder.

Ao tratar dos partidos e da organização partidária, Weber (2004) tratou ainda de outras características “essenciais” dessa forma associativa: independentemente dos meios que usem para conquistar os aderentes, eles são “organizações voluntariamente criadas e baseadas em livre recrutamento, necessariamente sempre renovado, em oposição a todas as corporações fixamente delimitadas pela lei ou por contrato”. (Idib, p. 544). Além dessas características, os partidos assumem como objetivo “a obtenção de votos nas eleições para cargos políticos ou em corporações com voto”. (Ibid).

Do ponto de vista estrutural, os partidos contam com

(...) um núcleo permanente de interessados (...), reunidos sob um líder ou sob um grupo de notáveis, com organização mais ou menos firme e (...) muitas vezes com uma burocracia desenvolvida, cuida do financiamento, com a ajuda de mecenas, interessados econômicos, interessados na patronagem de determinados cargos ou mediante contribuições dos associados: na maioria das vezes, na base de várias destas fontes. (Ibid, p. 544).

É esse núcleo duro dos partidos que determinaria seu programa, assim como

(...) a forma do procedimento do partido e os candidatos. Mesmo no caso de uma forma muito democrática de organização dos partidos de massas (que, como sempre, tem como consequência o desenvolvimento de um funcionalismo remunerado), a grande maioria dos eleitores, mas também dos simples "associados", não participa (ou apenas formalmente) na determinação dos programas e dos candidatos. (Ibid, p.544).

Oppo (1988) considera que do ponto de vista histórico, as associações partidárias

surgem quando o sistema político alcançou um certo grau de autonomia estrutural, de complexidade interna e de divisão do trabalho que permitiram, por um lado, um processo de tomada de decisões políticas em que participam diversas partes do sistema e, por outro, que, entre

essas partes, se incluíam, por princípio ou de fato, os representantes daqueles a quem as decisões políticas se referem. (Idib, p. 899)

De acordo com a autora, a origem dos modernos partidos políticos se situaria na metade do século XIX, no ocidente europeu e nos Estados Unidos da América, e teve relações com a “afirmação do poder da classe burguesa” e, ainda, com a “a difusão das instituições parlamentares ou da batalha política pela sua constituição. (Idib, p. 899).

Com essas referências mencionadas, a autora chamou a atenção para dois exemplos históricos de partidos: “o dos notáveis” e o de “organização de massa”. Na Inglaterra, na segunda metade do século XIX, emergiram

(...) algumas estruturas organizativas que tinham o escopo de ocupar-se da execução prevista pela lei para a eleição do Parlamento e de recolher votos em favor deste ou daquele candidato. Tratava-se de associações locais promovidas por candidatos ao Parlamento ou por grupos de pessoas notáveis que tinham lutado pelo alargamento do sufrágio ou, algumas vezes, por grupos de interesse. Estes círculos reagrupavam um número mais restrito de pessoas, funcionavam quase exclusivamente durante os períodos eleitorais e eram liderados por notáveis locais, aristocratas ou burgueses de alta sociedade, que proviam à escolha dos candidatos e ao financiamento da atividade eleitoral. (Idib, p. 899).

O “partido de organização de massa” emergiu também ao final do XIX, como decorrência do crescimento do “movimento operário”, das transformações sociais e econômicas decorrentes da industrialização e a chegada na arena pública das “massas populares”. Se num primeiro momento as “massas” expressavam suas reivindicações e necessidades pela mediação de “movimentos espontâneos de protesto”, em fase posterior da luta social e política elas construíram

(...) canais organizativos sempre mais complexos até à criação dos partidos dos trabalhadores. É precisamente com o aparecimento dos partidos socialistas – na Alemanha em 1875, na Itália em 1892, na Inglaterra em 1900 e na França em 1905 – que os partidos assumem conotações completamente novas: um séquito de massa, uma organização difusa, e estável com um corpo de funcionários pagos especialmente para desenvolver uma atividade política e um programa político-sistemático. (Idib, p. 900).

Os movimentos socialistas do século XIX, ao lutarem a favor de outra “convivência civil” e da transformação das classes subalternas em atores de sua emancipação, colaboraram para o surgimento de partidos que assumiram a defesa dos interesses e demandas dos trabalhadores, assim como assumiram a função de educarem as massas, de forma a

(...) torná-las politicamente ativas e conscientes do próprio papel. Para fazer isto não era suficiente uma genérica agitação política por ocasião

das eleições nem tinha grande importância a atividade parlamentar. Ao contrário, era essencial que no país se desenvolvesse uma estrutura organizativa estável e articulada, capaz de enfrentar uma ação política contínua que envolvesse o maior número possível de trabalhadores e que atingisse toda a esfera de sua vida social, que acolhesse as suas demandas e exigências específicas e as transformasse num programa geral. (Idib, p. 900).

Em seu esforço de esclarecimento da noção de partido político, Bonavides (2000)¹⁸ recupera no pensamento social as diferentes classificações formuladas para esse coletivo, destacando as duas categorizações formuladas por Max Weber: “os partidos de patronagem” e “os partidos ideológicos”. O primeiro, em tese, se orientaria principalmente para a conquista do poder, a participação nos processos de eleição, visando a conquistar “posições de mando para os seus dirigentes e vantagens materiais (...) para sua clientela (Idib, p. 465); já os “partidos ideológicos” se dedicariam à

(...) realização de ideais de conteúdo político, e se propõem por vezes a reformar e transformar toda a ordem existente, inspirados por princípios filosóficos, que implicam uma concepção nova da sociedade e do Estado. Não raro, sua ação política, sobre envolver matéria de teor constitucional, reflete do mesmo passo dissidência com a estrutura política e social estabelecida. (Ibid, p. 465).

3.2 O partido político como espaço de educação e como educador (na perspectiva não escolar)

Com as contribuições de Weber (2004), Oppo (1988) e Bonavides (2000), foi possível uma aproximação a um dos papéis dos partidos políticos modernos, foco de interesse fundamental para este estudo: a função socializadora e educadora que eles assumem, em especial o “partido de massa” e “os partidos ideológicos”, de maneira a influenciar política e ideologicamente a ação social de seus aderentes, representar os interesses de segmentos ou setores sociais da sociedade, conquistar o poder, nele permanecer e, em alguns casos, transformar a sociedade e o sistema político em que estão inseridos. Sobre a função educadora, na perspectiva não formal, entende-se que ela foi claramente assumida pelas concepções de partido político de tradição marxiana e marxista.

¹⁸A primeira edição da obra *Ciência política* de Paulo Bonavides é de 1967. A usada para elaboração desta dissertação é da 10ª. edição e encontra-se digitalizada e disponível em: <http://unifra.br/professores/14104/Paulo%20BonavidesCiencia%20Politica%5B1%5D.pdf>. Acessado em 20/10/2017.

Bonavides (2000) sugere que tanto nas obras de Marx como na dos marxistas não há uma clara formulação de uma “uma teoria dos partidos”, todavia, “algumas proposições básicas” sobre aquelas associações estão presentes na “literatura marxista, em que se revela “a natureza do partido (...) pelo ângulo da ideologia proletária”. (Ibid, p. 478). Das contribuições oferecidas por Bonavides¹⁹, sobre o tema, dar-se-á destaque às formações de Marx & Engels e Lenin.

No Manifesto do Partido Comunista²⁰, Marx & Engels (2003) não apresentaram uma definição de partido político, porém, tomando o materialismo histórico como referência, registram que “(...) era dever de todos os proletários se organizarem ‘numa classe e correspondentemente num partido político’”. Tal referência foi suficiente para tornar essa formação associativa, em distintas correntes do marxismo, “(...) no principal instrumento de destruição da sociedade capitalista e suas instituições” (Idib, p. 479), e o partido político seria uma mediação, um meio organizativo dos operários, para abolição da “propriedade burguesa” e a conquista de uma sociedade sem classes e sem Estado.

Em relação às formulações de Lênin, quanto ao partido político e mais especificamente a um partido que representasse o proletariado ou os trabalhadores em seu conjunto, encontram-se “aforismos raros, mas extremamente precisos em fixar o sentido marxista do partido político”, como uma organização de luta”, “a vanguarda organizada e disciplinada do proletariado revolucionário, pois ‘nele vemos a razão, a honra e a consciência da nossa época’”. (Ibid, p. 479-480).

Marcos Cassin (1995), ao discorrer sobre “o partido como agente educador”, dá especial atenção às proposições de Lênin a esse respeito, indicando que as proposições sobre o partido de tradição marxista (de luta, vanguarda, e também educador) estão localizadas em textos diferentes do pensador. A formação revolucionária da classe operária, a partir de uma teoria revolucionária, se daria a partir do “partido da classe operária (Partido Comunista), que deveria utilizar como princípio educativo a relação teoria e prática”. Lênin, ao tratar do partido socialdemocrata russo, argumentou que

(...) na atividade política do partido socialdemocrata há e haverá sempre certos elementos de pedagogia: é preciso educar toda a classe dos trabalhadores assalariados a fim de que desempenhem o papel de combatentes para libertar toda a humanidade de qualquer **opressão**; é preciso educar constantemente novas e novas camadas desta classe,

¹⁹No capítulo que trata dos partidos políticos no âmbito do pensamento marxiano e marxista, Bonavides (2000, pp. 478-481) recuperou alguns registros de autoria de Marx & Engels, Stalin, Lenin e Mao Tse Tung.

²⁰Fez-se a leitura de duas versões do original do texto de Marx & Engels disponíveis em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer fontes/acer marx/tme 07.pdf> e <http://www.scielo.br/pdf/ea/v12n34/v12n34a02.pdf>. Acessados em 22/10/2017.

saber aproximar-se dos elementos mais atrasados, menos desenvolvidos, menos influenciados por nossa ciência e pela ciência da vida, para poder falar e estabelecer contato com eles e elevá-los paciente e firmemente ao nível da consciência socialdemocrata sem converter nossa doutrina em um dogma sem vida, ensinando-a não apenas com livros, mas também por meio da participação das camadas mais atrasadas, e menos desenvolvidas do proletariado na luta diária e prática. (LÊNIN, 1979, **apud** CASSIN, 1995, pp. 21-22).

Outra possibilidade de compreensão do partido político no interior da tradição marxista - como sendo, simultaneamente, um ator de lutas, produtor de conflitos e educador, encontra-se em Antônio Gramsci que definiu aquela associação estabelecendo alusões com a figura d'*O Príncipe*, de Nicola Maquiavel.

Nos *Cadernos*, Antônio Gramsci descreveu o partido como o “moderno príncipe”, com tal indicação o pensador não deu centralidade ao indivíduo, mas sim ao coletivo partidário. Para Ianni (1999),

(...) o moderno príncipe, o mito-príncipe não pode ser uma pessoa real, um indivíduo concreto, só pode ser um organismo; um elemento complexo de sociedade no qual já tenha tido início a concretização de uma vontade coletiva reconhecida e afirmada parcialmente na ação. Este organismo já está dado pelo desenvolvimento histórico e é o partido político, a primeira célula na qual se sintetizam germes de vontade coletiva que tendem a se tornar universais e totais. (Idib, p.13 e 14).

Ao tratar do partido revolucionário em “*Os Intelectuais e a organização da cultura*” Gramsci (s/d) o vincula à função social que devem exercer os “intelectuais”, escrevendo:

(...) que todos os membros de um partido político devam ser considerados intelectuais, eis uma afirmação que se pode prestar à ironia e à caricatura; contudo, se pensarmos bem, veremos que nada é mais exato. Dever-se-á fazer uma distinção de graus; um partido poderá ter maior ou menor composição do grau mais alto ou do mais baixo, mas não é isso que importa: importa, sim, a função que é diretiva e organizativa, isto é, educativa, intelectual. (Idib, p. 17)

Acredita-se na necessidade de esclarecer sobre as possíveis visões dicotômicas envolvendo Lênin e Gramsci sobre suas contribuições partidárias aqui ressaltadas. Para tal, conta-se com a contribuição de Antônio Tavares de Jesus, que em sua obra *Educação e Hegemonia no pensamento de Antônio Gramsci* (1989), demonstra as profundas relações entre Lênin e Gramsci, sendo o segundo ter baseado sua concepção partidária nas bases teóricas do primeiro:

Lênin certamente é o inspirador mais imediato de Gramsci, também em relação ao partido, quando, por exemplo, afirma a necessidade incondicional deste organismo para a revolução, ou seja, quando define o partido enquanto sujeito revolucionário. (TAVARES, 1989, p. 74).

Segundo o Tavares (1989), o que difere os dois teóricos partidários são concepções e ações das estratégias e táticas como principal norteadora do organismo revolucionário.

Dois outros trabalhos acadêmicos ressaltam a dimensão educadora dos partidos políticos que se inscrevem na tradição marxista-leninista: Conceição (1999) e Silva (2008). O primeiro autor abordou as relações entre partidos políticos, educação e o partido como “agente educativo” no contexto brasileiro, privilegiando a ação de coletivos por ele nomeados de “extrema-esquerda, e para o pesquisador:

(...) os partidos políticos são produto e agentes importantes da história, e possuem sua própria história. A palavra partido (...) sugere que se trata de uma parte da sociedade que aspira hegemonizar uma concepção global da ordem econômica, social e política, e a ‘arte de fazer política’ pode ser entendida como a habilidade de unir e somar forças num determinado campo ideológico. (...) Daí que a necessidade de convencer, educar, doutrinar e engajar o maior número de pessoas no seu projeto partidário, surja como corolário da militância política. (CONCEIÇÃO, 1999, p. 8)

Quanto ao conteúdo da herança que as organizações de “extrema-esquerda” devem transmitir, os sujeitos que envolve a sua ação socializadora e educadora e como ela deve se concretizar, assinalou Conceição (1999):

(...) o partido político – notadamente o de extrema esquerda – não deixa de ser um microcosmo, com sua ética, suas normas, seus ritos, seus sentimentos coletivos, etc. O caráter do partido parece se definir no que transmite, a quem transmite e como transmite. Para os partidos revolucionários, em especial, educar o povo significa desalienar as massas das influências da pedagogia capitalista e construir uma sociedade socialista. Esses partidos pretendem estar a serviço da independência da organização e da autonomia da consciência dos trabalhadores, que, conforme supõem, serão os novos dirigentes da sociedade. (Idib, p.8).

No artigo *Partido político como organismo educativo*, Silva (2008) partiu da premissa de que ações socializadoras e educadoras das novas gerações não são monopólios da instituição escolar e lembrou que

(...) mídia, associações de moradores, ong’s, sindicatos, partidos políticos e demais associações voluntárias, todos estes organismos coletivos, atentos aos seus objetivos mais evidentes e imediatos, contribuem para o processo educativo generalizado. Promovem a

transmissão do patrimônio cultural de um agrupamento social às novas gerações e, sobretudo, a construção, ressignificação e disseminação de ideias, conhecimentos, costumes e sentidos para a vida. (SILVA, 2008, p. 1).

Para melhor caracterizar o partido como organismo educativo, o autor também adotou como pressuposto o descrédito que sofre aquele coletivo em escala mais ampla que a nacional, e defendeu a ideia de que

(...) malgrado as mazelas e as deficiências dos partidos, nenhum organismo substituto se apresenta ainda em condições de exercer a mediação entre a sociedade civil e o Estado, de maneira potencial e socialmente abrangente como eles – sem os riscos de redundar no particularismo corporativista, como os sindicatos, as associações, os movimentos sociais e outras entidades representativas de interesses. (Idib, p. 2).

O autor destacou a importância da ação socializadora e educativa dos partidos, em especial os de “esquerda”, como uma possibilidade de eles superarem a descrença que vêm despertando na sociedade em geral. Assim, os partidos que têm inserção na sociedade e com ela interagem, e suas distintas gerações, devem “não apenas captar e expressar os reclamos e os anseios do público”, mas oferecer um “sentido transformador e educativo sobre o mesmo”. Eles devem assumir a tarefa de alterar padrões sociais e condutas, agindo no sentido “de mudar certas disposições comportamentais e de pensamento do público, forjando mesmo uma identidade coletiva a ele”. (Idib, p. 6).

Neste sentido, a literatura especializada nos mostra que a noção de partidos políticos também é marcada por uma pluralidade de significados, que tal forma associativa é histórica, que em função de sua origem, cada uma forja uma historicidade, modos de integração e assume lógicas distintas à intervenção e ação na realidade social em que se insere; para influenciar, recrutar e mobilizar seus aderentes, os partidos devem assumir também o papel de agente socializador e educador, do ponto de vista ético e moral e da perspectiva ideológico-política, de indivíduos posicionados em diferentes classes sociais, em distintas frações de classe e também nas várias gerações de jovens e adultos.

A seguir, discorro brevemente sobre os partidos políticos na realidade brasileira, dando atenção ao período da redemocratização e do retorno ao pluripartidarismo nos anos de 1980 (BRASIL, 1979), de maneira a situar as circunstâncias histórica da criação e fundação do Partido Socialismo e Liberdade – PSOL, a orientação político-ideológica que ele assumiu, suas finalidades, sua forma de organização interna, como estatutariamente assume a educação e formação política de militantes e filiados; apresento

ainda elementos de alguns grupos juvenis a ele associados e elementos sobre o percurso histórico do Partido no município de Ribeirão Preto. À redação destes itens tomei como referências textos das ciências sociais, artigos sobre e documentos oficiais do PSOL e relatos dos filiados que colaboraram com esta pesquisa.

3.3 Os partidos políticos no contexto nacional recente

Logo após a redemocratização e a instauração do pluripartidarismo no Brasil, Lamounier & Meneguello (1986) não esconderam suas incertezas em relação à fragilidade da democracia brasileira, quando apreendida em uma perspectiva histórica de longa duração. Para o cientista político, o exemplo brasileiro “era um caso notório de subdesenvolvimento partidário”, pois aqueles coletivos, em especial os situados no território da “esquerda” viveram, várias vezes, sob o domínio do arbítrio e conviveram com a supressão dos direitos civil e político de se organizarem e agirem como elementos de ação, influência e representação política.

Na análise que fizeram do período republicano de nossa história, os autores destacaram que o sistema representativo brasileiro teve sete (7) tipos de sistemas partidário até atingirmos o pluripartidarismo. Ao se fixarem no período da redemocratização, avaliaram que, mesmo com nosso passado político, em termos de organização e ação dos partidos em diferentes escalas territoriais, os partidos se esforçaram para constituir raízes na nossa jovem democracia.

É sabido que durante o regime da ditadura civil-militar (1964-1985), a partir de Ato Institucional nº2 de 1965, tivemos a instalação do bipartidarismo, além de outras medidas coercitivas em relação a outros coletivos e movimentos sociais e populares. Com aquele Ato, apenas duas agremiações partidárias foram oficial e legalmente garantidas, para participarem do sistema de representação política e participarem dos processos eletivos para determinados cargos do executivo e do parlamento: a ARENA (Aliança Renovadora Nacional) e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro).

A partir de 1978, com a revogação dos Atos Inconstitucionais, em 1979, e com a formalização do pluripartidarismo (BRASIL, 1979), estavam abertas as portas da política institucional para as agremiações partidárias sob as mais diferentes e exóticas siglas. Mas, de maneira “pactuada” se deu a constituição da redemocratização brasileira e a instauração do pluripartidarismo, que se fez valer principalmente do calendário eleitoral. (LAMOUNIER, 1989).

3.3.1 Redemocratização da sociedade brasileira: o pluripartidarismo e a criação do Partido dos Trabalhadores

Ao entrarmos no período da redemocratização institucional e social, muitos dos filiados, militantes, intelectuais e políticos profissionais que estavam vinculados ao MDB o deixaram e resgataram partidos políticos de tradição comunista ou socialista que os governos militares encaminharam para a clandestinidade, casos do Partido Comunista Brasileiro - PCB, do Partido Comunista do Brasil – PC do B e do Partido Socialista Brasileiro – PSB, entre outros. No mesmo período, no âmbito da chamada direita brasileira, o Partido Social Democrático – PDS sucede a ARENA e, posteriormente, segmentos dissidentes do PDS articularam a organização do Partido da Frente Liberal – PFL.

Em simultâneo, no âmbito da sociedade civil que se fortalecia e se expandia, entre os anos de 1970 e 1980, coletivos sindicais, de trabalhadores, integrantes de movimentos sociais e populares, setores progressistas da Igreja Católica, intelectuais, artistas, entre outros atores sociais, se mobilizaram no sentido criar novas associações partidárias, a exemplo do Partido Democrático Trabalhista – PDT, o Partido dos Trabalhadores – PT, o Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB e o Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB.

Lacerda (2008) descreveu as origens do PT, suas bases sociais e suas orientações políticas, afirmando que ele nasceu

(...) em torno das mobilizações do “novo sindicalismo” em unidade com outros movimentos populares. A organização e funcionamento interno do PT escapavam aos moldes da LOPP [Lei Orgânica dos Partidos Políticos], introduzindo uma ligação mais estreita com suas organizações de base e dando maior ênfase às lutas sociais, bem como com uma proposta política de orientação ideológica definida que se resumia na inserção dos setores até então marginalizados no sistema político brasileiro. Assim, o PT nascia no (...) colégio Sion em SP, com a participação de diversos representantes dos movimentos sociais e intelectuais de todo o país. (Idib, p. 4)

Ainda sobre as bases sociais do PT, o autor destacou a heterogeneidade de grupos com posições ideológicas variadas que contribuíram para sua estruturação e seu processo de consolidação:

(...) fruto da união de movimentos populares urbanos, organizações de esquerda, intelectuais e políticos advindos do MDB. Militantes de diferentes bases ideológicas se uniram em torno da concretização de um projeto de partido das massas o que gerou uma dinâmica interna marcada pela formação de grupos com referenciais ideológicos

diferentes, fato que foi intensificando-se após sua fundação, com o seu processo de estruturação. (Idib, p. 5).

A partir de meados da década de 1980, o PT e seu mosaico de correntes/tendências internas age tanto no âmbito da sociedade civil, em diferentes frentes e setores sociais, ao mesmo tempo em que vai, paulatinamente, participando de pleitos eletivos de forma a ocupar posições parlamentares e também assumir o governo do poder executivo em nível local e estadual, o que lhe permitiu conquistar um acúmulo de lutas e de conhecimento sobre os modos de governar políticas públicas sociais, econômicas, setoriais e focais de prefeituras, governos estaduais e do Distrito Federal²¹.

3.4 Do PT à criação e constituição do Partido Socialismo e Liberdade – PSOL

Com a chegada do PT ao poder executivo da União, em 2002, com Luís Inácio Lula da Silva, muito se esperava da ação do Partido em âmbito nacional, principalmente as bases sociais que lhe davam sustentação. Contudo, a atuação do coletivo do partido que estava na linha de frente do governo do país, dava evidentes sinais de mudança, quando se considera os ideais e propósitos que marcaram sua formação nos arredores das fábricas enfumaçadas do ABC paulista, nos ventos úmidos do *campus* da USP no Butantã e o acúmulo obtido com as experiências de governos de administrações municipais. Estruturado com bases sociais heterogêneas desde sua origem, o PT cresceu, adquiriu reconhecimento público, construiu trajetórias de participação e ação no interior da sociedade civil, no sistema de representação política e no governo de aparelhos do Estado, contudo, seu crescimento também o pôs no caminho da mutação do seu fazer político.

Sobre as mudanças ou o que foi denominado de “degeneração” do Partido, o Deputado Federal João Batista Oliveira de Araújo – Babá (PA), assim avaliou os percursos da atuação do Partido, nas esferas do poder legislativo e executivo:

(...) a transformação que o PT sofreu, desde a sua fundação em 1980 até então – quando ampliou suas bancadas de vereadores, deputados estaduais federais e senadores, bem como o número de prefeitos e governadores – pode ser entendida como causa da burocratização e

²¹Na metade dos anos de 1980, representantes do PT chegaram aos governos de prefeituras municipais de diferentes regiões do país, a começar por Diadema/SP, em 1984; nos anos de 1990, chegou aos governos estaduais do Espírito Santo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Acre e do Distrito Federal, a partir daqueles anos, o PT também assumiu governos de municípios de capitais, como por exemplo: São Paulo, Porto Alegre, Goiânia, Belém, Recife, Aracajú etc. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partido-dos-trabalhadores-pt>. Acessado em janeiro de 2018.

degeneração que sofreram seus dirigentes e parte da militância, com objetivos claros de disputa eleitoral, ao que foram se adaptando. Um dos efeitos da ampliação foi o já citado “arco de alianças” com os partidos burgueses nas eleições municipais e estaduais para garantir a vitória de Lula para presidente. (ARAUJO, 2016, p. 40)

A “Carta ao povo brasileiro”, se conseguiu, de certo modo, minimizar o aparente temor dos setores conservadores da sociedade brasileira com a possível chegada do PT ao Executivo federal, também produziu tensões e conflitos internos à agremiação, pois diversas tendências/correntes de sua dinâmica intrapartidária se declaravam contrários às práticas e modos de agir do núcleo duro do Partido que militava para ver Lula chegar à presidência do Brasil. Para determinadas tendências da associação, aquela “Carta” já expressava profundas mutações nos rumos do PT, e deixou descontentes parte de seus militantes, pois aquele documento “sinalizava, (...) o abandono do socialismo como horizonte estratégico e a defesa de projetos prejudiciais ao povo brasileiro”.²²

A contextualização do período da redemocratização, bem como o surgimento do PT e sua dinâmica interna marcada pela fragmentação e formação de grupos com referenciais ideológicos diferentes, assim como as movimentações que conduziram um representante do PT ao governo do Estado brasileiro, e posteriormente as ações do núcleo duro do governo petista no governo da União, produziram elementos de conflitividade que levaram o PT a expulsar militantes ou levaram militantes e parlamentares petistas a romperem com a agremiação e se dedicarem à organização do Partido Socialismo e Liberdade – PSOL.

Em sua entrevista, Claudine, filiada ao PSOL, Presidenta da agremiação em Ribeirão Preto, e vinculada a tendência Movimento Esquerda Socialista – MES, confirmou que uma fonte de conflito interno no PT nos anos 2.000 adveio com a “Carta aos Brasileiros”, tornada pública pelo então candidato do PT à presidência da República, no processo eleitoral de 2002: “(...) Eu li aquela Carta na época, aí fiquei, assim..... Nossa, isso aqui tá errado!!! e [eu] não tinha tanto a base política partidária.

Para outro entrevistado, Douglas, também filiado, ligado à tendência Ação Popular Socialista - APS, o “ponto real de ruptura” com o PT foi a proposta de Reforma da Previdência de 2003, e que atingia em especial os trabalhadores do setor público:

(...) a votação do fator previdenciário foi o estopim principal. Vamos dizer, assim, para saída e expulsão de vários parlamentares militantes que estavam no PT e foram fundar o PSOL. Isso em 2003, se eu não

²²PSOL/História. Disponível em: <http://www.psol50.org.br/partido/historia/>. Acessado em 30/11/2016.

me engano. Até porque isso era uma das principais bandeiras do PT a defesa do direito dos trabalhadores e do benefício previdenciário.

Documento oficial do PSOL reforçou a compreensão das gerações intermediárias do adulto/jovem entrevistado sobre o episódio, e como ele foi detonador de conflitos no interior do PT:

(...) o estopim foi a aprovação da Reforma da Previdência do setor público. Este nefasto projeto, sempre combatido pelo PT quando era oposição ao governo de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), foi imposto pelo governo Lula como uma de suas prioridades. A então senadora Heloísa Helena e os então deputados federais Luciana Genro, Babá e João Fontes foram expulsos do PT por irem contra a orientação do governo e votarem a favor do povo brasileiro. (PSOL)²³

Em maior ou menor grau, a organização e fundação do PSOL guarda relações com os acontecimentos acima narrados, sobretudo em relação à expulsão feita pelo PT de alguns de seus militantes e parlamentares: três deputados expulsos eram ligados a correntes do PT: uma dela nomeada Movimento de Esquerda Socialista - MES, tinha como representante Luciana Genro, a outra, a Corrente Socialista dos Trabalhadores - CST, tinha como representante parlamentar o deputado João Rodrigues “Babá” e a outra e a Divergência Socialista, representada pela Heloísa Helena.

Em 2005, com o PSOL já criado e legalmente registrado no Tribunal Superior Eleitoral - TSE, outro conjunto de militantes e parlamentares se desligaram do PT e foram compor o PSOL. Essa “segunda onda” ficou marcada pela ida do deputado federal Ivan Valente, Chico de Alencar, e demais parlamentares, integrantes da APS.²⁴

O PSOL nasceu a partir da vontade política de herdeiros e ex-filiados do PT, e a nova agremiação assumiu para si

(...) o desafio (...) de refundar a ideia e a estratégia do socialismo no imaginário de milhões de homens e mulheres, reconstruindo a ideia elementar – mas desconstruída pelas experiências totalitárias dos regimes stalinistas e as capitulações à ordem no estilo da 3ª via socialdemocrata – de que o socialismo é indissociável da democracia e da liberdade, da mais ampla liberdade de expressão e organização, da rejeição aos modelos de partido único. (PSOL)²⁵

²³Disponível em: <http://www.psol50.org.br/>. Acessado em 05/12/2017.

²⁴Segundo o sítio oficial do partido: “(...) após a legalização, migraram para o PSOL os então deputados federais Ivan Valente, Chico Alencar, Maninha, João Alfredo, os deputados estaduais Afrânio Bopp, Randolfe Rodrigues, Carlos Gianazzi e Brice Bragato, além de personalidades, militantes e intelectuais como Plínio de Arruda Sampaio, Marcelo Freixo, entre outros.”

²⁵Disponível em: <http://www.psol50.org.br/>. Acessado em 05/12/2017.

E definiu como projeto político:

(...) a emancipação social dos explorados e oprimidos nas condições atuais é um verdadeiro projeto de emancipação da civilização humana, de defesa da vida diante das forças brutais de destruição acumuladas pelo capitalismo imperialista (PSOL)²⁶

No estatuto do Partido, fica clara a concepção – uma tradição herdada do PT, de democracia intrapartidária, mediante a existência e coexistência de tendências²⁷:

A prerrogativa de constituição das tendências partidárias é fruto da concepção de Partido e sociedade acumulados na formação deste Partido, estando, assim, garantido aos militantes que coletivamente decidam organizar-se para defender posições e teses nos Congressos e fóruns partidários contribuir na elaboração teórica do Partido Socialismo e Liberdade, atuar a partir de posições comuns no cotidiano da militância, organizarem-se em tendências. (PSOL ESTATUTO, 2010, p. 23)

O estatuto determina ainda que elas organizar-se-ão “(...) livremente, sem nenhum controle ou ingerência das direções do Partido, com a condição de não se contraporem aos fóruns e reuniões dos organismos do Partido” e que “poderão constituir-se a qualquer tempo em âmbito municipal, estadual ou nacional, devendo ser comunicado ao respectivo organismo dirigente e ao Diretório Nacional”. (Idib, p. 24).

Cada corrente possui uma orientação estratégica e tática em relação a sua análise de conjuntura e atuação na sociedade. Essa grande quantidade de tendências promove fusões e articula grandes blocos, principalmente durante os congressos estaduais e nacionais do Partido; os dois blocos mais amplos são: a Unidade Socialista, liderada pela APS e o Bloco de Esquerda, conduzido pelo MES, e é recorrente a atuação de ambos para fora das instâncias decisórias do Partido como congressos, plenárias e reuniões internas deliberativas. Os blocos adotam uma dinâmica aglutinadoras de ações, ou seja, é comum, cada vez mais, as tendências agirem enquanto bloco nas dinâmicas internas do partido, para assim, garantir que suas concepções e resolução sejam vitoriosas.

²⁶Disponível em: <http://www.psol50.org.br/>. Acessado em 05/12/2017.

²⁷Atualmente, convivem no interior do PSOL quinze (15) tendências: Ação Popular Socialista (APS), Movimento de Unidade Socialista (MUS), Movimento Terra, Trabalho e Liberdade (MTL), Somos PSOL, Fortalecer o PSOL, Insurgência, Movimento Esquerda Socialista (MES), Corrente Socialista dos Trabalhadores (CST), Coletivo Resistência Socialista (CRS), Coletivo Primeiro de Maio, Coletivo Rosa Zumbi, Liberdade, Socialismo e Revolução (LSR), Trabalhadores na Luta Socialista (TLS) e as tendências, recém integradas ao partido em 2017, Esquerda Marxista e o Movimento por Uma Alternativa Independente e Socialista – MAIS.

O PSOL: um partido jovem e para jovens?

De acordo com o Tribunal Superior Eleitoral – TSE, o PSOL possui um total de 147.071 eleitores/filiados²⁸, ao dividirmos esse contingente eleitoral em termos geracionais, em perspectiva etária, tem-se que os adultos conformam a maior proporção de eleitores do Partido, com 62,3%. O recorte geracional/etário para a divisão foi baseado na maneira como o TSE expõe sobre os eleitores, assim, para aquela instituição, jovens são indivíduos que têm entre 16 e 34²⁹ anos de idade e adultos são os que possuem entre 35 e 79 anos ou mais de idade, conforme Gráfico 1 abaixo.

GRÁFICO 1– Divisão do PSOL –Divisão geracional (etária)– dados nacionais, 2017

Fonte: TSE. **Data-base:** Dez/2017

O Gráfico 2, a seguir, também segundo o TSE, oferece uma visão mais abrangente sobre a distribuição dos eleitores do PSOL por faixas etárias: é possível verificar que, o Partido tinha conseguido exercer influência política em significativo percentual de votantes (62%), membros das gerações adultas e envelhecidas da sociedade brasileira, entre 35 e 80 anos de idade, em 201, proporção significativa de eleitores se se considerar que o PSOL é uma agremiação emergente no universo do pluripartidarismo brasileiro do pós 1980. Por outro lado, os dados abaixo também demonstram que no conjunto total de eleitores do Partido, ele tem se mostrado capaz de dialogar influenciar proporções

²⁸ Nomenclatura do sítio eletrônico do TSE. Após consulta junto ao órgão municipal, o TSE informou que para ser filiado a um partido político o indivíduo precisa ter título de eleitor, logo, todos filiados são eleitores.

²⁹ De acordo com a Proposta de Emenda Constitucional da Juventude aprovada pelo Congresso em setembro de 2010 e o Estatuto da Juventude sancionado em 2013, considera-se jovem no Brasil todo o cidadão com idade entre 15 e 29 anos.

significativas de integrantes das novas gerações e das gerações intermediárias da sociedade brasileira, dados também positivos para uma agremiação partidária que acaba de cruzar a entrada da vida juvenil.

GRÁFICO 2 – PSOL Nacional: percentuais de filiados/eleitores, segundo faixa etária, 2017

Fonte: TSE. Data-base: 2017

No Gráfico 3, adiante, tem-se que do conjunto total eleitores do PSOL, 202.844 votantes, mais da metade (111.330, 55%) deles são homens, desses 80.936 são homens adultos e 30.394 (27,54) são homens jovens; o total de votantes mulheres, 91.514 (45%), dessas 66.036 são mulheres adultas e 25.478 (27,84) são jovens.

GRÁFICO 3 – PSOL - Eleitores filiados jovens segundo sexo, 2017 (%)

Fonte: TSE. Data-base: dezembro de 2017.

Tomando como referência dados TSE de abril de 2017³⁰, o PSOL divulgou em seu sítio, no mesmo período, que ele contava com a maior quantidade de jovens eleitores/filiados no país Brasil: a agremiação “chegou em 2017 à marca de 39,36% de filiados entre 16 e 34 anos, um total de 57.560 pessoas – sendo 16.290 menores de 25 anos.” Contudo, de maio para outubro houve algumas mudanças na porcentagem de jovens filiados ao PSOL, no entanto, é bem expressiva a quantidade de jovens filiados na agremiação investigada, principalmente quando comparado aos partidos de mais expressão no cenário nacional como o PMDB, PSDB e PT³¹.

3.4.1. Os coletivos juvenis no interior do PSOL: JSOL/Manifesta e JUNTOS!

São diversos coletivos juvenis que atuam no interior PSOL ou gravitam em torno dele. Pode-se dizer que cada tendência possui o seu segmento juvenil pelo Brasil a fora. Todavia, como a pesquisa se lançou em investigação qualitativa de um “micro processo” social (MARTINS, 2004), foi dada especial atenção para os coletivos juvenis existentes no município.

APS e MES contam com coletivos juvenis, e elas seguem as respectivas diretrizes político-ideológicas. A primeira corrente conformou o coletivo juvenil de atuação e formação chamado de Juventude Socialismo e Liberdade – JSOL, já o JUNTOS! Foi constituído com o apoio do MES. Os dois grupos juvenis foram criados em meados de 2010 e formalizados no início 2011, via registros internos no PSOL, e a atuação deles abrange praticamente todo território nacional, Ribeirão Preto, inclusive.

De acordo com a Carta do I Seminário da JSOL (2012), seus integrantes definiram como diretrizes fundamental a “transformação” da realidade brasileira, marcada por profundas e históricas desigualdades, e sobre os objetivos do coletivo é de ressaltar o esforço definir a juventude como um todo marcado internamente pela diversidade, e sublinhar que as lutas dos setores juvenis não são redutíveis às do movimento estudantil, pois elas envolvem as lutas sociais e políticas dos “oprimidos”, contra a discriminação e o preconceito e também por justiça social:

(...) a *Juventude, Socialismo e Liberdade* nasceu da necessidade concreta de organizar a luta da juventude além do eixo do

³⁰Disponível em: <http://www.psol50.org.br/psol-e-o-partido-com-maior-proporcao-de-jovens-do-pais/>. Acessado em 17/11/2017.

³¹ Comparado aos maiores partidos do país, o PSOL está muito à frente na proporção: o PMDB tem 9,95%, o PSDB 14,62% e o PT, 16,47%. Dados do TSE, disponíveis em <http://www.tse.jus.br/eleitor-e-eleicoes/estatisticas/estatisticas-de-eleitorado/estatistica-de-filiados>. Acessado em 17/11/2017.

Movimento Estudantil. De agregar lutadoras e lutadores a um projeto transformador da sociedade, revolucionário. Para tanto, acreditamos na necessidade da organização coletiva e atuação política. E, mais que isso, reivindicamos a aliança da juventude com outros setores do movimento social e popular. Enxergamos no PSOL um instrumento a ser construído por tod@s que acreditam e lutam por um Brasil diferente, sem desigualdade social, socialista, fazendo a luta institucional intimamente ligada aos movimentos de massa. **É papel da JSOL contribuir com o debate de juventude também para dentro do partido, ampliando seus horizontes.** (...)

A JSOL deve ser capaz de dialogar com os setores mais oprimidos da sociedade, pensar política para a juventude brasileira e atuar ao lado dela e, com ela, combater toda forma de injustiça. Devemos ainda combater nossas próprias contradições e preconceitos. Esse deve ser um exercício diário de revolucionárias e revolucionários -- sermos capazes de nos sensibilizar com @ próxim@, **fazer da luta um processo pedagógico**, no qual o povo possa se reconhecer enquanto sujeito político. (JSOL, 2012³², grifos meus).

O JUNTOS, vinculado ao MES, desde a sua criação, assumiu como elementos centrais de sua identidade coletiva a “representação nacional da juventude” e também a representação dos setores e gerações jovens que se orientam por mudanças socioculturais, políticas e econômicas, em diferentes dimensões da experiência de vida dos jovens, em escalas territoriais da sociedade:

(...) uma nova geração de lutadores dispostos a construir um mundo radicalmente novo. **Juntos!** é a juventude em movimento pela educação de qualidade, em defesa do meio ambiente, contra o preconceito e por uma sociedade com igualdade e liberdade para todos. (...) É a juventude dos indignados: dos tunisianos, egípcios, espanhóis, chilenos. Somos aqueles que estão sem emprego, sem educação, sem cultura, sem casa, mas também sem medo de lutar! (...) Somos aqueles que estão nas lutas contra toda forma de preconceito, seja de gênero, etnia, idade, credo. Somos aqueles que estavam nas Marchas da Liberdade, das Vadias, no #ForaRicardoTeixeira, contra a corrupção, nas paradas LGBT. Somos aqueles que #TomamosAsRuas e lutamos por uma #DemocraciaRealJá! (...)

Somos aqueles que estamos nos bairros, vias, favelas, #Emancipando junto com os cursinhos populares tentando uma alternativa diferente de acesso a universidade e de garantia de educação! Somos aqueles que estavam no CONUNE com a oposição de esquerda lutando pelos 10% do PIB para a educação pública e por democracia na União Nacional dos Estudantes! Somos aqueles que estão nas universidades ocupando reitorias por uma educação pública de qualidade! (JUNTOS!³³)

³²Disponível em: <http://juventudesol.blogspot.com.br/>. Acessado em 20/12/2017.

³³Disponível em: <https://juntos.org.br/quem-somos/>. Acessado em 20/12/2017.

3.4.1.1 Da JSOL ao Manifesta: insatisfações e disputas pelo rejuvenescimento do PSOL e da APS

Em 2017, ao realizar as entrevistas com membros da geração jovem do PSOL-RP, vinculados a APS, um dos jovens entrevistados e a ela vinculado (Ramires, 29 anos de idade) discorreu sobre as mobilizações e ações internas à tendência tendo em vista a construir um novo coletivo juvenil no campo daquela tendência: o “Manifesta”.³⁴ De seu relato, recortei elementos da avaliação que elaborou sobre os modos de atuação da JSOL no Partido e na realidade exterior, sobre as tensões e problemas que ela estava enfrentando na dinâmica social e de poder interna à APS e ao Partido, e sobre as mudanças que as novas gerações da tendência entendiam que deveriam ser assumidas e concretizadas em nome do rejuvenescimento sociocultural e político do PSOL em geral:

A JSOL teve um processo muito difícil, muitos militantes foram sugados para ocupar cargos ou funções na APS ou no próprio partido: a JSOL foi murchando cada vez mais. Sem falar que por ser a juventude do PSOL, de fato a juventude do partido, de maneira mais institucional, ela não dialogava com movimentos que num primeiro momento rechaçam os partidos.

Eu acho que a gente aprendeu muito com erros do passado e hoje sabemos que é necessário se modernizar em relação a atuação da juventude da APS. Não dá para fazer referência ao PSOL, da forma como fizemos com a JSOL, pois ainda existe um rechaço da juventude ao partido, eu acho que é um dos debates principais do “Manifesta”.

E sobre as mudanças que poderiam colocar o Partido e a tendência nos caminhos do rejuvenescimento social, cultural e político:

a liga nesse novo coletivo juventude é a pauta, a mobilização, a estética, a prática política e a forma de envolver a juventude. Ser aberta a juventude, abertas aos debates de opressões e lutas específicas.

Quanto as lógicas que sustentam às finalidades que vem sendo delimitadas para a atuação do Manifesta, em diferentes escalas territoriais,

Eu acho que a JSOL não tinha isso muito claro, e sempre bebeu muito naquilo: (...) - ‘a gente precisa fazer o PSOL crescer como partido’. (...)

A gente perdeu muito jovem assim, também, em querer crescer como partido, mas em não se inserir com quem de início repudia partido, mas mantém discussões e pautas progressistas que no fundo dialogam com o programa do PSOL.

³⁴Julguei importante trazer o relato de Ramires sobre a criação do Manifesta/APS para esta seção, porque trata-se de uma jovem liderança da PSOL/APS no município e porque foi também em nome desse novo coletivo jovem que algumas ações educativas para filiados jovens e adultos ribeirão-pretanos ou não foram desenvolvidas.

Em relação aos atores envolvidos na configuração do novo agregado e sobre suas bases sociais e etárias:

(...) Boa parte dessas pessoas que estão no coletivo, no “Manifesta”, vieram da JSOL desde o começo, então você tem um grupo com 24, 29 [anos de idade], um grupo que tem um acúmulo grande, tem uma experiência muito boa, e está muito inserindo, principalmente em São Paulo, inserido nos debates públicos, nas manifestações, ao mesmo tempo que transita na corrente e nos mandatos. Ao mesmo tempo que você tem uma base muito nova, uma base que procura o PSOL e não conhece o PSOL e quer militar, e não se vê em outro coletivo, (...) não consegue “colar”, com o MES, com o JUNTOS, com o RUA, que acham muito tradicional e trotskistas. Às vezes, esses coletivos nem vão chegar nestas pessoas.

Em linhas gerais, Ramires delimitou as “intenções” e finalidades políticas do Manifesta:

Eu acho que o Manifesta é um coletivo que está bem-criado e com uma linda intenção, que todos os jovens da antiga JSOL têm participado na sua criação e estratégia de atuação. Eu fui para o encontro estadual de onde saiu a criação desse novo coletivo de juventude certo?! Você tinha um número grande de pessoas ligadas ao debate de opressões que impressionou um pouco a gente, pois a APS não tinha esse cara, e acabou que lá estavam muito presentes. E (...) você tem uma geração que já é dirigente do partido, um pouco mais velha mais ainda jovem e que militou na JSOL.

Os dirigentes da APS e MES no município, orientam e formam sua juventude, principalmente, via coletivos juvenis de cada corrente. Inclusive, como foi constato em diferentes etapas da pesquisa e nos relatos dos entrevistados, cada coletivo juvenil atua e possui análises de conjuntura muito próxima do atuar das suas correntes de origem.

Cada coletivo juvenil, da localidade, tem um jovem enquanto liderança do movimento. Esse jovem tem destaque entre seus pares e também com as gerações intermediárias e adultas. Acredita-se que essa prática seja comum na atuação dos coletivos em território nacional.

Para os jovens ribeirão-pretanos, filiados do PSOL, os coletivos JSOL-Manifesta e o JUNTOS! foram fundamentais para o desenvolvimento de experiências educativas e formativas e no próximo capítulo esses processos serão mais bem esmiuçados.

3.5. PSOL: resoluções estatutárias instâncias de formação política

De acordo com o seu Estatuto, o Partido demonstra interesse e atribui importância à formação e educação política de seus militantes, filiados e simpatizantes, pois no

capítulo XV do documento encontra-se o registro de como ele deve se organizar de modo a influenciar, socializar e educar militantes e filiados pertencentes a diferentes gerações etárias e sócio históricas:

A formação política no Partido terá caráter continuado e prioritário, construída através de cursos, seminários, debates, publicações e outros meios pertinentes, sendo responsabilidade do Diretório Nacional do Partido, que, para tanto, deverá nomear uma Comissão de Formação. (PSOL. ESTATUTO, 2010. p.11).

Para concretizar a diretriz acima, do ponto de vista organizacional, o Partido definiu por estruturar uma Secretaria de Formação Política que deve conceber, planejar e

- a) coordenar o trabalho de formação política;
- b) promover debates, pesquisas e cursos sobre assuntos relacionados ao programa partidário, procurando desenvolver o espírito crítico dos filiados;
- c) manter intercâmbio permanente de publicações de caráter socialista;
- d) organizar e manter em funcionamento a biblioteca partidária;
- e) elaborar e organizar o plano nacional de formação política do partido.

Ainda visando à influência, socialização e educação da militância, o Estatuto previu que

1º – os Núcleos de Base terão como objetivo, entre outros: organizar a militância para debater temas de atualidade política; realizar cursos de formação (Idib, p. 10).

No capítulo XX, sobre a “fundação partidária, o artigo 100, tem-se a criação da “Fundação Lauro Campos”, “entidade de direito privado”, instituída para “aprofundar a discussão dos fundamentos doutrinários do Partido, bem como estimular e promover a investigação e o debate ideológico, político e cultural, sobre as grandes questões da atualidade brasileira e mundial.” A Fundação está sediada na capital de São Paulo e a abrangência de sua ação limita-se às capitais.

Alguns dos jovens colaboradores do estudo falaram a respeito das dificuldades de participar dos eventos promovidos pela Fundação, pois tais eventos são concentrados nas capitais dos estados, principalmente na capital onde está situado. Todavia, seu sítio eletrônico na Internet disponibiliza diversos materiais com o objetivo de “fornecer subsídios para que a militância, de forma crítica e aberta, possa enfrentar os debates que

ocorrem na sociedade e assim ampliar o alcance das ideias socialistas.”³⁵ Essa agência também é responsável pela elaboração e divulgação da revista *Socialismo e Liberdade*³⁶.

3.5.1 A estruturação e ações formativas das correntes do PSOL em Ribeirão Preto (São Paulo)

No ano de 2005, o PSOL se instalou na realidade sociocultural e política de Ribeirão Preto, e nas eleições municipais de 2006 lançou candidato ao Executivo da Prefeitura. Na ausência de documentos oficiais sobre a chegada e instalação do Partido na cidade, lancei mão de relato de um dos entrevistados – Rodrigues (APS), quando testemunhou: “(...) aqui em Ribeirão Preto, (...) quem construiu o partido (...) foi o [candidato a prefeito] do MES. (...) O partido foi fundado em 2005. Quando nós chegamos, a APS chegou. (...) Aí disputamos, conseguimos a direção do partido aqui em Ribeirão, em 2007.

A partir da memória de Rodrigues, tem-se a informação que dois dos principais blocos políticos internos já marcavam presença e atuavam na esfera pública local, de maneira a tornar reconhecida e legitimada a associação na cidade.

Segundo dados do TSE, em 2017, no município o PSOL contava com 352 eleitores/filiados.

Dos quatros (4) filiados do PSOL, membros das gerações adultas, que contribuíram com o estudo, dois (2) estão vinculados e representam a APS e dois (2) o na cidade e região de Ribeirão Preto.³⁷

Em relação a práticas e ações de socialização e educação política de militantes, filiados e simpatizantes, de diferentes idades, os quatros entrevistados afirmaram que tanto APS como MES concebem e desenvolvem iniciativas socializadoras e educativas. O destrinchar das práticas serão melhores explanados no próximo capítulo, que contará com as contribuições das falas dos jovens sobre os processos de formação, socialização e experiências. Todavia, por se tratar de um capítulo dedica ao feitio da configuração do PSOL, se faz necessário apresentar alguns excertos das entrevistas concedidas pelos os

³⁵ Disponível em: <http://www.laurocampos.org.br/sobre-a-fundacao/> Acessado em 15/11/2017.

³⁶ No momento de escrita desta dissertação, está na sua 19ª edição. É distribuída impressa para todas as sedes do partido pelo território nacional, bem como disponibilizada virtualmente no site da fundação.

³⁷De acordo com os entrevistados, as demais correntes/tendências do Partido ainda não marcaram presença e atuam na cidade.

adultos com o intuito de perceber a relação entre as ações formadoras e sua consonância com as teorias e práticas das correntes internas em questão.

Rodrigues e Douglas foram enfáticos quando afirmaram que APS tem se preocupado em desenhar e oferecer “cursos” de formação teórica e prática para jovens ribeirão-pretanos. Além de denominaram de “cursos” com algum nível de formalidade – com temas pré-estabelecidos, material didático, horários, os dois militantes registraram que também consideravam como ações socializadoras e educativas as recorrentes plenárias e os continuados seminários que a APS organizou ao longo dos anos. Segundo narraram, os processos formativos concretizados pela tendência têm “orientação gramsciana”, pois, “a APS possui uma orientação gramsciana. Somos gramscianos. É o que baseia nossa atuação”. (Rodrigues, APS).

A formação com enquadramentos práticos ocorre sobretudo nas atividades e ações formalizadas em ruas, nas manifestações, nos atos, em assembleias e congressos entre outros planos e territórios.

Foi relatado por Rodrigues, que a JSOL tinha a tática de se infiltrar em movimentos existentes em diferentes bairros e regiões da cidade, locais em que promoverem rodas de conversas com o intuito de formar, esclarecer, debater, polemizar e, se possível, trazer novos militantes para o PSOL. Em sua avaliação, essa tática, se assemelha ao proposto por Gramsci como “guerra de posições” e também caracteriza o que o pensador italiano definiu como “intelectual orgânico.”

Ademais, essa corrente tende a valorizar os períodos eleitorais e as próprias eleições por julgar que eles se constituem em importantes instrumentos de luta política, isto a disputa pela conquista de um mandato parlamentar ou o governo do poder executivo: “(...) a gente acredita que a Revolução pode vir via mandato, buscar o legislativo, buscar um governo e construir um governo democrático e popular, discutir pautas legislativas progressistas, que isso ajudaria criar um ambiente revolucionário e as transformações sociais”. (Rodrigues, APS).

Com Claudine (MES), foi possível apreender algumas distinções de natureza ideológica e política entre MES e a APS:

Se você pegar, por exemplo, a Unidade Socialista, e se pegar a APS, que é a principal corrente dentro da Unidade Socialista, você vai perceber que a formação política como um todo, não só dos jovens, é diferente porque está de acordo com a orientação da própria corrente. A Unidade Socialista, a APS, é muito mais burocratizada, está relacionada aos movimentos sociais já concretizados. Muitas vezes, estão inseridos em movimentos de juventude que já existem, ou movimentos sociais

que já existe. A APS adentra os movimentos que já existem e articulam esses movimentos. [A APS] tem uma proximidade e auxílio muito grande na política institucional, vamos dizer assim, ou na Revolução via Parlamento, ou a disputa eleitoral é um ponto muito forte para aquela corrente.

Se você pegar a formação da juventude e a formação política do MES, é uma formação diferente, tem mais um viés político-ideológico. Acredita não só no Parlamento como instrumento, ou não coloca como principal ponto a disputa eleitoral, mas principalmente os movimentos sociais e as lutas que as classes estabelecem. Tem uma base ideológica e uma ação prática ligadas aos movimentos sociais, inclusive aqueles que não existem ainda, mas que existem demandas de lutas que precisam ser organizadas em movimentos sociais. Então, existe perfil diferente de formação por conta do próprio perfil diferente das correntes.

Sobre o assunto, o testemunho de Douglas (APS) referenda o da companheira de Partido e do MES.

Eu tive até bastante contato com o pessoal do MES. Eles não vêm a política institucional como a protagonista revolucionária. Então, a disputa eleitoral aparece de maneira secundária, a disputa pelo legislativo, a disputa pelo executivo, dentro das lutas construídas e travadas pelo MES. Então, eles tentam construir [ação] a partir dos movimentos sociais. A APS tenta colocar a disputa do movimento institucional no mesmo nível da disputa via movimentos sociais. A APS acredita bastante na disputa via institucional e foca muito das suas forças nessa disputa....

Ainda segundo Claudine e Eduardo, o MES adota orientações do “marxismo-leninismo” e do “leninismo-trotskista”, tendo como uma referência central Nahuel Moreno, um “atualizador” das ideias León Trotsky, enquanto a “APS tem uma orientação (...) baseada nas ideias de [Antônio] Gramsci”. (Eduardo)

Assim, a partir dos itinerários que se percorreu até o momento pode-se apreender que no quadro partidário da realidade contemporânea nacional e de Ribeirão Preto, o PSOL, uma jovem agremiação partidária, estruturada por tendências e correntes internas, que conta com coletivos juvenis, tem sensibilizado, influenciado e conquistado eleitores entre jovens, adultos e velhos. Ademais, o Partido também investe na concepção e desenvolvimento de ações de socialização e educação dos mais novos, em trocas e transmissões que envolvem elementos da herança cultural de expoentes do socialismo, da revolução socialista e a imersão e intervenção dos jovens filiados na realidade local, em meio lutas sociais e políticas, suas ações coletivas, movimentos sociais e populares diversos.

Jovens ribeirão-pretanos vem se engajando, militando e se filiando ao PSOL e alguns deles se associam também a APS e ao MES, a seção seguinte foi reservada para apresentar uma caracterização dos que colaboraram com a pesquisa, e a partir de suas narrativas pretendo explicitar e analisar os percursos de socialização e educação política que experienciaram em diferentes círculos sociais até o engajamento ao Partido, assim como as experiências educadoras que nele vivenciaram em encontros geracionais promovidos pela agremiação, as contribuições que elas lhes trouxeram **e o que os jovens fizeram** com aquilo que os responsáveis pelas trocas e transmissões fizeram para eles e com eles.

4. Retratos de integrantes da nova geração do PSOL-RP: experiências anteriores de socialização política, conexão geracional, engajamento partidário e ações educativas que vivenciaram no Partido

Nesta seção apresenta-se e analisa-se, a partir de uma perspectiva indutiva e com fundamentação em contribuições das áreas das ciências sociais e da educação, já referenciadas na introdução e capítulo 1:

1) uma caracterização dos jovens militantes do PSOL-RP que colaboraram com a pesquisa, apresentando brevemente algumas de suas características sociodemográfica e sociocultural;

2) os elementos da memória individual que os jovens trouxeram sobre as experiências de socialização e educação política (SETTON, 2013; TOMIZAKI, 2005; 2010; 2016) que participaram e as que construíram:

a) na “socialização primária”, no interior da família de origem, considerando as interações com os pais e membros colaterais da família expandida - avós, tios, primos etc (BERGER; LUCKMANN, 2004; MARTUCELLI, 2013);

b) na “socialização secundária, em relações sociais e vivências construídas no mundo público , desde as correlatas às sociabilidades estabelecidas na educação escolar básica – ensino fundamental e médio, no ensino superior, em ações coletivas, mobilizações e movimentações protesto, contestação, ocupação do/no espaço público etc; em territórios da Internet - redes sociais; blogs, sites de relacionamento etc; em grupos ou agregados de colegas e amigos, e as concernentes ao envolvimento e o engajamento efetivo (filiação e militância) no PSOL-RP e alguma de suas correntes políticas³⁸(BERGER; LUCKMANN, 2004; MARTUCELLI, 2013);

Na caracterização individual de cada jovem, serão considerados, com ênfase, planos de “socialização secundária” de natureza política, envolvendo trocas e transmissões geracionais (MEAD, FORQUIM, PAIS) no interior do PSOL, com indicação dos territórios em que elas ocorreram, as modalidades das práticas – cursos,

³⁸De acordo com Mannheim ([1928]1993, p. 224; 1982, p. 88), as “atitudes integradoras” e os “princípios formativos” são fundamentais à transmissão da tradição, pois só eles socializam verdadeiramente, pois são capazes de gerar laços entre os grupos e fundamentar “uma prática contínua”.

debates, rodas de conversa, leituras orientadas, etc – e as intencionalidades de cada uma delas, dadas por seus propositores, assim como os temas, problemas e questões, princípios e valores que nelas predominaram.

O esforço para a caracterização dos jovens do PSOL-RP se deu pela montagem de retratos individuais, guiada pela preocupação de explicitar os “fatos básicos” - etários, sociohistóricos, socioculturais e políticos, capazes de sustentar a ideia de que os (7) entrevistados partilharam/partilham uma “situação/posição geracional” comum, que lhes permitiram/permitem o estabelecimento de uma “conexão geracional” no interior de um mesmo meio, sob uma situação histórico-social singular (MANNHEIM, [1928]1993; 1982; MEAD, 1977; FORQUIM, 2003; NAKANO, 2005; TOMIZAKI, 2005; 2010).

No final da seção, teço considerações gerais sobre as informações, dados e elementos das experiências etárias e socializadoras dos sete (7) “novos”, visando a apresentar os traços comuns que permitem compreendê-los como a jovem geração de filiados do PSOL-RP que experienciam um “destino comum” (MANNHEIM, [1928, 1993; 1982), faço também apreciações sobre os traços que os diferenciam no interior de uma geração.

Discorrerei, ainda, sobre os elementos e características das trocas e transmissões que eles compreenderam como socializadoras e educativas, em contextos de trocas e transmissões geracionais – intra e inter, organizados pelo PSOL e/ou suas correntes, em diferentes territórios, as avaliações que eles fizeram sobre elas, as contribuições que elas lhes ofereceram e como eles delas se apropriaram no contexto da militância e da fase da vida em que se encontram – a juventude.

4.1 Parâmetros adotados para a construção dos retratos dos jovens

À época da realização das entrevistas, os sete (7) jovens militantes tinham entre 21 e 30 anos de idade³⁹: duas moças (Helena e Silvana) e cinco moços (Caetano, Carlos, Diogo, Francisco e Ramires), todos explicitaram vínculos e participação objetivos com a/na dinâmica social e política do PSOL em Ribeirão Preto e em outros territórios.

³⁹De acordo com o Estatuto da Juventude - Lei Federal nº 12.852/2013, no território nacional, jovens são “as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos” (BRASIL, 2013). Ainda que um dos jovens entrevistados estivesse com 30 anos de idade quando nos concedeu a entrevista, julguei mais apropriado, do ponto de vista vivencial, isto é, histórico-cultural e social, incorporá-lo ao agrupamento de representantes novas gerações do PSOL-RP.

Os retratos foram montados a partir de:

- 1) dados sobre a idade, condição civil, local de nascimento e informes sobre a família de origem;
- 2) breve caracterização sociodemográfica e sociocultural – nível de escolaridade atingida e relações como mundo do trabalho; expectativas futuras quanto continuidade da escolarização e de inserção laboral;
- 3) referências a processos socializadores por eles vivenciados em círculos de socialização primária de modo a apreender o que foi internalizado em termos de valores, visões de mundo, sentidos da política e da participação política (inclusive partidária);
- 4) relatos sobre processos socializadores de natureza política em círculos sociais de socialização secundária;
- 5) problemas, questões, temas, interesses sociopolíticos ou culturais que contribuíram para que se aproximassem e se envolvessem com o PSOL ou a correntes da agremiação;
- 6) as interações, relações sociais e geracionais ou atores que concorreram para que se aproximassem ao e se envolvessem com o PSOL (em Ribeirão Preto ou outra(s) localidade(s));
- 7) declarações de vínculos com alguma(s) corrente(s) interna ao PSOL;
- 8) as práticas, processos ou situações em que ocorreram trocas ou transmissões geracionais – intra e intergeracionais, que, segundo eles, contribuíram para socialização e a formação política;
- 9) os objetivos ou sentidos que nortearam as trocas e transmissões por eles circunscritas e os espaços-tempos em que eles ocorreram;
- 10) o estado das relações que mantinham com PSOL-RP e suas correntes/tendências no momento em que foram entrevistados.

4.2 Retratos de integrantes das novas gerações de filiados do PSOL-Ribeirão Preto

Os três primeiros retratos são de jovens que, por um conjunto de mediações e atores, se vincularam e se filiaram ao PSOL-RP e também a corrente Movimento Esquerda Socialista – MES.

4.2.1 Silvana, 21 anos.

SILVANA, 21 anos, solteira. Nasceu em Ribeirão Preto, já morou em Caldas Novas/GO, Rio [de Janeiro], Jardinópolis/SP; atualmente mora Sertãozinho/SP, mas afirmou que faz tudo em Ribeirão Preto: “lá é mais cidade dormitório, mesmo”.

As referências sobre a família de origem foram dirigidas à mãe, pois o pai faleceu quando ela tinha nove anos de idade.

Quando do diálogo, Silvana realizava o curso de Direito, em IES da rede privada, com bolsa de estudos do Programa Universidade Para Todos – PROUNI.

Já esteve integrada a esfera do trabalho formal, no setor terciário, com atendente de *telemarketing*; também realizou estágio remunerado; quando dialogamos, estava desempregada e se dedicava aos estudos.

Em relação a educação política no contexto da socialização primária, a jovem mencionou que a “mãe é petista”, assim como o avô materno, ele, “inclusive, lutou na ditadura”. Porém, relativizou a força de influências políticas advindas da militância petista dos membros da família em sua socialização, pois tanto ela como sua mãe entraram para a Igreja “Assembleia de Deus”; comentou que os membros da Igreja levavam “os candidatos deles, que são mais conservadores”; situação que contribuía para que ela, na adolescência, tivesse “uma educação mais conservadora”, sem que isso apagasse de todo as influências obtidas com a aproximação ao PT e do que ela chamou de uma espécie de *vibe*⁴⁰ que marca as interações com a mãe :

Eu tive contato, mas não contato de formação, minha mãe nunca falou: ‘ah minha filha, vamos falar sobre isso’. Sempre foi nas entrelinhas, assim. **Mas formação mesmo, assim na família, não!** Foi muito positivo, tanto para mim quanto para ela, porque hoje ela não é mais dessa *vibe*, tanto que filiou esse ano no PSOL também, [com] 54 anos. (grifos meus)

De contextos e círculos sociais de socialização secundária, não foram recolhidas considerações sobre quadros de educação política de Silvana na educação básica, entretanto, quando transitou do ensino médio para o ensino superior, ela fez referências a uma vivência que tornou-se um marcador em sua vivência política e lhe trouxe um sentimento de pertencimento⁴¹: as manifestações de rua ocorridas no país entre 2013 e 2015.

⁴⁰*Vibe*: o termo provém da palavra de origem inglesa *vibration*, “é uma abreviação muito utilizada em vários lugares do mundo, inclusive no Brasil. (...) O termo começou a ser divulgado a partir do uso frequente com que jovens empregavam em **festas de música eletrônica**, onde se dizia que deveria “aproveitar a *vibe*”, ou seja, a música e o clima do momento. (...) Porém, o termo *vibe* era empregado antes em outro cenário musical: o do *reggae* e ritmos semelhantes. Com a fusão de estilos, surgiram, o *ska*, o merengue e a salsa – todos estes gêneros musicais possuem características próprias e positivas como é o caso da alegria e do otimismo. (...) Essas músicas começaram a ganhar espaço por contagiar as pessoas que cantam e dançam com vontade, disposição e energia. Daí surgiu o termo *vibe* positiva e as variações como boa *vibe* e positividade como representação desse bom estágio. (...) Mas, se a pessoa não estiver com bons pensamentos e sentimentos e se deixa levar por maldade, inveja e rancor estará com uma sintonia de energia contrária, ou seja, o termo empregado é *vibe* negativa, má *vibe* ou simplesmente negatividade. Disponível em: <https://www.meusdicionarios.com.br/vibe>. Acessado em: 11/2017.

⁴¹Amaral (2006) considera que a noção estabelece relações com a “crença subjetiva numa origem comum que une distintos indivíduos. [Eles] pensam em si mesmos como membros de uma coletividade na qual símbolos expressam valores, medos e aspirações. Esse sentimento pode fazer destacar características culturais e raciais” (Ibid., p.1). Disponível em <http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-index.php?page=Pertencimento>. Acessado em dezembro de 2017.

Eu sou meio que ‘filha’ de junho. (...) Na época, não tinha posição política, eu fui porque foi uma coisa de massa e eu tinha também vários questionamentos ao governo e ao sistema, eu fui para as ruas e tal. Mas eu (...) acabei não dando continuidade nisso, fiquei envolvida com política mais através das redes e tal. Ai, eu voltei quando teve o fora Cunha, no final de 2015.

Após aquelas atividades de protestos, sua experiência política se expandiu e se diversificou, seja pela defesa de “questões feministas”, à adesão a “atos” de coletivos feministas ou a aproximação, pouco a pouco, de coletivos juvenis e candidatos do PSOL no município, percursos que a levaram à filiação ao Partido:

[em 2015], tanto que era a primavera feminista, (...) eu lembro que estavam tendo atos no Brasil inteiro, e não haviam atos em Ribeirão Preto. (...) Eu e mais uma amiga agitamos isso aqui em Ribeirão. (...) Eu falei: ‘nossa, Rafa, ninguém chamou para um ato, como é que a gente faz. Vamos fazer um evento?’ Que era muito no *Facebook*. (...) Aí fui lá e fiz o evento, no outro dia tinham dez mil convidados, mil e não sei quantos confirmados. (...) E aí fizeram uma reunião do evento, foi onde eu conheci as outras feministas da cidade, que estavam meio dispersas, e aí a gente se uniu ali. Foi quando eu conheci as meninas do JUNTAS, que é o setorial de mulheres do JUNTOS. E, de primeira mão, eu não entrei para o JUNTAS, eu ficava meio que me esquivando, eu não queria movimentos. Só que eu comecei a ir nas atividades do JUNTAS e ir nas atividades dos JUNTOS, pois as coisas funcionam muito uma do lado da outra. E aí, em meados de 2016, foi quando eu me envolvi mesmo com o JUNTOS, e aí comecei a militar mais, tinha amigos. E aí, em outubro eu comecei a fazer a campanha do Eduardo [PSOL-RP] E aí, foi durante a campanha que eu vi a importância de você entender a importância de um partido político, foi quando eu me filiei.

Silvana explicitou a dimensão que vem atingindo seu envolvimento com a dinâmica intrapartidária do PSOL-RP, seja por vínculos estabelecidos com o JUNTOS seja com coletivos de mulheres do Partido:

Já dentro do PSOL, eu estou começando a entender melhor como o partido funciona e começando a militar de uma maneira mais efetiva. (...) Dentro da nossa corrente, o MES, o Eduardo trabalha mais a região; (...) eu estou tendo mais cuidado com Ribeirão Preto, com a ajuda dele, para saber como funciona o trabalho das mulheres, o setorial das mulheres, como que vai funcionar o trabalho da atuação do PSOL no sindicato. Está muito mais amplo que a juventude.

A jovem avaliou que a experiência descrita é, em si, socializadora e educativa com sentidos políticos e um modo de ser fazer política partidária:

Essa minha formação dentro do meio: vou de tudo, à reunião, também; vou numa reunião da frente (...) contra o fechamento da UBS, (...) comunicar (...) com as outras forças, porque é importante isso, militar e conversar com a população, conversar com outras forças, saber como conversar...

Por outro lado, ressaltou que nunca recebeu convite de instâncias do PSOL, responsáveis estatutariamente por formação política de seus militantes, para participar de processos ou quadros educativos, porém discorreu sobre práticas do MES em Ribeirão Preto, avaliando-as como formativas, na medida que elas se preocupam em cruzar “o **debate** da cultura e o **debate** mais teórico, **relacionar o debate classista com essas questões de opressão**. (...) Sempre tem **curso** de formação, tanto para mulheres quanto que para outros temas....” (grifos meus).

4.2.2 Carlos, 22 anos.

CARLOS, 22 anos de idade; solteiro. Mora em Ribeirão Preto, com o pai, a mãe e um irmão. Estudou o ensino médio em escola pública estadual, ingressou no ensino superior, em IES privada, e cursava o quarto ano de Direito, com bolsa de estudos do PROUNI.

No momento da entrevista, não estava inserido na esfera formal do emprego; realizava estágio na área Direito. Neste âmbito, sua aspiração profissional é a de realizar “concurso público, uma espécie de carreira na defensoria pública”.

Quanto a socialização política no meio familiar, relatou que os pais eram militantes petistas. Sua mãe teve ligações com o PT e participou ativamente nas lutas sociais da pessoa com deficiência: “quando eu já tinha um pouco mais de idade, ela atuou muito no conselho da pessoa com deficiência, (...) então teve uma briga muito grande na questão “deficiente”, mesmo sendo uma mulher com pouco estudo, era uma faxineira, ela brigou muito pelo direito do deficiente”. Também seu pai militou na “campanha do Lula e um tio militou em campanha municipal por candidato do PT que disputou o governo do Executivo municipal, em 1996⁴²: “todo este pessoal, que era muito presente na minha família”. O envolvimento e participação na política partidária marcou também a trajetória de seu avô, que foi candidato pelo PSDB: “um partido que está (...) no outro extremo; (...) ele participou da gestão de alguns prefeitos: Jábali⁴³, gestão Gasparini⁴⁴. Além dessas experiências e influências.

Além dessas influências, Carlos destacou outras experiências de participação social, de sua mãe e seu pai – em conselho municipal de saúde, em “questões raciais”, com repercussões em seu processo de socialização, internalização de valores políticos:

Meu avô foi presidente de associação dos moradores. Por isso, ele teve uma influência muito grande com lideranças. Meu pai fez parte do conselho municipal de saúde. (...) Se hoje temos ônibus adaptado na cidade toda, minha mãe esteve nessa briga, na via de frente, lá atrás. (...) Minha mãe sempre parava para conversar comigo, para falar da questão racial, da questão de tudo que nós temos em nosso país hoje, então, eu aprendi muito dentro de casa.

E, constatou o jovem, quanto à sua inserção na esfera público-política: “lá pelos meus 7, 8 anos de idade, quando comecei a entender mais ou menos as coisas, já sabia o que estava acontecendo. Então, quando sai para fora, eu já tinha uma bagagem”.

Carlos ratificou sua avaliação quando discorreu sobre a experiência de participação política que construiu como estudante do ensino médio, pois integrou o grêmio escolar e àquele canal de participação estudantil e a seus pares se manteve vinculado mesmo após a conclusão da daquela

⁴²Segundo Ricardo Jimenez (2015): em 1996, em Ribeirão Preto, a disputa eleitoral se dava entre (...) o advogado Sérgio Roxo da Fonseca, do PT, e o empresário da construção civil Luiz Roberto Jábali, do PSDB. “Era um embate entre duas forças que polarizariam duelos nacionais futuros, mas que ocorria em Ribeirão Preto em um momento nacional de apogeu do neoliberalismo e de seu discurso em defesa do desmonte do Estado e das privatizações. Era a metade de uma década que seria marcada pelo desemprego estrutural, pela recessão econômica e pela falta de perspectivas para a juventude”. Disponível em: <http://redept.org/artigos/Ricardo-Jimenez/em-1996-ribeirao-preto-parou-no-paozinho-frances>. Acessado em 11/2017.

⁴³Jábali (PSDB) governou o Executivo municipal de Ribeirão Preto entre 1997 e 2000. Disponível em: <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,morre-luiz-roberto-jabali-ex-prefeito-de-ribeirao-preto,20040808p14781>. Acessado em 11/2017.

⁴⁴Welson Gasparini (PSDB): “em 1958 elegeu-se vereador pelo antigo PDC (Partido Democrata Cristão). Em 1964, tornou-se prefeito de Ribeirão Preto pela primeira vez. (...) é deputado estadual após ter sido deputado federal e, por mais três vezes, prefeito daquela cidade.” Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/alesp/deputado/?matricula=300523>. Acessado em: 01/2018.

etapa de ensino; em 2013, associado aqueles atores contribuiu para organizar variadas manifestações de rua na cidade, ações que tonaram-se marcadores temporais em sua formação e ações

... tinha acabado a gestão do grêmio quando eu sai, e o pessoal que ainda estava no grêmio, (...) nós organizamos e (...) formamos outro ato, com mais de 600 estudantes e veio a subsecretária da Educação, (...) para conversar conosco; depois nos deu um ‘chapéu’, um ‘passa moleque’. (...) Na greve dos professores, de 2013, nós organizamos uma grande passeata, com mais de 1000 estudantes, (...) inclusive, foi antes de junho, que o bicho pegou mesmo! A partir (...) de junho, que foi o ato lá em São Paulo, que teve aquela projeção, já pegamos embalo, (...) estávamos com o motor aquecido (...). Saiu um boato que teria aumento [das passagens de ônibus]. Então, falamos: ‘vamos espalhar isso que vai ter aumento; (...) estava tendo a greve dos motoristas; era um movimento muito lógico da Prefeitura, para acabar a greve e aceitar dar o dissídio que os motoristas estavam pedindo, caísse no aumento da passagem; (...) temos que sair propagandeando.

Neste contexto de mobilizações e ações coletivas em que afirmou ter assumido protagonismo, Carlos também situou sua aproximação ao PSOL, sobretudo porque estabeleceu laços com filiados do Partido:

quando nós marcamos as primeiras reuniões, (...) apesar de nunca ter sido MPL⁴⁵ - (...) é que na verdade o MPL depois somou com a gente aqui. Chamamos um primeiro ato, aparecerem 19 pessoas, as 19 pessoas eram o pessoal do panelaço, tinham um pessoal que era do PSOL, o Sidnei, (...) o Eduardo [MES], e outras figuras aqui do movimento mesmo.

Nesse contexto de reuniões, assembleias, ações de rua, lhe chamou a atenção o “rechaço aos partidos políticos” que marcava os encontros

em 2013, inclusive antes de junho, rolava um sentimento muito forte do antipartidarismo. (...) Na época nós tivemos até uns embates: ‘- ah, pode bandeira, não pode, pode partido, não pode partido; partido não pode levar panfleto’, algumas coisas concordei e com outras não. (...) E com isso começou a ter uma proximidade com o pessoal do PSOL. Foi na verdade um processo de discussão de muito tempo. o Eduardo, e outros que me acompanharam e discutiram comigo, mas não só PSOL, também PSTU. (...) A conversa e atravancou muito, demorou muito para concretizarmos um processo de entrada no PSOL.

O ingresso e a filiação ao PSOL ocorreram após um ano e se deu pela mediação de Eduardo [MES], no contexto de campanhas as eleições municipais: “Eduardo lançou a candidatura, com uma proposta muito bacana de construir com os movimentos sociais, com os ativistas e me

⁴⁵Movimento Passe Livre. De acordo com o blog Tarifazero.org: “O MPL foi batizado na Plenária Nacional pelo Passe Livre, em janeiro de 2005, em Porto Alegre. Mas antes disso, há seis anos, já existia a Campanha pelo Passe Livre em Florianópolis. Fatos históricos importantes na origem e na atuação do MPL são a Revolta do Buzu (Salvador, 2003) e as Revoltas da Catraca (Florianópolis, 2004 e 2005). Em 2006 o MPL realizou seu 3º Encontro Nacional, com a participação de mais de 10 cidades brasileiras, na Escola Nacional Florestan Fernandes, do MST [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra]. Disponível em: <http://tarifazero.org/mpl/>. Acesso outubro de 2017.

Janice Tirelli P. de Souza (2011), apresenta uma análise de perspectiva sociológica sobre a emergência e as ações do MPL na cidade de Florianópolis, SC. Disponível em: <https://mplfloripa.files.wordpress.com/2011/07/juventude-contestac3a7c3a3o-e-a-polc3adtica-de-pernas-para-o-aro-movimento-passe-livre-em-florianc3b3polisjanice-tirelli.pdf>. Acessado em 11/2017.

chamou para construir a campanha, foi quando entrei no PSOL. Topei e abracei a campanha e ficamos, mas num grupo mais restrito, e (...) entrei no PSOL.

Quanto a espaços-tempos de socialização e formação política que vivenciei no PSOL-RP e no interior da corrente que estabeleceu laços – o MES, Carlos deu destaque a três distintos territórios e tempos do fazer partidário: o das campanhas eleitorais - em que deu suportes a candidaturas de integrante da geração intermediária e adultas, o de “fazer movimento”, e o dos “cursos de formação teórica” que ocorrem na dinâmica intrapartidária. Sobre o primeiro, ponderou:

Eu entrei na corrente, numa campanha, participei de duas campanhas, 2014 e 2016, já com muita mais responsabilidade já, inclusive, acompanhei muito a própria candidatura majoritária, que era do Eduardo, pude passar muito tempo com ele e com outras pessoas. (...) **E esta campanha foi um grande processo formativo**, pois (...) temos que sair da zona de debate, que não é uma zona de conforto, pois não tem debate confortável da esquerda, mas sair da zona de debate para debater com outras pessoas, para panfletar, para ir para os pontos (...) conseguir conversar com a pessoas às 6 da manhã, (...) é um processo que é só uma coisa convicta. (...) **A campanha é um processo extremamente formativo, principalmente pro militante, sobretudo para o militante jovem;** (...) sabemos como que é o militante jovem, toda em tese, em formação teórica que se tem, visão de mundo, mas na campanha, quando o militante tem que sair da zona de conforto dele, de onde ele está, de onde ele é acostumado a combater, para ele combater no ponto de ônibus, (...) com quem não quer ouvir, falar de política, **isso é um processo formativo e muito grande.** (grifos meus).

Sobre o plano do “fazer movimento”, em sua avaliação, a experiência favoreceu sua socialização e educação como militante e como pessoa, pois, no segundo caso, ela aprimorou habilidades que usará em projetos individuais e profissionais:

tive uma chance de me formar dentro do que já era minha característica, que era fazer movimento. Então, eu era o cara de pegar num megafone, subir no caminhão de som, falar de agitar, de ir numa plenária fazer uma defesa, eu era esse cara. E isso me ajudou muito a formar politicamente, mas também me ajudou a formar para o que vou fazer pessoalmente na vida, que é para a profissão que quero seguir, vou precisar saber argumentar bem, falar bem, conversar bem, ter uma retórica boa, e isso a militância só me empurrou para frente.

Acerca dos cursos de formação “teórica”, Carlos ressaltou o quando os apreciava pois eles tendem a ser regidos pelas “lógicas da concorrência”, da competição (DUBET, 1994) e da defesa de posições teóricas, de visões de mundo, de sentidos da política (da luta política na sociedade), de política partidária (objetivos e metas institucionais e sociais), autores e obras distintos, trata-se do momento de também convencer e conquistar o(s) outro(s) para a corrente⁴⁶ a qual se está vinculado, as posições e “programa” por ela defendidos:

⁴⁶Para enriquecer a avaliação dos grupos de debate ou dos debates, Carlos trouxe exemplo de uma tradição teórica assumida e defendida pela corrente a qual se vinculou: “O MES vem da tradição do MORENISMO [Nahuel *Moreno*], foi o maior dirigente trotskista na América Latina, e o MES [se] reivindicava uma corrente leninista/trotskista. O Moreno falava, por exemplo, na teoria que defende, (...)a importância de se ter uma palavra de ordem correta pro movimento de massa. Quando não estamos vivendo um período revolucionário, como que a gente coloca uma palavra de ordem para disputar consciência de classe, disputar perfil da classe trabalhadora? E essa palavra de ordem é o que a gente tem que resumir em poucas palavras, para conseguirmos uma abertura para fazer a propaganda seria o debate mais aprofundado, apresentar um programa, apresentar o que defendemos como horizonte. E aí, essa é a importância. Ainda que eu discorde, mas é um exemplo muito claro disso, é a posição que MES que tem hoje; (...) é uma palavra de ordem formulada pela corrente”.

eu também sempre gostei muito, a gente **tinha curso de formação**, tínhamos oportunidade de debater, **inclusive com pessoas de outras organizações**, e força muito, até a teoria da gente, quando temos que disputar e discutir com uma pessoa que queremos ganhar para a organização. A gente vai, senta, expõem nosso ponto, pega o que temos de divergência com a outra corrente, ataca aqueles pontos, defendem os nossos, eles também atacam. Isso é um exercício que tem na militância, é rotineiro, é como funciona as coisas. (grifos meus)

Ainda sobre este plano formativo, o entrevistado ofereceu outro relevante elemento para os objetivos e a questão da pesquisa, pois chamou a atenção para o fato de que em sua corrente, em Ribeirão Preto e outras localidades, jovens militantes assumiam responsabilidade pela educação teórica e política de outros jovens e militantes das idades adultas, uma clara referência a trocas e transmissões intrageracionais, ou processos socializadores cofigurativos e pré-figurativos (MEAD, 1977; PAIS, 1998; FORQUIN, 2003):

A formação teórica eu **não vou saber te dizer quantos cursos participei, inclusive de alguns participei (...)** ministrando cursos, ajudando a ‘dar’ (...) **o curso de formação para a militância**. Porque na corrente que eu construía, a gente tinha uma coluna de dirigente muito jovem da qual eu fiz parte como dirigente estadual, junto do Estavam e muitos outros. Então não sei de quantos cursos eu participei. (...) Uma preocupação que eu sempre percebi muito clara, é **a preocupação com a formação do “quadro” dos militantes, muito importante construir “quadros”, que era uma das filosofias da formação**. (...) Ajudei: **não só para jovens, mas para alguns cursos estaduais, eu coordenava grupo de debate com o pessoal**, pois uma coisa que eu sempre gostei desde antes de organizar, uma preocupação que eu sempre tive foi com a formação teórica, e foi mesmo, saber mesmo, então quando entrei na militância, já tinha um instrumento, uma bagagem, já havia lido Marx, lido Lênin, Trotsky, já discutia com outras pessoas. E quando eu me organizei já estava mais ou menos engrenado, aí só embalou. (grifos meus)

Além desse plano, também destacou a importância das trocas e transmissões “mútuas”, ocorridas entre jovens e integrante das gerações intermediárias do MES/PSOL-RP, e avaliou:

E pessoalmente, porque para aprender a debater uma tese, uma divergência, aprendi que é muito mais a forma que o conteúdo. Isso aprendi também, não só pelo partido, mas por ter tido a oportunidade de militar com as pessoas que militei. (...), da corrente. Eu gosto e (...) respeito muitíssimo. No caso do Eduardo. E foi um aprendizado muito bom, em que aprendi e cresci em uma troca mútua.

No momento em que foi entrevistado, Carlos me comunicou que deixara a militância no PSOL e no MES.

Eu militei no PSOL mas, por 90% por condições da vida, por necessidade, e uns 10% por questões de divergências de fundo político, precisei sair do PSOL, da corrente e do agrupamento interno que eu militava.

4.2.3 Diogo, 21 anos.

DIOGO, 21 anos de idade, solteiro. Nasceu na cidade de São Paulo e migrou para Ribeirão Preto em 2006, na companhia dos avós maternos e 4 irmãos: um mais velho e 3 mais novos; são 3 homens e 2 meninas, sendo elas mais novas, sou o segundo. Seu pai e mãe são faleceram quando ele estava na infância – 6 anos de idade; os avós assumiram a responsabilidade pelo cuidado e educação dele e seus irmãos, desde a infância.

Cursou e concluiu o ensino médio em escola pública estadual. De modo contrastante aos demais jovens que contribuíram com a pesquisa, este se inseriu na esfera do trabalho aos 14 anos de idade, em uma vidraçaria; posteriormente, transitou para condição de “menor aprendiz”, atuando como recepcionista em empresa da área hospitalar de Ribeirão Preto, e nela ainda atuava, como recepcionista, ao conceder a entrevista. Ao falar sobre a socialização política no contexto familiar, contou-me que os avós são migrantes “nordestinos e sem muito estudo”, “de outra época”, moraram na periferia de São Paulo “quase toda a vida, então não são da política”, mas “votaram no PT, gostam do Lula (Presidente); acho que é até identitário, a relação, de identidade”.

Já a vivência de participação política construída como estudante do ensino médio, no ano de 2013, foi decisiva, um marcador temporal e social, para que participasse das mobilizações e manifestações de rua que ocorreram naquele ano, e posteriormente se aproximasse e estabelecesse vínculos sólidos com o PSOL e com integrantes do MES: “foi naquele ano que ingressei na política”, pela mediação de uma professora, militante da APEOESP⁴⁷:

Já estava interessado, só que não via espaço (...) onde atuar. (...) Achava que precisava daquilo, mas não sabia como começar e nem se teria algum jeito. E aí surgiu junho de 2013: (...) estudava no 3º ano, à noite, e colaram alguns cartazes em algumas salas, sobre as manifestações, onde haveriam. Uma professora de História (...) comentou com a gente; (...) resolvi, eu e mais dois colegas meus: - ‘vamos’!. Não era manifestação ainda, a primeira vez que fomos, era só o dia para planejar a manifestação que viria. Eu me lembro que a frente do teatro estava lotada. (...) Depois teve a manifestação e ainda estávamos eu e um destes meus colegas (...). Eu fui na manifestação, chegou na metade, uma das pessoas que estava comigo, faleceu naquele dia⁴⁸. (...) Achei um desastre! Foi aí que aconteceu o acampamento em frente à Prefeitura; as pessoas pararam na fonte da Prefeitura e resolveram ficar lá. Começaram a trazer barracas e começaram a ter atividades políticas todos os dias. (...) Teve palestra do pessoal da saúde, alimentação, e encontrávamos.... os futuros companheiros meus de PSOL, ali.

Dos “futuros companheiros”, dois contribuíram com esta pesquisa, integram as gerações intermediárias do PSOL-RP e são organizadores e orientadores das ações do MES também junto a juventude da cidade e outras localidades: Claudine e Eduardo. Ao discorrer sobre os encontros com a presença de integrantes do Partido, Diogo expressa o movimento de integração e pertencimento ao Partido, destacando os “nós” que estabeleceu vínculos:

a primeira reunião que tivemos juntos ali, com a juventude do PSOL, na qual faço parte, (...) havia uma roda no meio da rua, eu entrei no meio dela e estavam o Eduardo e a Claudine e mais alguns colegas. (...) Fizemos a primeira reunião; ali conheci o Eduardo e a Claudine. O Eduardo estava lá todo dia.

Além dos atores citados, ele enfatizou outros “nós”, as temáticas sociopolíticas e as práticas culturais que se envolveu a partir dos encontros e trocas ocorridos na praça em que fica prédio da Prefeitura da cidade e de sua participação nas manifestações de junho de 2013:

estudava a noite e trabalhava de manhã. Trabalhava, descia do meu ônibus no centro, na Prefeitura, umas duas ou três horas. E não foi só crescimento político, cultural também: conheci o Maracatu na frente da Prefeitura, o movimento negro, feminista..., fiz ioga.... a *Estação da Luz*⁴⁹, [ela], fiquei sabendo que existia, na frente da Prefeitura. (...) **A parte da formação do Diogo que é hoje,**

⁴⁷APEOESP - Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo.

⁴⁸Marcos Delefrate, jovem-estudante, a participar da manifestação de rua em 20 de junho de 2013, em Ribeirão Preto (SP), foi atropelado e faleceu. Cf. <https://www.acidadeon.com/ribeiraopreto/cotidiano/cidades/NOT,2,2,962774,Ele+sera+lembrado+diz+av+o+de+Marcos+Delefrate.aspx>. Acessado em: 11/2017.

⁴⁹Estação da Luz: “organização da sociedade civil de interesse público, sediada em Ribeirão Preto - SP. Tem como objetivo constituir um espaço para desenvolvimento de tecnologias sociais focando em sustentabilidade, promoção de educação ambiental e cultura”. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/pg/estacaoluz.ribeiraopreto/about/>. Acessado em 11/2017.

se iniciou na frente da Prefeitura, sabe? Todos os processos políticos começaram na frente daquela Prefeitura, de educação.... (...) O que mais tinha ali era cultura, (...) as manifestações partiam dali, para ir para Câmara, ir no centro, bater no centro. Foi ali que comecei a ver o porquê eu era indignado com minha situação, porque que eu, o Diogo, me sentia incomodado, foi ali que eu descobri. (grifos meus)

A descrição sobre os percursos que o levaram a se envolver, se integrar e se filiar ao PSOL, é esclarecedora para se apreender os atores e as lógicas que contribuíram àqueles movimentos e a construção do sentido de pertencimento a um “nós” especificado e de natureza partidária

eu já conhecia o PSOL a mais de um ano. (...) A primeira pessoa que conheci foi o Eduardo e depois a Claudine. (...) Antes de ingressar no partido político, eu conhecia as pessoas que faziam parte do partido político. Eu militava com o Eduardo, a mais de um ano, quando eu assinei minha ficha de filiação, já militava com ele, eu conheci o pessoal na rua militando, vendo a coerência que o pessoal trazia para os assuntos e as bandeiras que eles levantavam, eu comecei realmente. Quando eu comecei a militar, eu tinha desconfiança realmente de todos os partidos, mas eu não conhecia o PSOL. Primeiro, eu conheci pessoas do PSOL, conheci o caráter delas e isso foi me convencendo: ‘- olha, é isso que eu quero para minha vida, quero fazer parte de um partido político’, porque eu acho que podemos disputar mais de um espaço. Eu quero disputar uma cadeira na câmara [de vereadores], mas não é só isso que resolve, acho que temos que disputar a rua, a cultura, a educação, em todos os espaços possíveis e a política é um dos espaços que temos que disputar. E isso foi algo que o PSOL trouxe prá mim!

Além desses contextos, atores, coletivos, práticas políticas e atividades culturais que contribuíram com a educação política de Diogo, ele circunscreveu ainda outros espaços-tempos nos quais o Partido e o MES investiram em sua socialização e formação política – cursos, congressos, acampamentos nacionais de juventude, os atores e os temas que mais significativamente o tocaram, de forma a fortalecer seus processos de integração e pertencimento ao PSOL, e produção identitária, pois todos eles processos relacionais, de aproximação e inserção em “coletivos”, que delimitam e nomeiam o “outro” ou outros individuais ou coletivos, os diferentes (DUBET, 1994):

Eu faço parte do MES! (...) A minha corrente e também as outras correntes, que não participei, mas pretendo, **fazem curso de formação, sobre determinados assuntos e determinados escritores.** (...) Teve curso de formação sobre Marx - uma introdução. E esses cursos de formação me ajudaram a ficar curioso, instigaram a ler mais. E não só autores conhecidos, mas autores até pequenos, (...) você acaba pescando, (...) relaciona com outro e vai pescando. Já participei de alguns **congressos** do PSOL, inclusive de alguns **acampamentos** dos JUNTOS. Participei de 3 **acampamentos, os 3 nacionais**; foram 4 acampamentos, (...) o último teve um caráter (...) internacional. Um dos primeiros eventos que tive dos JUNTOS, foi um **congresso** estadual, em São Paulo. Cheguei, (...) vi um salão enorme, (...) só jovens, muitos jovens ingressados na política; jovens que são maltratados sim pela sociedade, por causa de preconceitos: eu vi mulheres, eu vi gays, lésbicas, vi bissexuais. (...) Prá mim que sou um bissexual, (...) estava no meu espaço, estava conversando com pessoas que entendem o que eu passo no dia-a-dia. (...) Primeiro lugar que eu fui e que vi a diversidade brasileira. Aquilo foi uma vivência incrível para mim. (...) Eu conheci pessoas de outros estados: (...) ver como é a vida delas; (...) vi **palestras** sobre o movimento LGBT que me incentivaram muito, que servem de alicerce para mim, até hoje. Achei sensacional, jovens preocupados com a educação. (grifos meus).

Ao afirmar, reiteradamente, seu pertencimento ao PSOL, ao MES e ao JUNTOS, Diogo revelou uma disposição em aprofundar sua integração à dinâmica intrapartidária do Partido, na medida

em que aspira entrar nos percursos dos debates e disputas que poderão leva-lo à disputas eleitorais municipais, de forma à ocupar lugar na câmara de vereadores de Ribeirão Preto.

Os três (3) retratos seguintes são de jovens que, por vias assemelhadas ou com distinções aos pares anteriores, se engajaram e se filiaram ao Partido e a uma de suas correntes internas em presença no município: a Ação Popular Socialista – APS.

4.2.4 Helena, 22 anos.

HELENA, 22 anos, solteira. Nasceu em Canápolis, Minas Gerais (cidade situada no triângulo mineiro); há 20 anos mora em Ribeirão Preto. Os pais são separados, e integra família recomposta: pai e irmão; mãe e padrasto. Mora mais frequentemente com mais na casa do pai, aos finais de semana, vai para a casa da mãe. Tanto o pai como a mãe são cristãos, evangélicos.

Quando da entrevista, cursava o quarto semestre do curso de Publicidade e Propaganda, em instituição de ensino superior – IES da rede particular. Estava desempregada e empenhava-se para acessar estágio remunerado.

Em relação aos processos de socialização política no círculo familiar de origem, contou que na cidade mineira em que nasceu, a família materna criou fortes vínculos com o PT – “eram todos petistas”, e que viveu a infância e início da adolescência observando as disputas entre o PT e o PSDB, pois eles tomavam “conta da cidade, sempre naquele coronelismo”, e os resultados das disputas entre as duas agremiações acabavam repercutindo na dinâmica social e profissional de membros da família: se o PT perdesse as eleições as tias perdiam o emprego, pois “trabalhavam nos mandatos do PT, eram comissionadas”. Por um tempo, a proximidade com essas experiências a fez acreditar que “partido político era algo ruim”.

Sobre o pai e mãe, ela destacou que ambos são evangélicos, que nunca afirmaram “ser de esquerda ou de direita, mas são defensores dos direitos humanos, pois eles são importantes”, todavia, explicitou que criaram uma espécie de hierarquia dos princípios éticos, morais e políticos que professam: “antes de tudo a palavra de Deus” e nunca apoiaram o governo de pmdebista de Michel na presidência do país; a mãe votou em candidato do PSOL-RP à vereança, nas últimas eleições municipais (2016). Quando souberam que ela se envolvera com o PSOL, lhe deram “todo apoio”.

Quando da escolarização básica, aos “11, 12 anos de idade, na 5ª. e 6ª séries”, disse que vivenciou a “primeira experiência política”, ao se integrar e participar do grêmio estudantil:

e eu não tinha noção, eu simplesmente fui, eu colocava notícias, escolhia aquelas revistas de adolescentes, a “Capricho”, então eu pegava alguns artigos de sexualidade e do que acontecia e pregava no mural da escola. Organizava as coisas da escola; então, sempre fui participando de movimento, vamos dizer assim.

Segundo narrou, na etapa do ensino médio, a experiência de socialização política lhe deixou marcas mais fortes, pois, pela mediação dos professores de filosofia e sociologia, descobriu “o que era realmente política, os contextos políticos. “A Érica foi uma grande influenciadora pra mim, (...) uma professora filiada ao PSOL”.

Ainda lembrou que naquela etapa da escolarização, por volta de 2012, com mais três (3) amigos e o apoio do professor de filosofia, criou um “grupo” que denominaram *Vírus Político*, com o objetivo de “discutir a democracia na escola, pois é uma escola que a gente chama de ditadura, muito fechadona”, muito cabeça fechada, e ninguém sabia o que era democracia”.

Sobre a aproximação ao PSOL-RP, recordou que foi por volta de 2012 e 2013, quando participou de “acampamento da União Nacional dos Estudantes – UNE, no RJ, e conheceu o “pessoal da JSOL”, mais precisamente um jovem da JSOL/PSOL. A partir daquelas situações, seguiu-se a participação no “Panelaço, em outros movimentos”, e um mais forte envolvimento com a “política” e as ações do PSOL-RP, algumas, inclusive, de teor educativo, mas não necessariamente em Ribeirão Preto. Em 2013, “logo depois das manifestações de junho”, decidiu se filiar ao Partido.

Quanto a situações ou planos educativos concebidos e oferecidos pelo Partido ou as suas correntes, suas considerações explicitaram uma visão das disputas e competições que marcam a dinâmica intrapartidária no município e as dificuldades que elas impõem à montagem de propostas educativas que contribuíssem ao alargamento e aprofundamento de sua formação política:

Na parte teórica, do Partido, eu até hoje estou esperando.... (...) Aquele treinamento que a APS dá, até hoje não passei por isso. Mas, assim, eu fui em alguns eventos, muitos bons, muita coisa boa, muito material bom, só que fora de Ribeirão; aqui em Ribeirão, estou esperando meu treinamento até hoje. E vou continuar esperando. Aqui em Ribeirão, foram poucas as vezes que conseguimos organizar palestras, poucas as vezes que conseguimos organizar debates, porque sempre tem aquela competição do coletivo dentro do Partido, competição entre as Correntes, algo que eu acho extremamente errado. Acho que isso estraga o Partido, estraga a juventude, estraga tudo!!! (grifos meus).

Mas lembrou e discorreu sobre evento de teor socializador promovido pela APS, na cidade de São Paulo, o qual avaliou positivamente:

Acho que foi ano passado ou 2015, (...) fomos para São Paulo, fomos na casa do Ivan Valente, lá foi um momento muito gostoso, sabe? Falamos sobre tudo, sobre a política em geral, sobre a questão LGBT⁵⁰, sobre feminismo, sobre comunicação, acho que uma das partes que mais interessou-me foi a comunicação em si. Falamos sobre como que estava o Brasil naquela época, em 2015, e se passou dois anos. Foi algo que me marcou muito e eu sinto falta disso em Ribeirão Preto.

Ao conceder a entrevista, Helena revelou sua decisão de se afastar do Partido, por três (3) razões: o desgaste que pessoalmente vinha sentindo com o volume de tarefas que lhes foram confiadas por membros das gerações intermediárias e adultas do PSOL-RP e da corrente política que se envolveu a APS ; as interferências das atividades partidárias nas relações familiares e, um acontecimento marcado por violências física e simbólica que viveu em manifestação de rua, em que sentiu a “falta de companheirismo” e solidariedade, dos pares da JSOL e da APS. Sobre a última situação, argumentou:

disse que ‘não quero’, conversava com o Ramires..... (...) Ano passado, quando teve o lance ‘fora Temer’, (...) eu fui atingida pela bala de borracha, pela PM, que eu nem sei quem que foi. (...) Ninguém foi [me ajudar]. O pessoal mesmo da JSOL, não tinha ninguém mesmo para me ajudar. Quem me ajudou foi o Eduardo [do MES]. Não critico eles, mas na hora em que precisei de alguém, do meu coletivo, não tinha ninguém, sabe? Então, falta estrutura. (...) Na minha opinião, falta estrutura e companheirismo.

⁵⁰Sigla utilizada nos marcos iniciais das mobilizações e ações coletivas de lésbicas, gays, bissexuais e travestis – LGBT, também na realidade brasileira. Cf. Regina Facchini (2009). Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2009/06/08/movimento-lgbt-uma-analise-de-regina-facchini/>. Acessado em 12/2017.

4.2.5 Francisco, 30 anos.

FRANCISCO, 30 anos, solteiro. Nasceu no Guarujá, SP. Migrou e instalou-se em Ribeirão Preto há sete (7) anos, com o pai e o irmão; os pais são separados. O pai nasceu em Ribeirão Preto e tem família na cidade.

Fez toda a educação básica na cidade de Santos, SP. Formou-se em Recursos Humanos e estava concluindo o curso superior de Educação Física. No âmbito da educação não escolar, destacou que fez curso de “iniciação de fazer teatral” (SILVA, 2016), no Instituto Ribeirão em Cena – Escola de Teatro - IRC⁵¹.

Declarou que estava desempregado, quando conosco dialogou.

Para oferecer referências de quadros socializadores de formação política vivenciados em família, Francisco lembrou que na infância teve contato com informações veiculadas pela mídia sobre o Movimento dos Sem Terra – MST, as quais comparava e contrastava com o que sabia da experiência construída por um tio, líder daquele Movimento em regiões do Paraná:

Desde de pequeno, (...) criança, eu tinha uns 11 anos, via o jornal falando do MST de maneira violenta e negativa e pensava: ‘mas, meu tio não é assim’. Sempre admirei meu tio, (...) e isso se relacionava com quem ele era no MST, com o MST. Me ajudou, sim, porque.... principalmente essa questão de terras, direitos sobre terra, direito à moradia. Me abriu muito mais a mente, de querer, ter interesse sobre aquilo, saber porque eles têm essa luta, porque eles estão no movimento.

Do percurso na escolarização básica, trouxe também um exemplo que viveu no ensino fundamental: “era, tipo, ‘vereador mirim e suplente’, eleitos pelo grêmio estudantil: sempre íamos, (...) lá na Câmara [de Vereadores de Santos], a cada quinze dias, para assistir a sessão, (...) ver como era o trabalho. (...) Só esse envolvimento que tive na escola”. Já do percurso no ensino superior, foi sucinto: “eu só farreava, me envolvi pouco com política”.

A aproximação ao PSOL-RP se deu por diferentes mediações: representantes das gerações intermediárias e adultas do Partido e da APS, Douglas e Rodrigues, respectivamente, incursões nas redes sociais situadas na Internet e se ingresso no curso de iniciação “de fazer teatral” do IRC.

Estava procurando alguma coisa na área de teatro, (...) e houve as inscrições para o ‘Ribeirão m Cena’. Logo que eu fiz eu passei, [e lá] conheci o Douglas, filho do Rodrigues. [O Douglas] começou a falar sobre o PSOL. (...) Já me interessava por política, óbvio, mas não tinha uma vivência em partido político. (...) Eu já conhecia o PSOL da internet, (...) a Luciana Genro; o (...) que morreu, (...) aquele tiozinho, que foi candidato, o Plínio de Arruda [Sampaio]. Achei ele muito ‘foda’! Os debates dele foram muito marcantes. Aquele partido já me chamou a atenção: - ‘pô, é uma esquerda, (...) não aquela esquerda do PSTU, (...) aquela parada mais PCO⁵². (...) Vi que tinha uma linguagem mais aberta, principalmente para a juventude, que a gente sente falta disso. Queremos estar no partido, mas não queremos estar engessados, não queremos estar com uma gravata.

Além avaliar positivamente os modos como PSOL tematiza a juventude, de não desejar se vincular a um partido político para ser dele um “cativo” (LECLERCQ, 2016), a identificação à

⁵¹De acordo com SILVA (2016, p. 44), o Instituto Ribeirão em Cena – Escola de Teatro – IRC, constitui-se como “organização cultural, sem fins lucrativos, com o objetivo de ‘promover o ensino e a difusão do Teatro com vista à inclusão sociocultural e educacional’. [A] organização civil foi fundada em 2001, e [tornou-se] verdadeiro centro de ação teatral onde se cruzam áreas e componentes diversos da vida do teatro, na localidade ribeirão-pretana”.

⁵²PCO – Partido da Causa Operária.

aquela agremiação também se firmou, segundo o jovem, em função dos modos como ela se “engajou” no trato de um tema lhe interessa pessoalmente e uma dimensão identitária:

a questão LGBT dentro do PSOL sempre me chamou muita atenção. Eu militei e milito nesse segmento. Já tinha votado na legenda e acompanhava o movimento LGBT como um todo e sempre via o PSOL como o partido mais engajado nesse segmento.

A partir desse conjunto de mediações e representações, seguiu-se uma aproximação e identificação graduais ao/com o Partido, sua proposta e valores, até a decisão de a ele se filiar, também de se vincular a APS:

O [Douglas me apresentou] o PSOL em 2013. (...) Passou alguns meses, ele me convidou, trouxe uma ficha de filiação. Fui conhecer o partido, fui numa reunião, o acolhimento foi muito legal, tinha uma galera mais velha, também tinha uma juventude. Fui muito bem recebido, li a proposta do partido, o que o partido tinha como visão. E aquilo identifiquei com meus valores e decidi que eu precisava me filiar ali naquele partido. (...) A APS é uma corrente que eu faço parte.

Se Francisco se filiou ao PSOL em 2013, seu relato não permite afirmar que as manifestações ocorridas naquele ano tenham sido decisivas em sua decisão, ainda que delas tenha participado e sobre elas tenha construído expectativas políticas de curto e médio prazo:

fomos nas manifestações aqui em Ribeirão. (...) Foi muito legal, assim... a experiência foi muito boa, apesar de ter sido uma manifestação que começou com o preço da passagem de ônibus, e depois ela ficou meio perdida com questões de valores, cada um gritava uma coisa, cada um tinha uma placa, uma reivindicação. (...) No meu ponto de vista, (...) ela foi interessante, mas a gente não colheu tantos frutos dela. Eu me filiei mesmo depois dessa manifestação. Esperávamos que iria chegar o próximo ano e a coisa iria ser um regaço, tipo: ‘agora a coisa vai!’ O que a gente viu foi o avanço do conservadorismo, a esquerda ficou encolhida e a gente está nesse sistema, (...) com o Temer.

Em relação a planos ou processos de educação e formação política no interior do PSOL, Fernando afirmou que eles ocorreram, logo após integrar-se Partido e à APS; lembrou da linha filosófica e política que os fundamentaram, mas enfatizou que seus interesses se direcionaram para outras “pautas”, sobretudo aquelas que cruzavam temas relativos à cultura, à cidade, o teatro e à cultura popular, além das questões atinentes ao movimento LGBT:

Logo que me filiei, **fiz a formação pela corrente**. A corrente tem uma linha gramsciana⁵³. (...) Isso que eu achei interessante no PSOL, (...) tem várias correntes, divergências de pensamento, apesar do propósito ser o mesmo, só que tem vários caminhos para você chegar lá, e as correntes te proporciona isso, **os debates**, os questionamentos. (...) Eu lembro que o Douglas mandou **o material para mim, por e-mail, uma porção de textos basicamente falando sobre a APS, como ela se formou, qual a fundação, alguns artigos filosóficos**. Não lembro tudo exatamente, faz bastante tempo que li e depois nem repeti a leitura, pois começamos a nos envolver **nas reuniões**, nas coisas, e vamos pegando mais o *feeling* (...) e vai indo, você não fica tanto na leitura. **E essa formação da APS mesmo, ela era até mais deixada de lado, prá te falar a verdade**. Tanto eu quanto o Douglas, estávamos mais interessados nas pautas de cultura da cidade,

teatro e cultura popular. Eu mais, especificamente, interessado no movimento LGBT também. (grifos meus).

Quando novamente provocado sobre planos educativos/formativos oferecidos pelo PSOL ou a APS para os novos, o jovem lembrou e discorreu sobre encontro que participou em São Paulo, proposto pela corrente e a JSOL, para os militantes dos “setoriais” LGBT e de Negros:

Pela corrente e na época da JSOL, fizemos uma formação que era um setorial LGBT e Negros, (...) e mais alguns companheiros que eram de São Paulo, que se juntara pela corrente e pelo setorial da juventude, e o setorial LGBT e Negros. Então, assim, prá ficar melhor de entender: tinha a corrente APS, dentro a JSOL e as várias ramificações das putas, tipo, negra, LGBT e tal.

Após essa vivência, Francisco e um seu companheiro da APS ofereceram quadro formativo para militantes, filiados, simpatizantes ou não do PSOL, do “movimento negro”, do “movimento LGBT”, em Ribeirão Preto, a partir de temáticas por eles delimitadas e defendidas como politicamente significativas. Da proposta que formularam é de ressaltar os temas que elegeram e o fato de que as trocas e transmissões ocorrem num duplo sentido: de jovens para jovem (cofigurativas) e de jovens para representantes das adultas do Partido (pré-figurativas) (MANNHEIM, [1928]1993; 1982; MEAD, 1977; PAIS, 1998; FORQUIN, 2003):

Fizemos uma formação aqui em Ribeirão. Prá discutir com a **juventude de escolas, das universidades**, de um pessoal que se organizava ou no movimento negro ou no movimento LGBT. Fizemos umas quatro **reuniões que debatemos sobre esses temas**. Eu e ele era a mesa. (...) Sentimos uma falta, em Ribeirão Preto, a nossa ideia era expandir isso para o partido todo, e para todos os militantes dos outros movimentos que ainda não eram partidarizados. A necessidade de uma formação, não só a título de formação, no sentido acadêmico, mas uma formação sobre linguagem, como se abordar, como falar com as pessoas. O LGBT tem muita ramificação, você tem a questão da transexualidade, tem a questão do gay, a questão lésbica, então são várias coisas dentro de uma legenda e não dá para ser tratado de qualquer forma. Muitas vezes, estamos vendo companheiros do partido sem saber como lidar com essa questão, sem saber como tratar uma mulher *trans*, sem saber como tratar um homem *trans*, (...) eles não tinham discernimento. **A formação foi legal porque principalmente os mais velhos do partido não tinham muito essa noção**, de como gostamos de ser chamados, tirar as manias, as piadinhas etc. (grifos meus)

Em sua entrevista, Francisco nos deu a entender que sua perspectiva é a de continuar militando no PSOL-RP, menos porque aspira o acesso a alguma função na estrutura burocrática da agremiação ou porque planeja pleitear e concorrer a cargo no sistema institucional de representação, mas porque está disposto a contribuir para o enraizamento e o fortalecimento do Partido no município, contribuindo para que representantes da Agremiação tenham reais condições de chegar ao poder legislativo local ou em outros municípios.

Não, eu não tenho o interesse a candidatar! Eu gosto mais da articulação mesmo com o candidato, qual estratégia podemos montar, quais táticas, como podemos abordar as pessoas, como podemos gerar o coeficiente de voto para ser eleito. O meu propósito pessoal... (...) aqui em Ribeirão Preto, temos urgência, não só nessa cidade, mas uma necessidade (...) de ter um representante na câmara. Eu coloco isso como uma meta para as próximas eleições, para a gente eleger um candidato do PSOL, independente de corrente, mas focarmos num nome. (...) Projetar um candidato nesse momento para poder chegar nas eleições e termos condições de eleger.

4.2.6 Ramires, 29 anos.

RAMIRES, 29 anos de idade; solteiro. Nasceu e reside em Ribeirão Preto, é filho de pais separados, morava com a mãe e a avó.

Estudou o ensino fundamental e médio em escolas da rede privada de ensino, com bolsa de estudos, pois a mãe atuava profissionalmente como secretária em uma das escolas que ele estudou. Possui ensino superior completo, é licenciado em Pedagogia, por IES pública estadual. Antes de ingressar e cursar aquela Licenciatura, frequentou dois anos de Ciências Biológicas, na mesma Instituição.

Atua profissionalmente como docente em escola da rede pública municipal, em séries finais do ensino fundamental.

A entrevista concedida por Ramires ofereceu um painel de múltiplas e distintas vivências de socialização e educação política construídas em seu núcleo familiar – também expandido - e nos níveis da educação básica e educação superior.

Segundo relatou, seu pai - profissional da área esportiva, e seu tio – empregado dos Correios⁵⁴, sempre fizeram relatos de participações em greves, em período que “as greves eram mais constantes em Ribeirão Preto e cidades da região”. O pai chegou a militar no PT, “participando de greves gerais”; mais recentemente, e mais de uma vez, “ele chegou a ser candidato a vereador”, inclusive pelo PC do B⁵⁵. Seu tio, militou no Sindicato dos funcionários dos Correios, em Ribeirão e Campinas, e lhe transmitia informações e conhecimentos que extraia das experiências das “lutas sindicais” que ajudou a construir e participou.

Do contexto familiar, discorreu também sobre valores e princípios que internalizou, relativos às questões étnico-raciais e às lutas e projetos sociais em bairros da “periferia” da cidade:

a questão racial na minha família acaba que tem uma influência grande nos dois, pois eles têm uma visão racial mais consolidado do que outros negros na família. Acho que isso foi uma interferência, assim mais forte. E também essa construção na periferia, acho que teve muita influência, isso também me favoreceu. (...) Meus Pais são negros e sempre moraram em periferia. E por parte de minha mãe não, a gente sempre foi uma classe média baixa, mas nunca frequentamos tantos outros bairros e outros lugares, e meu pai sim, sempre frequentou bairros negros e muito pobres em Ribeirão, e tinha projetos sociais.

No contexto escolar, relatou que “no ensino médio foi bem pouco, (...) foi de um grupo de estudo que tentamos fazer, (...) que a gente considerava meio comunista, (...) era muito imaturo, (...) chegamos a ler dois ou três textos”. As experiências politicamente mais significativas foram construídas e vividas em meio a inúmeras interações da sociabilidade universitária, pois integrou-se e participou de instâncias institucionais de gestão da universidade e coletivos estudantis – tradicionais e fortemente estruturados, como o centro acadêmico, o diretório central dos estudantes etc, e os emergentes: agregados que debatiam a universidade e “os problemas de quem era mais vulnerável e pobres” que chegavam à universidade, (...) os debates da permanência estudantil, da moradia, bolsas de estudos”.

Ainda no contexto universitário, inseriu-se em debates que se davam em escalas estadual e nacional, como o da “política ambiental”, do “código florestal”, coletivo estadual dos estudantes de Biologia e o de Pedagogia, mas destacou que “isso já era independente, não era de nenhuma corrente nem de partido”, pois seu “vínculo” ao PSOL ocorreu “no penúltimo ano” da licenciatura em Pedagogia:

na Educação você acaba se envolvendo com debates da realidade da educação, questões relacionadas aos sindicalismos, movimento de professores, a educação

⁵⁴EBCT - Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

⁵⁵Partido Comunista do Brasil.

dos jovens e adultos, (...) que hoje eu desenvolvo, a educação popular, (...campanhas por matrículas em creches, alguns movimentos; as conferências nacionais de educação. (...) Na Pedagogia (...) havia um debate racial mais organizado, debate de gênero (...) desenvolvimento nacional e educação, PIB. (...) Foi muito importante para abrir a mente mesmo e ver que a política está muito além da questão municipal.

Neste contexto amplo e diversificado de lutas e questões, tomou contato o “PCB⁵⁶, grupo amplo da juventude do PCB”, posteriormente com o PSOL:

Eu não gostava do PSOL e nem do PSTU na Universidade, (...) eu achava que a participação era muito acadêmica, ligada a debates internos e à picuinha de correntes. (...) Já participava dessas campanhas pela educação, era da Comissão Estadual da Pedagogia, (...) mas achava a galera do PSOL meio *playboy*, umas coisas assim. (...) Eu era independente, conhecia todas as correntes desde 2009 (...) e fui participar do PSOL mesmo em 2012.

Para seu envolvimento e filiação ao Partido, foram importantes determinadas mediações: em congresso da UNE, conheceu

uma das militantes (...) a Carolina Peters, hoje ela está na direção nacional do PSOL, e da APS. (...) Voltei do congresso, (...) e essas correntes também estavam no jogo político do PSOL, e acabei fazendo uma opção por essa visão política. (...) Estava começando a JSOL. Eu conheci as pessoas, olhava os discursos e as construções e falava: ‘- ah, desta galera, eu só militaria com o PCB, a APS...’ (...) Fui entrar quando tive contato com a galera da APS. [Do PSOL], eu sou filiado e militante.

Quanto ao espaços, tempos, temas e questões referentes à educação e formação política dos integrantes das novas gerações que se engajam ao PSOL - ou mesmo de indivíduos de outras idades, Ramires estabeleceu um cruzamento envolvendo “recrutamento” e formação, e também explicitou que também na APS há trocas e transmissões geracionais “pos-figurativas”, cofigurativas” e “pré-figurativas (MANNHEIM, ([1928]1993; 1982; MEAD, 1977; PAIS, 1998; FORQUIN, 2003):

A gente tá tentando fazer um recrutamento que é assim, as mulheres, tem que passar por mulheres para serem recrutadas, mas tem uma base comum, uma base comum de **debate**, isso é uma coisa que foi ponderada pelos próprios negros e negras, mulheres e LGBT da APS. (...) Igual aqui em Ribeirão, estávamos organizando um recrutamento, que fazemos em nível local, **lemos os textos e fazemos um debate**, (...) na parte final, vem pessoas específicas que são da (...) área de atuação, por exemplo, o Juninho é negro e vem de São Paulo para fazer o debate “negro”, **ou eu**. Ou vem uma mulher feminista que é consolidada na corrente, ela puxa esses debates. (...) Um movimento que é recente, (...) tem um ano ou dois, que estamos fazendo essas **rodas de conversas**. Essas **rodas** podem ser também ao contrário, por exemplo: através de uma **questão local ou de opressão**, você faz a conversa, depois, no final, trazendo para uma análise mais estruturante da sociedade. (...) Isso é muito mais negociável e pesado, porque o Partido tem muitos coletivos, ‘LGBTs’, ‘mulheres’, ‘negros’ (...). Acho que é bacana o que estamos tentando conduzir, (...) esse casamento se dá com a contribuição das duas gerações, adultos e a juventude. (grifos meus).

Além das possibilidades que circunscreveu, Ramires também enfatizou “a produção de material de juventude”, pela APS, os congressos, as plenárias, os acampamentos de juventude da Corrente e fez menção a algumas contribuições oferecidas pela Fundação Lauro Campos⁵⁷:

⁵⁶Partido Comunista Brasileiro.

⁵⁷Dos sete (7) jovens que colaboraram com a pesquisa, apenas Ramires fez alusão à Fundação Lauro Campos e a materiais educativos por ela produzidos.

sempre que eu vou em São Paulo, (...) vou na Lauro Campo; (...) não vejo muitos outros grupos ocuparem; (...) a **Lauro Campo produziu um material**, então a gente divulga o material, a gente entrega para as pessoas. Usamos muito o espaço, fazemos muita formação lá, e faz pra gente interna e para o partido. Tem evento da Lauro Campo que não ‘cola’ ninguém, só aparece APS e MES, e pouco ainda por cima!

Além de se auto identificar como um “filiado e militante” do PSOL, Ramires tem construído percurso de destaque na dinâmica intrapartidária e juntos às instâncias hierárquicas internas ao Partido, pois foi candidato à vereador pela Agremiação, nas eleições municipais de 2016:

Eu não seria o candidato do PSOL, seria o Gláucio, a gente faria a campanha dele, [e] continuava mais na minha função, (...) mais organizativa, como sempre. Mas, quando surgiu essa possibilidade, eu comecei a escutar as pessoas: ‘- acha que dá para usar as eleições para politizar as pessoas, para aproximar as pessoas, para filiar pessoas?’. (...) Isso meio que veio caminhando, porque eu digo que essas opções estão meio que amarradas.

O último retrato foi reservado a jovem que se aproximou e se filiou ao PSOL quando realizava o ensino universitário em cidade próxima à Ribeirão Preto. Mesmo que em sua narrativa encontre-se referências a figuras vinculadas ao Partido e algumas de suas correntes, que constroem a experiência da organização em Ribeirão Preto, a experiência individual do entrevistado, ainda que tenha semelhanças com a de seus pares, delas também se diferencia, pois ele não se vinculou a nenhuma das correntes que estruturam a dinâmica social e política interna do PSOL, em distintas escalas territoriais; por esta particularidade, ele foi compreendido como um filiado/ militante “independente”.

4.2.7 Caetano, 24 anos.

CAETANO, 24 anos de idade, solteiro. Nasceu, foi criado e mora em Ribeirão Preto. Mora com os pais e irmã de 11 anos de idade.

Em 2017, concluiu o ensino superior, diplomando-se em Direito, por IES pública estadual. Já integrava à esfera do trabalho formal, na área da advocacia. Ao mesmo tempo que aspira dar continuidade a formação superior em curso de pós-graduação *stricto sensu*, também projeta realizar concurso público, para construir “carreira na defensoria pública”.

Ao dialogarmos sobre experiências de socialização política no contexto familiar, Carlos, destacou que, no “aspecto ideológico”, em sua família materna todos são de “esquerda”, porém “nunca uma esquerda engajada, seja partidariamente seja em ações coletivas ou movimentos sociais. Todavia, recordou que na fase da adolescência, a família de sua mãe

ia em manifestações, principalmente a geração da minha mãe e as irmãs dela. Ela tem 13 irmãos (...); mas pelo o que eles me contam, eles sempre foram, tiveram o hábito de ir à luta, ir à rua, ocupar as ruas, seja por qual pauta que for. Em uma época em que a esquerda conseguia se organizar muito, principalmente por conta de uma opressão que a ditadura militar impôs de uma forma escancarada. Então, o oprimido sentia-se muito mais na condição de oprimido e consequentemente ele se organizava melhor. Época da redemocratização. E

minha família tem essa característica. (...) Foram os anos do PT, os anos que, vamos dizer assim, da alta do PT, da alta dos *commonditeis*, do crescimento da economia, (...) da quase plenitude de emprego. Eu peguei essa onda... (...) Resumindo: essa foi minha influência familiar, (...) ela tende de esquerda. (...) Vamos dizer assim, para simplificar: minha família hoje é aquela que se tiver o PSDB, se tiver o PT e qualquer outra força de direita, vai votar no PT. Agora, (...) num segundo turno, no primeiro turno muitos votam no PSOL, porque eles, como eu, eles veem (...) no PSOL, uma nova perspectiva de mudança, uma nova esquerda, um novo projeto de esquerda que estamos precisando

Ainda para exemplificar as influências “ideológicas de esquerda” que recebeu, na infância e adolescência, no grupo familiar, o jovem trouxe da memória as trocas que estabeleceu com um primo mais velho, que se tornou professor de Filosofia na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG: “foi aí que eu comecei a ser de esquerda. (...) Eu discutia com ele. (...) Acho que o que começou a fazer me despertar foi meu primo”.

A experiência de socialização política que Caetano construiu no meio familiar, quando incorporou uma “visão de mundo” e lhe indicou possibilidades de práticas de participação política – “ocupar as ruas”, contrastam e muito com a experiência que viveu na educação escolar: “a partir disso eu fui absorvendo coisas no cotidiano da família, pois na escola também me sentia muito sozinho. Estudei em um colégio elitista, e sentia que eles não tinham essas preocupações que eu tinha”.

A aproximação ao PSOL, com “militantes do Partido”, seu deu quando ingressou no curso de Direito, mas não decorreu diretamente da sociabilidade estudantil que encontrou da faculdade, ainda que tenha integrado e participado do “diretório acadêmico”:

entrei lá com aquela coisa que ‘nossa, vou entrar na universidade, vou encontrar vários movimentos sociais, vou poder me identificar com algum’.... E, lá, foi um completo vazio! (...) O perfil de estudante da faculdade que estudei é aquele que estão ingressos na classe média, de algum colégio privado que não estão tão sensíveis às questões sociais. (...) Isso não é forte lá, (...) é conservador ainda, por mais que tenha mudado muito.

A aproximação e envolvimento ao/com o Partido foi mediado por “pessoas” que conheceu na cidade em fez o curso superior – vizinha a Ribeirão Preto, e em virtude de “posicionamentos” que expressava “nas redes sociais”: “elas facilitaram muito isso, (...) eu fui conhecendo pessoas também de esquerda”. Em meio as interações tecidas na Internet, duas delas se destacaram, dois jovens militantes do PSOL:

eles fizeram uma reunião na pracinha da faculdade, não lembro se era para montar uma chapa para disputar o diretório acadêmico ou pauta específica da cidade, não sei dizer; (...) sentamos em roda, ‘fomos conversando’, e a partir dali, pensei: por mais que não tenha isso na minha faculdade, eu ainda posso ter acesso a isso, ainda posso me sentir fazendo parte de algo maior, não por interesse financeiro ou educativo, pois nunca teve nada disso, ao contrário do que a direita fala.

Dessas interações e encontros, determinados temas ou questões, além da temática das “classes sociais”, eram debatidas e aprofundadas, e lhes marcaram pessoalmente, nele também despertando os sentimentos de afinidade/comunhão e pertencimento a um “nós”, sentimento que contribuiu a afirmação de seu processo identitário (DUBET, 1994) e concorreu decisivamente para que se integrasse e se filiasse ao PSOL.

Me senti fazendo parte de algo maior e decidi entrar. Mesmo (...) tendo forte tendência à esquerda, eu ainda era conservador, principalmente nas pautas de opressão, era aquilo que falávamos, são muito enaltecidas as coisas de ‘classes’ [sociais], e eu tinha muito a sensibilidade às questões de classe, mas não tinha

de opressões. E foi o PSOL que me ajudou, (...) me fez despertar para isso. Porque quando entrei [na faculdade], eu era bastante homofóbico, eu era o senso comum na questão do machismo e do racismo, quer dizer, eu reproduzia muito mais do que eu reproduzo hoje, por exemplo. Eu dou total importância aos debates que ele me apresentou nestes anos, os debates sobre opressões: (...) me filiei assim que acabei o primeiro ano. (grifos meus).

Em relação a trocas ou arranjos educativos encaminhados pelo Partido, Caetano destacou que foram experiências construídas na cidade onde fez o curso de Direito, envolvendo mais representantes das “novas” e das “gerações intermediárias” do PSOL, reiterando as narrativas de seus pares sobre trocas e transmissões mais “cofigurativas” e “pré-figurativas” e menos “pós-figurativas” (id):

o pessoal lá [da cidade de minha faculdade] é composto, eu me arrisco a dizer que na totalidade pela juventude, eu não me lembro de ninguém para nivelar ao Rodrigues, no máximo era professor universitário, gente mais velha que me lembro (...) deve ter uns 32 anos. (...) Era uma coisa bem juvenil no sentido de idade, mais ou menos, não tinha nenhuma figura mais velha, ninguém de cabelo grisalho ou mesmo que seja mais velho. Estou para arriscar a falar que foi na unanimidade por jovens. Acho que adultos só tinham uma participação, não era uma participação direta, eles atuavam mais como interlocutores, como palestrantes, mas o máximo que você chegava a fazer era um questionamento.

Os debates, organizados “totalmente por jovens”, ocorriam frequentemente em “reuniões”, “eu falo reuniões do partido, não reuniões formais”, com a presença de filiados, militantes e “simpatizantes”, nelas eram problematizadas o que ele também chamou de “debates sobre opressões”, e problemas relativos ao “direito à cidade” e questões que marcam os mundos citadino e metropolitano:

(...) Bom, no plano teórico foi um enriquecimento muito grande. (...) Mas o meu aprofundamento nos **debates**, com certeza o maior responsável por isso, foi o fato de eu ter entrado no PSOL e numa faculdade. Eles iam nas pautas que já tocamos aqui, do machismo, racismo e homofobia.

[Também] a bandeira principal do partido é o transporte público. Por mais que tenham outras. (...) E uma qualidade péssima, quer dizer, isso está muito presente na pauta do direito da cidade, questão de habitação, acho muito interessante inclusive aproveitando o gancho, pesquisa da área de direito à cidade. (...) Como que você vai efetivar numa metrópole como São Paulo, ou como numa cidade grande como Ribeirão Preto, o transporte público de qualidade gratuito, ou uma habitação.

Além desses encontros e trocas, outros espaços-tempos de socialização e formação política mencionados por Caetano foram as “manifestações” e o momento da “greve”, situações em que a exploração dos trabalhadores, suas necessidades, reivindicações e demandas materiais e imateriais tendem a tornarem-se publicamente mais visíveis na arena pública, e que o filiado/militante pode estar ao “lado dos trabalhadores”: “a gente aprende coisas que não se ensina a ninguém. Fazer piquete, fugir da polícia em manifestação, usar pinho sol para diminuir o impacto do gás lacrimogênio e etc...”

4.3 Considerações sobre integrantes das novas gerações do PSOL-RP e sobre as trocas e transmissões que experienciaram no interior do partido.

4.3.1 Marcos etários e circunstâncias histórico-sociais e culturais de membros das novas gerações do PSOL-RP.

Uma visão de conjunto dos retratos dos jovens participantes da pesquisa, considerando elementos convergentes e divergentes presentes em suas narrativas, relativos as experiências que viveram e as que construíram no trânsito entre infância à juventude, até ao imersão na dinâmica social e política do PSOL-RP, permite que compreendê-los como indivíduos e atores sociais⁵⁸ que compartilham uma “situação geracional” comum e teceram uma “conexão geracional”, sob circunstâncias histórico-culturais e políticas que marcaram a sociedade brasileira e a dinâmica sociocultural em escala mundial, em décadas recentes. Algumas situações extraídas das entrevistas que concederam, corroboram meus argumentos: uma delas de ordem biológica/cronológica e as demais de natureza sociohistórica (MANNHEIM, [1928]1993); FORQUIN, 2003; NAKANO, 2005).

Do ponto biológico/cronológico, os sete jovens representam as novas gerações pois têm em comum anos aproximados de nascimento – entre 1987 (30 anos) e 1996 (21 anos de idade) (MANNHEIM ([1928]1993; FORQUIN, 2003).

Da perspectiva sociohistórica, em primeiro lugar, eles são “filhos” de políticas públicas educacionais e de políticas públicas voltadas às crianças, adolescentes e jovens brasileiros desenvolvidas a partir do final da década de 1980, tais como: políticas educacionais orientadas à massificação do acesso e permanência no ensino fundamental (cinco deles estudaram em escolas públicas); políticas públicas de promoção e garantia dos direitos de crianças, adolescentes e jovens com a promulgação e as decorrências da implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente ((Lei Federal 8069/1990) e do Estatuto da Juventude (Lei Federal 12.852/2013)⁵⁹, a respeito, observou Diogo (21 anos) que transitou da situação de emprego precário e desassistido de direitos sociais para a de “menor aprendiz”. Ainda sob este registro, tem-se que os jovens que ingressaram no ensino superior em IESs privada, no recente contexto da expansão das matrículas no ensino superior, conquistaram bolsas de estudo pelo PROUNI⁶⁰ (Silvana, 21 anos e Carlos, 22 anos) (PINTO, 2004; NEVES, 2012).

⁵⁸Segundo Martuccelli (2013, p. 25), “o ator é aquele que é capaz de modificar o seu entorno.

⁵⁹No país, há aproximadamente duas décadas, está em vigência o Sistema de Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente; o Estatuto da Juventude, de 2013, prevê a criação do *Sistema Nacional de Juventude* (SINAJUVE). Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/criancas-e-adolescentes/programas/fortalecimento-de-conselhos/garantia-de-direitos-da-crianca-e-do-adolescente>. Acessado em 01/2018. Em âmbito local, o município conta com o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e Adolescentes – CMDCA e o Conselho Municipal de Juventude - COMJUVE (ALMEIDA & PIRES, 2010; VINHAS, 2014; ANTONIETTO, 2014).

⁶⁰Criado em 2004, pela Lei Federal nº 11.096/2005, com o objetivo de conceder “bolsas de estudos integrais e parciais a estudantes de cursos de graduação e de cursos sequenciais de formação específica, em

No âmbito dos direitos políticos e da participação cívico-política, eles são indivíduos que viveram as conquistas e os dilemas decorrentes do processo de redemocratização da sociedade brasileira e do seu sistema institucional de representação política: eleições de representantes civis à presidência da república, pluripartidarismo, direito facultativo de voto aos menores de 18 anos etc. Neste registro, eles seriam, ao mesmo tempo, portadores de uma “memória adquirida” e uma “memória obtida” sobre o PT e seus percursos na sociedade civil e no interior do sistema institucional de representação política, mas possuem uma “memória obtida” sobre a criação e trajetórias do PSOL (MANNHEIM, [1928]1993, 1982); quanto ao PT, eles testemunharam ações e posições do partido quando assumiu governos do Estado brasileiro e de suas ações no Congresso Federal, a partir de 2003; quanto ao PSOL eles assistiram a sua criação e suas incursões na sociedade civil e no interior do sistema de representação institucional, a partir de rompimento de muitos de seus criadores com o PT, “anos que, vamos dizer assim, da alta do PT, do crescimento da economia, (...) da quase plenitude de emprego. (...) Minha família (...) é aquela que se tiver o PSDB, se tiver o PT e qualquer outra força de direita, vai votar no PT, (...) num segundo turno; no primeiro, (...) muitos votam no PSOL, (...), como eu, eles veem (...) no PSOL, uma nova perspectiva de mudança (...) um novo projeto de esquerda que estamos precisando” (Caetano, 24 anos).

Outra marca das circunstâncias históricas e sociais que condicionou a “conexão geracional” entre os entrevistados, está no que chamaram de “pautas de opressão” ou “questões de opressão”, relacionadas aos temas e questões que se fizeram mais presentes e ganharam maior visibilidade no espaço público da sociedade brasileira (e de outras realidades nacionais), a partir dos anos da década de 1980, pelas ações coletivas ou movimentos sociais nomeados de identitários – dos negros, de mulheres, das feministas, dos deficientes, dos segmentos LGBT⁶¹.

instituições privadas de educação superior”. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view. Acessado em 11/2017.

⁶¹Em textos de Facchini (2003; 2009a; 2009b) tem-se que as “identidades coletivas” ou os movimentos sociais de defesa de LGBT são anteriores aos anos de 1980, em diferentes realidades nacionais e também na sociedade brasileira, porém as lutas em defesa dos direitos e identidades de travestis, transexuais e transgêneros adquiriram maior visibilidade pública na transição da década de 1990 para os anos 2.000. A pesquisadora explica também que “a denominação, em que T agrega as categorias de “travestis, transexuais e transgêneros”, parece ter se configurado como uma tentativa de encontrar uma letra que passasse ao largo de um debate no interior do segmento de “pessoas trans”, que muitas vezes opunha as categorias “travestis e transexuais” a “transgêneros” de forma inconciliável. Discussões ao interior do movimento de “pessoas trans” em favor da substituição do T genérico por “travestis” e “transexuais” resultaram em nova alteração, chegando à formulação do atual EBLGBT (em que “T” significa “travestis” e “transexuais”, considerando-se “transgênero” termo um tanto alheio ao contexto brasileiro)” (Id, 2009, p.81). A Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos -

Para concluir, recorro a mais dois exemplos. Muito contribuiu a “conexão geracional” entre eles as mobilizações e manifestações de rua junho de 2013, para alguns, elas serviram canal para o engajamento ao PSOL: “surgiu junho de 2013” (Diogo, 21 anos); “em 2013, inclusive antes de junho, rolava um sentimento muito forte do antipartidarismo” (Carlos, 22 anos); “sou meio que ‘filha’ de julho de 2013” (Silvana, 21 anos);

O último exemplo, de abrangência histórico-cultural global e local, se remete a importância da Internet e seus territórios para os processos de socialização, produção de sociabilidades, modos agir e participar dos “novos” no espaço público (MARTUCCELLI, 2015):

era a primavera feminista, (...) não havia atos em Ribeirão Preto. (...) Eu e mais uma amiga agitamos (...) em Ribeirão. (...) Muito no *Facebook*. (...) Fui lá e fiz o evento, (...) tinham dez mil convidados, mil e não sei quantos confirmados. (Silvana, 21 anos)

Internet, muito trabalho na internet, *Facebook* e tudo (Francisco, 30 anos)

por conta dos meus posicionamentos, as redes sociais facilitaram muito isso, e a gente foi conhecendo, (...) outras pessoas também de esquerda. (Caetano, 24 anos)

4.3.2 Experiências de socialização e educação política dos “novos” anteriores à filiação ao PSOL-RP

Quanto as experiências de socialização e educação política que viveram no meio familiar de origem, quase todos explicitaram que diferentes membros da família, em perspectiva pós-figurativa (MEAD, 1977; 1977; PAIS, 1998; FORQUIN, 2003; FEIXA & LECCARDI, 2010) lhes transmitiram valores, princípios morais e políticos, visão de mundo, modos apreensão e compreensão de questões, lutas e participação social em diferentes territorialidades e demonstraram ser portadores de uma “memória longa”⁶² e herdeiros inquestionáveis dos valores que lhes foram transmitidos no meio familiar:

a questão racial (...) tem uma influência grande nos dois, pois eles têm uma visão racial mais consolidada do que outros negros na família. (...) Isso foi uma interferência (...) mais forte (Ramires, 29 anos)

ABGLT foi fundada em janeiro de 1995. Disponível em: <https://www.abgl.org/>. Acessado em dezembro de 2017.

⁶²De acordo com Namer (1988, *apud* FEIXA & LECCARDI, 2010, p. 193): “memória longa” seria aquela que “os membros da família levam consigo de forma involuntária. Esta memória não é formada somente pelas lembranças pessoais, mas também daquelas transmitidas pelas gerações anteriores e que se tornaram uma parte integrante do itinerário do que é assimilado mais ou menos conscientemente. A influência desta ‘memória longa’ é ainda mais persistente pela afetividade natural da memória familiar, que a constitui íntima e profundamente” (Idib).

Meu avô foi presidente de associação dos moradores. (...) Meu pai fez parte do conselho municipal de saúde; (...) quando eu já tinha um pouco mais de idade, ela atuou muito no conselho da pessoa com deficiência, mesmo sendo uma mulher com pouco estudo, era uma faxineira, ela brigou muito pelo direito do deficiente. (...) Eu aprendi muito dentro de casa. (Carlos, 22 anos)

Sempre admirei meu tio, (...) e isso se relacionava com quem ele era no MST. (...) Me ajudou, sim (...) principalmente essa questão de terras, direitos sobre terra, direito à moradia (Francisco, 30).

São defensores dos direitos humanos, pois eles são importantes (Helena, 22 anos).

Nos relatos, referências a processos de socialização e formação política no contexto da escolarização básica também foram descritas, todavia, com uma força menor do que as experiências construídas no núcleo familiar. Especialmente no ensino médio, as vivências mais significativas narradas por alguns foram aquelas construídas no grêmio estudantil (Helena, 22 anos; Carlos, 22 anos) e as trocas ocorridas com professores do ensino médio - alguns envolvidos com ações coletivas sindicais e partidos políticos (Diogo, 21 anos). E para os que realizaram o ensino médio em escolas privadas, as referências às experiências de formação política são contrastantes com as que viveram na família, casos de Ramires (29 anos) e Caetano (24 anos), quando fizeram as seguintes menções, respectivamente:

um grupo de estudo que tentamos fazer, (...) a gente considerava meio comunista, (...) era muito imaturo, (...) chegamos a ler dois ou três textos

eu fui absorvendo coisas no cotidiano da família, pois na escola (...) me sentia muito sozinho.

Quanto a quadros de formação política no contexto do ensino superior, conforme demonstrado páginas anteriores, apenas Ramires (29 anos) teceu considerações sobre o rico leque de trocas e transmissões intra e intergeracionais que vivenciou, pois Caetano (24 anos), mesmo tendo participado do diretório acadêmico, foi categórico: “lá, foi um completo vazio!”.

É possível constatar que os jovens entrevistados se aproximaram e se engajaram ao PSOL com um conjunto de valores, princípios, representações e expectativas internalizado mais na socialização primária do que os incorporados na dinâmica social da educação escolar, esfera que os leva do mundo privado ao mundo público.

Todavia, sobre o engajamento deles ao PSOL, se por um lado ficou caracterizada a influência dos acontecimentos políticos, por outro, ele também foi influenciado por

relações sociais de proximidade e confiança que estabeleceram com figuras das gerações intermediárias ou dos seus pares do Partido, bem como o “sentimento de autoconfiança na relação do sujeito com o mundo”. Schmidt (2000), em *Juventude política nos anos 1990*, incluiu nos debates sobre socialização política dois conceitos que nos auxilia na análise da participação e a socialização política dos jovens no PSOL: a “eficácia política” e o “capital social”. A eficácia política ou a competência política subjetiva “designa o sentimento do indivíduo de que é capaz de exercer influência política, de provocar efeitos no processo político”. Expõe ainda que “as pessoas que possuem elevada eficácia política acreditam que são capazes de influenciar o mundo da política, entendem que sua presença “faz diferença”, que as autoridades prestam atenção a indivíduos como ele (a).” (SCHMIDT, 2000, p. 42).

O autor detalha o conceito, respaldado por pesquisas no âmbito da psicologia com a interface política para afirmar que:

o senso de eficácia política está ligado ao sentimento pessoal de eficácia de um modo geral e pressupõe um sentimento de autoconfiança na relação do sujeito com o mundo. As pesquisas indicam que a eficácia política é proporcional ao grau de autoconfiança que o indivíduo possui. Quem tem pouca confiança na sua capacidade pessoal de incidir eficazmente na escola, no trabalho, nas relações com outras pessoas, tende a ter pouca confiança na sua capacidade de incidir eficazmente na cena política. (SCHMIDT, 2000, p. 42.)

O outro conceito relacionado a confiança pessoal em interface com a política é “capital social” que se refere “ao grau de confiança interpessoal existente num determinado meio social”. Baseia-se na “confiança dirigida a outras pessoas, a qual é um pressuposto para a ação cooperativa”. A ausência completa ou parcial de confiança é um empecilho para a ação cooperativa e “inviabiliza as instituições e organizações sociais”. Segundo o referido autor:

capital social, no sentido aqui utilizado, não é propriamente sinônimo de confiança social. Enquanto a confiança social é um fenômeno subjetivo, o capital social é um atributo da estrutura social. O capital social compreende “características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuem para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas” (Ibib, p. 44).

Nesse sentido, a confiança dos mais novos em seus pares já militante/filiados ou em membros militantes/filiados das gerações intermediárias se mostraram importantes para que se engajassem, militassem e se filiassem ao Partido, e adensassem a partilha de um “destino comum”. (MANNHEIM, [1928]1993; 1982).

4.3.3 Trocas e transmissões de socialização e educação política vividas no PSOL

Quanto ações de socialização e formação política que obtiveram na dinâmica sociopolítica do PSOL e suas diferentes instâncias, as referências fornecidas pelos jovens permitem a montagem de um leque de experiências educativas, propostas por representantes das distintas gerações do PSOL e de suas correntes, com diferentes intencionalidades, ocorridas em diferentes espaços-tempos, com trocas e transmissões geracionais sobre temáticas, problemas e questões sociais, políticas e culturais variadas.

A partir dos relatos, foi possível organizar um conjunto de ações/práticas que eles compreenderam como sendo de socialização e educação política, composto com as seguintes modalidades de ação: 1) acampamentos; 2) ações de intervenção no espaço público junto a identidades coletivas e movimentos sociais; 3) ações de intervenção em canais institucionais de participação; 4) campanhas eleitorais; 5) congressos e 6) de “formação teórica” ou teórico-prática.

No **Quadro III**, a seguir, foram dispostas as ações/práticas organizadas por modalidade, os autores das propostas – conforme mencionadas, os tempos e espaços em que elas ocorreram/ocorrem e as direções predominantes das trocas e transmissões geracionais.

QADRO III - MODALIDADES DE AÇÕES/PRÁTICAS EDUCATIVAS CITADAS PELOS INTEGRANTES DA JOVEM GERAÇÃO DO PSOL-RP E SENTIDOS DAS TROCAS E TRANSMISSÕES NO ENCONTRO ENTRE AS GERAÇÕES

Modalidades de ações/práticas educativas	Autor(es) da proposta	Espaços de ocorrência	Tempos de ocorrência	Direção das trocas e transmissões no encontro entre as gerações
I. Acampamentos 1) para e com jovens; 2) de/para/com jovens; 3) público em geral (filiados, militantes, simpatizantes, convidados)	Adultos Jovens Correntes do PSOL	R.Preto; outras localidades Outras localidades Outras localidades	Episódico Episódico Episódico	Pós-figurativas – de adultos para jovens ; cofigurativas – de jovens p/jovens ; pré-figurativas – de jovens p/adultos Cofigurativas Pós-figurativas – de adultos para jovens e Pré-figurativas – de jovens p/adultos
II. Ações de intervenção no espaço público junto a identidades coletivas e movimentos sociais	Correntes do PSOL (APS e MES)	Ribeirão Preto e cidades vizinhas	Constantes	Pós-figurativas; cofigurativas; pré-figurativas
III. Ações de intervenção em canais institucionais de participação	Correntes do PSOL (APS e MES)	Ribeirão Preto e cidades vizinhas	Constantes	Pós-figurativas; cofigurativas; pré-figurativas
IV. Campanhas eleitorais	PSOL e Correntes (APS e MES)	Ribeirão Preto e cidades vizinhas	Períodos eleitorais	Pós-figurativas, cofigurativas; pré-figurativas
V. Congressos	PSOL e Correntes (APS e MES)	Outras localidades	Episódico	Pós-figurativas, cofigurativas; pré-figurativas
VI. De “formação teórica” ou teórico-prática 1. Cursos 2. Debates 3. Encontros 4. Rodas de conversa 5. Palestras	Correntes APS e MES Correntes APS e MES Correntes e Jovens Correntes e Jovens Correntes e Jovens	Ribeirão Preto Ribeirão Preto Ribeirão Preto Ribeirão Preto Ribeirão Preto	Sequencial Episódico Episódico Episódico Episódico	Pós-figurativo; Pós-figurativo; cofigurativo; pré-figurativo; Pós-figurativo; cofigurativo; pré-figurativo; Pós-figurativo; cofigurativo; pré-figurativo; Pós-figurativo; cofigurativo; pré-figurativo.

Data-base: dezembro de 2017

Fonte: CASTRO, R. F. (2018)

No conjunto de ações/práticas mencionadas apreende-se que elas foram propostas tanto por representantes das gerações adultas como por representantes das novas gerações do Partido e suas correntes, e foram/são concretizadas em distintas territorialidades e tempos, atendendo a intencionalidades e objetivos distintos.

Algumas das ações educativas tiveram por autoria os jovens, sobretudo para problematizarem o que chamaram de “pautas de opressão”,⁶³ ou para investirem em processos de organização e formação de “setoriais/coletivos” de juventude no interior das correntes e do PSOL; outras ações, tiveram como autores representantes adultos, especialmente aquelas que objetivaram introduzir e aprofundar temas e questões “teóricas” ou teórico-práticas tematizadas por autores admitidos como de referência às correntes do Partido – Karl Marx, Lênin (Vladimir Ilyich Ulyanov), Leon Trótski, Antônio Gramsci, Nahuel Moreno. Contudo, o Quadro elaborado torna evidente a ausência de ações/práticas educativas concebidas e desenvolvidas por instâncias do PSOL, estatutariamente por elas responsáveis.

A partir do que os jovens expuseram, teríamos as seguintes modalidades de ações educativas, envolvendo trocas e transmissões geracionais:

- a) as “fechadas”, de tipo “pós-figurativo”, propostas por membros das gerações adultas do PSOL-RP vinculados à APS ou MES - cursos de formação teórico-prática–debates, palestras etc;
- b) as “fechadas”, de tipos “pós-figurativo”, “cofigurativo” e “pré-figurativo” propostas pelo PSOL e suas tendências, de abrangências nível estadual e nacional - os denominados “acampamentos”;
- c) as “fechadas” de tipo cofigurativo e pré-figurativo, propostas por jovens filiados do PSOL-RP – debates, palestras, encontros etc;
- c) as abertas, de tipos “pós” e “cofigurativo”, propostas por integrantes do PSOL, a APS e o MES – as rodas de conversa, de imersão e intervenção na realidade social, ida às reuniões de movimentos, conselhos institucionais, momentos de greve etc);

Os jovens entrevistados não trouxeram referências às ações educativas concebidas e desenvolvidas pelo “Setorial” de formação política do PSOL (estritamente enquanto partido), estatutariamente responsável para tanto. Apenas um jovem fez menção a

⁶³Conforme exposto em páginas anteriores, os jovens fizeram referências às questões relativas aos negros, às mulheres, ao feminismo, às lésbicas, gays, travestis, transexuais, transgêneros, e também algumas relativas ao direito à cidade e alguns de seus equipamentos de consumo coletivo, contudo, não fizeram menções a autores ou obras que oferecem contribuições conceituais e reflexões sobre as “pautas/questões de opressão.

“materiais” disponibilizados pela Fundação Lauro Gomes, porém não citou ações educativas intencionais, estruturadas, episódicas ou contínuas.⁶⁴

Em uma visão de conjunto, nas menções e avaliações que os jovens fizeram sobre as ações educativas mencionadas, do ponto de vista da contribuição à formação política, ao fortalecimento do vínculo de filiação ao PSOL e aos seus projetos de subjetivação e autonomia, eles atribuíram maior valor aos “acampamentos” e as ações “abertas” de imersão e intervenção na realidade social e política no município e seu entorno. Sobre os cursos de formação teórico-prático, por exemplo, são significativas as avaliações de dois filiados:

na parte teórica do partido, eu até hoje estou esperando ser... como fala, aquele treinamento que a APS dá, até hoje não passei por isso. (Helena).

lembro que o Douglas mandou o material para mim, por e-mail, uma porção de textos basicamente falando sobre a APS, como ela se formou, qual a fundação, alguns artigos filosóficos. Não lembro tudo exatamente, faz bastante tempo que li e depois nem repeti a leitura, pois começamos a nos envolver nas reuniões, nas coisas, e vamos pegando mais o *feeling* ali e vai indo, você não fica tanto na leitura. (Francisco).

Por outro lado, as avaliações que fizeram sobre as práticas de imersão e intervenção na realidade das lutas sociais e canais institucionais de participação no município e os “acampamentos”, as avaliações foram significativamente distintas relativamente às feitas aos “cursos”. Sobre as primeiras, Caetano e Carlos argumentaram:

(...) estar do lado desse pessoal em manifestações, ao lado de trabalhadores em greve foi e é sempre formativo. A gente aprende coisas que não se ensina a ninguém. Fazer piquete, fugir da polícia em manifestação, usar pinho sol para diminuir o impacto do gás lacrimogênio e etc... (...) Quando estávamos com o megafone (...), o transporte público, (...) eu nunca usei muito ônibus, (...) aqui em Ribeirão eu nunca cheguei a utilizar. De fato, trazendo para a questão do transporte público, e pro direito também, hoje ele não é um direito, (...) um direito social, o transporte público, ele cumpre pura e simplesmente a função de levar o trabalhador para o seu ambiente de trabalho e voltar, ele não cumpre uma função (...) efetivar o direito de ir e vir do cidadão, e eu fui percebendo isso. (Caetano)

A primeira coisa que tenho para falar é minha saudade de militar todo dia, (...) a gente aprende muito. (...) Participei de duas campanhas, 2014 e 2016, já com muita mais responsabilidade, (...) acompanhei muito a própria candidatura majoritária, a campanha do Eduardo. (...) Foi um grande processo formativo, (...) temos que sair da zona de debate, que não é uma zona de conforto, pois não tem debate confortável da esquerda, mas sair da zona de debate para debater com outras pessoas, para

⁶⁴O que não nos permite afirmar que elas não tenham sido concebidas e desenvolvidas pela Fundação, de 2013 até 2017, quando encerrei as atividades de campo.

panfletar, para ir para os pontos com as pessoas conversar e conseguir conversar com a pessoas as 6 da manhã. (Carlos).

Os acampamentos foram avaliados muito positivamente porque tiraram alguns dos jovens de Ribeirão Preto, os colocaram em contato com os outros jovens que compartilham os mesmos processos identitários, alguns construíram novos coletivos e, outros, ainda, se esforçaram por reproduzir os debates que experienciaram nos “acampa”⁶⁵, em Ribeirão Preto, para os pares, adultos e velhos

Particpei de 3 acampamentos, (...) nacionais, (...) foram muito gratificantes. (...) Achei que iríamos sozinhos, (...) eu não via a dimensão que o PSOL estava chegando. Cheguei em São Paulo, (...) um salão enorme, (...) só jovens, (...) ingressados na política; (...) jovens maltratados pela sociedade por causa de preconceitos: mulheres, (...) gays, lésbicas, bissexuais; prá mim que sou um bissexual, aquilo foi..., estava no meu espaço, (...) conversando com pessoas que entendem o que eu passo no dia-a-dia; (...) descobrindo pessoas que passam por coisas muitos piores, vendo a força que elas têm para resistir aquilo, e isso me motivou a continuar com isso. (...) Quando você vê uma transexual negra nordestina, sua vida fica fácil. (...) O travesti não tem o direito de andar na rua durante o dia, os que andam, andam a noite, são obrigados a trabalhar com prostituição. (...) Jovens na política debatendo, (...) preocupados com a educação e como ela seria daqui alguns anos. (...) Eu me lembro dos acampamentos e da vivência que tive em respeito a muitas coisas.

Pela corrente (...) a JSOL, fizemos uma formação que era um setorial LGBT e Negros, (...) que se juntara pela corrente e pelo setorial da juventude, e o setorial LGBT e negros, (...) as várias ramificações das putas, tipo, negra, LGBT e tal.

Aí fizemos nós uma formação aqui em Ribeirão. Prá discutir com a juventude de escolas, das universidades, de um pessoal que se organizava ou no movimento negro ou no movimento LGBT. Fizemos umas quatro reuniões que debatemos sobre esses temas. (Francisco).

A partir dos relatos jovens filiados ao PSOL-RP há uma explícita intencionalidade de socialização e educação política dos “novos”, a partir de várias propostas de formação, com trocas e transmissões geracionais em várias direções e sentidos, que se identificam com as “tipologias” propostas por Mead (1977)⁶⁶. As trocas e transmissões intergeracionais e intra geracionais foram avaliadas diferencialmente, ao mesmo tempo em que os jovens relativizaram a importância dos “cursos de formação teórico-práticas para o fortalecimento dos laços com o PSOL e as suas tendências e seus processos de subjetivação, o mesmo não ocorreu com ações educativas que investiram na imersão e

⁶⁵Espécie de categoria nativa usada pelos participantes dos “acampamentos”.

⁶⁶Citadas no capítulo 2.

intervenção na dinâmica social e política do município, assim como alguns positivaram muito fortemente as ações educativas realizadas fora de Ribeirão Preto e tiveram por temas as chamadas “pautas” ou “questões de opressão”.

As decorrências deste conjunto de trocas e transmissões para a formação política dos “novos”, assim como para a dinâmica relacional interna do PSOL-RP – tensões, conflitos, cooperação, colaboração, solidariedade etc, e as possibilidades que ele gera para os processos de produção e reprodução da nova agremiação e sua contínuo rejuvenescimento serão apreciadas na próxima seção, após a apresentação e análise dos retratos dos integrantes das gerações intermediárias e adultas do Partido no município, assim como as contribuições que as ações educativas ofereceram aos jovens filiados em seus processos de subjetivação e conquista de autonomia, no tempo da juventude.

5. Retratos dos membros gerações adultas do PSOL-RP, ações educativas para formar politicamente os herdeiros, descompasso e tensões nos encontros e transmissões geracionais

Como exposto em seções anteriores, entre 2016-2017 dialoguei com onze (11) filiados/militantes do PSOL-RP, representantes das gerações jovem e adulta, nas leituras dos relatos dos jovens foram recorrentes as referências que fizeram aos adultos da agremiação situados nas “gerações intermediárias” – também em relatos de alguns adultos (MANNHEIM, ([1928]1993; 1982), quando da aproximação, integração e construção de vínculos sociais e políticos ao/no Partido e suas correntes.

Diante desta constatação, pareceu-me mais promissor, do ponto de metodológico e da análise do material extraído do campo, aprender e analisar os adultos do Partido, suas ações e relações, considerando a proximidade ou distanciamento etário e histórico-social e cultural deles com os jovens, pois, como exposto no capítulo 2, uma mediação entre as experiências e memórias de jovens e adultos pode ocorrer com menor “fricção” ou menor tensão pela presença e ações das “gerações intermediárias”, mais próximas, ao mesmo tempo, das gerações jovem e dos adultos mais envelhecidos. (MANNHEIM, 1982, p. 84).

Sobre esta forma de compreensão das relações intergeracionais e as trocas e transmissões socializadoras e educativas que se estabelecem entre elas, Weller (2010) esclareceu o destaque dado por Mannheim:

(...) conhecimento implícito acumulado e transmitido de geração para geração com suas devidas releituras e reinterpretações; por outro, (...) para a necessidade de compreensão do problema das gerações como um processo dinâmico. Nesse sentido, Mannheim se aproxima da ideia simmeliana de interação, ou seja, da complexa interação existente entre distintos fatores constitutivos de gerações. (Idib, p. 213).

Feitas estas considerações, apresento os retratos dos integrantes das gerações intermediária e mais idosas do PSOL-RP que construíram com a pesquisa, considerando elementos da “situação” e a “conexão geracional” que os caracterizam, ou seja, a “proximidade dos anos de nascimento” e “os conteúdos do sentimento, do pensamento e da vivência” deles no contexto histórico-cultural e no interior de um meio social comum (MANNHEIM, [1928]1993; 1982).

Primeiro, discorro sobre as experiências dos três militantes com idades mais aproximadas das dos jovens - Claudine, Eduardo e Douglas, na sequência, trago as experiências de Rodrigues, atualmente com 60 anos de idade, com experiências histórico-

social e de socialização política significativamente diferenciadas, em relação aos demais colaboradores do estudo.

5.1 Retratos de integrantes da geração intermediária: dimensões de suas experiências partidárias

5.1.1 Claudine, 35 anos.

Claudine, 35 anos de idade, vive em união estável com Eduardo (PSOL-MES), é mãe de um filho de 6 anos de idade; nasceu em Taiwan República da China, é filha de pai chinês e mãe brasileira. A família instalou-se no Brasil quando ela tinha 3 anos, e fixou moradia no Rio Grande do Sul.

Concluiu o ensino superior em Biologia, por IES privada, é portadora dos títulos de mestre e doutora na mesma área de conhecimento científico, obtidos em IES pública estadual. Quando entrevistada, atuava profissionalmente como docente e pesquisadora em IES pública estadual, como titular de cargo público.

Segundo narrou, ela viveu a infância e juventude em meio familiar com membros que se integraram e estabeleceram fortes vínculos com o Partido dos Trabalhadores – PT: em Porto Alegre, a mãe foi militante de base do Partido e, como outros integrantes da família, teve participação ativa nos governos petistas da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, em especial na gestão de Olívio Dutra. A irmã da entrevistada, oito anos mais velha, militou na base do Partido, tendo se engajado no “setorial de Juventude do PT – o da Rural e da Urbana”, “coisa muito peculiar do PT na década de 90”.

Entretanto, relatou também que nunca fez parte do PT, dele se aproximou e nele se engajou, dada “a rigidez” que implicava a militância, e enfatizou: “por incrível que pareça eu cresci negando o partido e a juventude do PT”. De certa forma, este relato da entrevistada permite estabelecer ligações com as reflexões de Leclercq (2016), sobre militantes jovens e adultos do Partido Comunista Francês, que nasceram e foram socializados em núcleos familiares franceses de velhos filiados daquele Partido, mas se opuseram/se opõem a construir nele uma experiência militante como “cativos”, lógica que possibilitou a expressão: “nativos, mas não cativos”.

Porém, admitiu que gostava dos ir aos comícios promovidos pelo Partido, dos eventos, gostava de ver e ouvir os “figurões” – “Lula”, Olívio Dutra, também gostava daquilo que entendia ser a “porção mais alegre, mais festiva e celebrativa” da dinâmica cultural daquela agremiação.

No círculo familiar de origem, disse-me que nunca nenhum familiar a convidou para participar de atividades “formativas dentro do PT”, tampouco lhe explicaram a natureza daquele Partido, como ele nasceu, quais eram seus principais valores, princípios e objetivos, como ele se estruturava e a dinâmica sociopolítica de suas interações e relações internas.

Assinalou Claudine, que cresceu “negando e recheando [partidos], principalmente por conta de um momento do percurso histórico do PT: “um pedacinho de falência, um pedaço de modificação”, “o PT se transmutando em um partido, vamos dizer assim, como outro qualquer (...), que faz alianças e não tem muito contato com sua base. E isso fez com que eu rechaçasse ainda mais partidos em geral”.

Conheceu o PSOL há dez (10) anos, época em que também conheceu seu companheiro de união estável, Eduardo, ex-militante petista que migrou para o PSOL, quando de sua criação. Assim, frisou ser testemunha da fundação deste Partido, sobretudo em Porto Alegre, pois seu círculo

social e os amigos eram integrantes de partidos, principalmente o PSOL. Em 2012, engajou-se e filiou-se a este Partido, e vinculando-se ao MES.

Em Ribeirão Preto, tem contribuído para o enraizamento e fortalecimento do Partido e do MES, e também na organização e desenvolvido de ações educativas para militantes, filiados e simpatizantes, incluídos os “novos” filiados do PSOL-RP.

5.1.2 Eduardo, 36 anos.

Eduardo, 36 anos de idade, vive em união estável com Claudine, com quem tem um filho de 6 anos. Nasceu em Santo Augusto, RS. 36 anos de idade, nasceu em Santo Augusto, RS. Migrou e se fixou em Ribeirão desde o segundo semestre de 2011.

Concluiu o ensino médio e o ensino técnico profissional, em 1998, em escola pública federal. Graduou-se em Ciências Sociais por IES pública federal e atualmente é estudante em curso de mestrado *stricto sensu*, acadêmico, em IES pública estadual.

Até 2016, atuava como bancário em instituição financeira estatal, como titular de cargo público. Quando concedeu sua entrevista, estava afastado das atividades profissionais e dedica-se aos estudos de mestrado.

O entrevistado considerou também que vivenciou processos de socialização política no interior de sua família de origem, na medida em que seu pai, na década de 1980, atuou como delegado sindical, mas “nunca foi militante partidário”. A mãe teve educação política mais aprofundada, era docente de educação física, fez especialização e mestrado em Educação. Nas décadas de 1980 e 1990 foi militante de “massa” do PT, envolvendo-se com campanhas eleitorais do Partido, no Rio Grande do Sul. Sobre a atuação da mãe sobre sua educação política, recordou:

minha mãe participava, mais (...) nas coisas de campanhas eleitoral. (...) não era uma militante do dia-a-dia do partido, mas tinha uma formação mais teórica um pouco maior, razoável, sabe. Me lembro, (...) acho que tinha 14, 15 anos, e conversávamos muito em casa, tinha uma educação política que não era tão política partidária. (...) As coisas lá em casa eram discutidas como se fosse uma assembleia. (...) Então, tinha essa formação que não era tão política partidária, mas tinha uma formação mais de coletivo democrático. E aí eu me lembro que meu contato com coisas do socialismo, a ideia de socialismos com Marx, foi (...) por influência da minha mãe...

Em Pelotas/RS, construiu e viveu experiência de socialização política na educação de nível médio e profissional, quando se integrou ao grêmio estudantil e se relacionou com segmentos da juventude do PT ligados à política estudantil, na sequência, engajou-se e se filiou ao PT:

com essa coisa de ler o Manifesto Comunista, entrei na escola técnica e me envolvi com o grêmio estudantil. (...) No grêmio (...), eu era meio “verdão”, não sabia das coisas do PT. E aí, teve uma eleição que a juventude do PT rachou, com (...) chapas separadas, uma mais ligada a DS (Divergência Socialista) e outra mais ligada a Articulação de Esquerda; eu fui com o povo da Articulação de Esquerda, e entrei no PT, em 1996/97, via movimento estudantil.

Quando do governo do PT na Prefeitura de Pelotas, participou do processo de criação da Secretaria Municipal de Juventude, experiência que contribuiu fortemente a sua socialização política e também lhe trouxe frustrações, quanto à organização e dinâmica intrapartidária daquela agremiação.

Como decorrência de frustrações com aquele Partido, considerou migrar para o PSTU, entretanto, em 2001, conheceu o MES, ainda como tendência do PT, e a ela se vinculou: “queria sair do PT

e eles falaram: - ‘segura, a saída não é individual’. Entrei para o PSOL, já como militante do MES, (...) corrente que a Luciana Genro faz parte. (...) Quando ela foi expulsa em 2003,⁶⁷ nós saímos para fundar o PSOL”.

Eduardo não é portador de uma memória direta das circunstâncias históricas e políticas que envolveram a gestação e fundação do PSOL em Ribeirão Preto, porém demarcou:

participei do início, lá em Porto Alegre. Cheguei em 2011, tive contato (...) com o Ximenes e o Rodrigues. Eles me convidaram e me incorporaram nas coisas do Partido. Em seguida teve a campanha de 2012. (...) Aqui, (...) como o PSOL também tem essa organização por corrente, não tinha ninguém do meu grupo aqui, (...) não tinha cargo e tal.... (...) Em 2013, a gente renovou a direção do Partido; a gente já tinha um grupo pequeno e entrei na executiva e sigo até hoje na executiva municipal como secretário geral, o burocrata (risos).

5.1.3 Douglas, 30 anos.

Douglas, 30 anos de idade, vive união estável. Nascido em Ribeirão Preto, é filho de Rodrigues. Possui ensino superior completo, graduou-se em Ciências Sociais, em IES pública estadual. Quando nos concedeu a entrevista, atuava profissionalmente como docente de Sociologia, em escolas da rede pública estadual de ensino e da rede privada.

No âmbito familiar, vivenciou processos de socialização política, pois seu pai foi militante de coletivo da Igreja Católica – Pastoral da Juventude do MST, de partidos políticos - PDT⁶⁸ e PT, entre 1990 e 2000.

Aos 17 anos de idade, ao término do ensino médio, vinculou-se a corrente política integrante do PT, “O Trabalho - OT⁶⁹”; posteriormente, filiou-se a agremiação, e em 2006, desligou-se do PT.

No mesmo período, aproximou e filiou-se ao PSOL, porém ressaltou que não estabeleceu, simultaneamente, laços com alguma das tendências do Partido, no entanto, posteriormente, fez uma escolha: “eu demorei para entrar para a APS”, por suas palavras, subentende-se as lógicas político-ideológica e de ação partidária que orientaram suas escolhas, em seus exercícios de integração e construção de pertencimento a um “nós” no interior da agremiação, e também de autonomia:

Eu gosto de pensar o PSOL numa perspectiva um pouco mais ampla. Prá mim, ele se aproxima muito de uma frente de esquerda, inclusive porque a gente tem correntes que se organizam a partir da formação de quadros, correntes que se organizam a partir da formação de massas ou de disputa de massas. Eu tive até bastante contato com o pessoal do MES. (...) eles não veem a política institucional como a protagonista revolucionária. A disputa que aparece de maneira secundária, a disputa pelo legislativo, a disputa pelo executivo, dentro das lutas construídas e travadas pelo MES. (...) Eles tentam construir a partir dos movimentos sociais. A APS, ela tenta colocar disputa do movimento institucional no mesmo nível da construção e disputa via movimentos sociais, (...) principalmente dentro dessa realidade do Brasil, onde qualquer reforma no nosso país é uma revolução.... (risos). (...) Nós, enquanto APS, colocamos a disputa institucional como fundamental para fomentar o processo revolucionário.

⁶⁷Em 2003, época em que, no parlamento, ocorreram os debates do projeto de reforma da previdência elaborado setores do governo de Luís Inácio Lula da Silva, do PT.

⁶⁸Partido Democrático Trabalhista.

⁶⁹De acordo com Rudá Ricci (2015), trata-se de “tendência com orientação trotskista” que teve como “principais líderes José Carlos Miranda e Markus Sokol”. Disponível em: <http://www.rudaricci.com.br/origens-das-tendencias-pt/>. Acessado em 10/2017.

No PSOL-RP, esclareceu que, em conjunto com companheiros da APS, também se esforçou/esforça para gestar coletivos de juventude, e oferecer planos e ações de educação política para militantes, filiados e simpatizantes em geral, as novas gerações, em particular: “a gente teve aqui um curso de formação, que eu ministrei; (...) um curso de formação para militantes de uma maneira geral e depois um junto com a juventude. (...) eu e o Michel, um companheiro do partido, (...) a gente circula no espaço da juventude”.

O último retrato foi reservado ao militante do PSOL-RP com data de nascimento situada na década de 1950, portanto, construtor de experiências sociais, culturais e políticas e de socialização e educação política distintas e singulares das vividos pelos integrantes das gerações jovem e intermediárias do Partido, ainda que na contemporaneidade partilhem de um “destino comum”, sob as mesmas condições históricas e em um território comum – o PSOL.

5.1.4 Rodrigues, 59 anos

Rodrigues, 59 anos de idade; é natural de Jardinópolis/SP, município vizinho a Ribeirão Preto. Casado e pai de dois filhos.

Atingiu o 4º ano do curso de Direito, em IES da rede particular, porém não o concluiu. Atua profissionalmente como assessor do Deputado estadual Ivan Valente, do PSOL e da APS. Também desenvolve atividades de coordenação regional do Partido, em municípios localizados no nordeste do estado de São Paulo, é vinculado à APS.

Nascido em 1957, Rodrigues é representante de uma geração e portador de uma memória direta das circunstâncias histórico-sociais, econômicas e políticas anteriores e posteriores ao golpe militar-civil de 1964, dos governos militares (1964 e 1985), das lutas sociais pela redemocratização da sociedade brasileira e suas instituições sociais e políticas, da gestação e criação do PT e da chegada de representantes do Partido em governos municipais – em Ribeirão Preto, nos períodos de 1993-1996 e 2001-2002, e no governo federal (2003) e da chegada e criação do PSOL em Ribeirão Preto, em com a eleição de Luís Inácio Lula da Silva (2003).

Construiu experiências de militância política em associações partidárias como o PDT e o PT, e coletivos como a Juventude da Pastoral da Terra. Durante a nossa conversa, anterior a entrevista, expressou seu idealismo, consoante a sua situação e pertencimento geracional, ao afirmar: “se preciso for, voltaremos pegar em armas”.

Na segunda metade da década de 2000, integrou-se e filiou-se ao PSOL-RP:

a gente tá construindo partido aqui. (...) É, porque o partido foi fundado em 2005; em 2006 teve as eleições municipais, nós chegamos em 2007. Tá fazendo esse trabalho de lá para cá, de quando partido foi feito aqui. A gente vai informando vem montando o partido dessa forma aí.

5.2 Marcadores histórico-sociais de integrantes das gerações adultas do PSOL-RP: “conexão geracional” e “destino comum”

Se do ponto de vista da situação e conexão geracionais, e por partilharem um “destino comum”⁷⁰, sob determinadas e comuns circunstâncias históricas, no interior de um mesmo “território” – o PSOL (MANNHEIM, ([1928]1993, 1982; NAKANO, 2005), pode-se considerar Claudine, Eduardo, Douglas e Rodrigues integrantes das gerações adultas do Partido em Ribeirão Preto, os retratos que deles formulei demonstram que sob o ângulo histórico-social e das interações e relações que estabelecem com os jovens entrevistados guardam distinções também significativas que permitem admitir que os três primeiros filiados/militantes conformam as “gerações intermediárias”, que os diferenciam de Rodrigues, pelas experiências e memórias sobre a participação política e atuação partidárias que construíram, no trânsito da juventude para a vida adulta.

Em termos históricos e socioculturais, além das marcas geracionais já mencionadas, Rodrigues é portador de uma memória adquirida – não transmitida, de temporalidades da realidade brasileira caracterizadas, por exemplo, pelas “reformas de base” ao final do governo de Joao Goulart (1961-1964⁷¹, pelo período do “milagre econômico” (1968-1973), da implantação da política de segurança nacional dos governos militares e seus atos institucionais (ALENCAR *et al*, p. 313), pelas lutas sociais e populares contra à ditadura – no meio urbano e no campo (Idib, p. 318), pela emergência e atuação dos movimentos populares e de trabalhadores-operários que produziram “o novo sindicalismo” (Idib, p. 318) e pela expansão e diversificação das lutas sociais no campo etc, os movimentos pela anistia política e pela reimplantação do pluripartidarismo,

⁷⁰Para reforçar a importância da vivência de um “destino comum” à definição de uma geração, retorno as considerações da teoria mannheimiana: Mas, a ‘posição geracional’ (*Generationslagerung*) não pode equiparar-se a ‘conexão geracional’ (*Generationszusammenhang*) . A conexão geracional é mais determinante que a mera posição geracional, da mesma forma que a mera situação de classe não pode equiparar-se a uma classe que se auto constitui. A posição apenas contém possibilidades potenciais que pode objetivar-se, ser reprimidas, ou modificar-se em seu curso ao se incorporar-se socialmente em outras forças efetivas. (...) Para se estar incluído em uma mesma posição geracional, suportar os obstáculos que ela engendra os indivíduos têm ter nascido no mesmo âmbito histórico-social – na mesma comunidade de vida histórica – e num mesmo período. Entretanto, a conexão geracional vai além dessa mera presença circunscrita em uma determinada unidade histórico-social. Para que se possa falar de uma conexão geracional tem que outro tipo de vinculação concreta. (...) Para abreviar, **esta adesão pode ser especificada como uma participação no destino comum dessas unidades histórico-social** (id, p. 221, grifos meus; tradução livre).

⁷¹Reunindo as reformas agrária, eleitoral, bancária, constitucional, universitária (Souza & Carvalho, 2007, p.3)

a partir dos anos de 1980 (Idib). Sob ângulo mais global, produziu vivências e representações e acumulou uma memória sobre as decorrências históricas da expansão chamado “socialismo real” – na Europa, na Ásia, em África e na América, da divisão do mundo em blocos imposta pela ideologia da “guerra fria” (SOUZA *et al*, 2007, p. 5), das revoltas juvenis e estudantis de 1968 em diante (GROPPO, 2008), da “queda” do Muro de Berlim (em 1989), da emergência do ideário neoliberal e as políticas econômicas e sociais nele fundamentadas, em distintas realidades nacionais, a partir de 1980 (AMORIM & ARIAS, 2009, pp. 232-4). Destes exemplos históricos e culturais, Claudine (MES), Eduardo (MES) e Douglas (APS) têm uma memória que lhes foi transmitida, e só dessa forma as compartilham com Rodrigues (APS).

No entanto, os três compartilharam com Rodrigues (APS) outras condições históricas, culturais e políticas e memórias, que os conduziram à uma “conexão geracional” e a participação de um “destino comum” (Id), ainda que Claudine e Douglas tenham demonstrado um estranhamento por tê-los compreendidos como integrantes das “gerações adultas” do PSOL em geral e o de Ribeirão Preto em particular, quando ponderaram que ainda são jovens:

Eu não me considero uma geração adulta, me considero jovem ainda, embora eu sei que não sou tão jovem assim, mas não me considero velha ou da geração adulta. (Claudine, MES).

A gente não faz parte dessa juventude, (...) tem essa participação da velha guarda. (...) Temos uma outra visão política; (...) temos uma carga e uma base que já permite (...) olharmos de uma outra maneira a situação. Somos a velha guarda da juventude. (Douglas, APS)

Os quatros integrantes da geração adulta têm em comum, mesmo que com nuances, a produção de experiências individuais e coletivas moduladas por condições históricas nacionais e globais, tais como: as políticas econômicas e sociais realizadas a partir dos anos 2.000, fundamentadas em premissas do neoliberalismo; à chegada do PT ao governo do Estado brasileiro, a expansão e diversificação de programas sociais de redistribuição de renda para a integrantes da classe trabalhadora, entre famílias pobres e/ou vivendo em condições de miséria, o avanço das lutas sociais no rural/campo, a multiplicação das lutas de identidades coletivas e/ou movimentos sociais defensores das identidades e defesas dos diferentes e suas diferenças. Em perspectiva mais global eles, em seus percursos e vivências, foram alterados pelo desenvolvimento do conhecimento científico e das novas tecnologias da informação e comunicação, que trouxeram profundas mutações no mundo da produção econômica, na organização e gestão do

trabalho e do trabalhador etc. Mas o compartilhamento de um “destino comum” (Id) concreto se firmou no campo da atuação política partidariamente orientada, seja pelas experiências produzidas no e com o PT ou as mais contemporâneas, quando escolheram construir, organizar e por em ação o PSOL, despojando-se da pecha de herdeiros do PT e dos rumos que ele tomou em décadas recentes – “o PSOL surge para corrigir esse erro de percurso, (...) inclusive, setores da esquerda nos chamam de viúva do PT (Douglas) -, ou superarem, como “herdeiros”, as “contradições da herança”⁷² do PT que o PSOL carregou/carrega para se organizar internamente – as tendências - e atuar na sociedade e no sistema institucional de representação política.

É com este acúmulo de experiências e memórias que os membros das gerações adultas do Partido em Ribeirão Preto interagem com os “novos” militantes e filiados, com eles estabelecem trocas e transmissões e buscam aprofundar e diversificar seus processos socializadores e de educação política.

5.3 Trocas e transmissões geracionais com objetivo de formação política: pelos relatos dos integrantes das gerações adultas

O conteúdo das entrevistas concedidas por Claudine, Eduardo e Douglas se aproxima dos relatos dos jovens do PSOL-RP, quanto as trocas e transmissões geracionais com objetivos de socialização e educação política dos “novos”, pois os três discorreram sobre a realização de ações/práticas educativas, sobretudo na forma de “cursos

Sim, existe, (...) curso de formação dado a esses jovens e não é prerrogativa de fazer o curso para ser filiado. (...) existem jovens que estão dentro do JUNTOS (Claudine, MES)

Fizemos um curso em conjunto com a APS, (...) para todo partido, sobretudo para os jovens (Eduardo, MES)

A gente teve aqui um curso de formação que eu ministrei (...) aqui em Ribeirão. Eu ministrei um curso de formação para militantes de uma maneira geral e depois um junto com a juventude... (Douglas, APS)

Em relação aos objetivos pretendidos com os “cursos”, eles foram mais bem esclarecidos por Eduardo e Claudine, do que por Douglas, mas dos relatos dos três apreende-se que as ações foram definidas a partir de perspectivas ideológicas e políticas e intencionalidades que fundamentam a atuação do MES e da APS.

Segundo Claudine (MES), o “curso” oferecido pelo MES teve por objetivo transmitir aos jovens determinadas perspectivas teóricas, conceituais e práticas sobre a

⁷²Uma remissão ao texto *As Contradições da Herança*, de Pierre Bourdieu (2000).

“organização partidária”, de forma a firmar as identidades do PSOL e do MES, com vistas a diferenciar suas respectivas identidades das de outras associações partidárias e outras tendências no interior do PSOL:

é Nahuel Moreno⁷³, (...) sociólogo argentino, muito importante, conhecido, (...) fez uma atualização muito séria e verdadeira da organização partidária com base na orientação do marxismo científico, do marxismo-leninismo”.

A gente lê, discute esse texto, e produz [texto], também, que tem como base *O Manifesto Comunista*, (...) todos os clássicos de Marx, (...) com uma adequação de linguagem para ficar mais acessível, mais pedagógico. (...) Ele é bem geral, (...) para formação e consciência, sem esquecer a prática na rua, fazendo relações com a política local a política nacional.

Sobre esta modalidade de ação educativa, Douglas teceu distinções entre o proposto e efetuado pela APS e o MES, ao mesmo tempo que diferenciou os objetivos que devem ser atingidos na formação política do militante e na do filiado, sobretudo os pertencentes aos segmentos juvenis:

o processo formação se dá com o militante⁷⁴... porque ninguém tem saco para formação. A não ser se ele tiver uma consciência do porquê aquela a formação é fundamental. Para ele, então, precisa ter um requisito prévio, porque quem busca isso é um militante. A gente teve aqui um curso de formação que eu ministrei (...) para militantes de uma maneira geral e depois um junto com a juventude... Mas aí a gente percebeu que, na verdade, a gente tava se antecipando. (...) O que precisava era formar mesmo o militante trazer ele mais próximo do Partido, e não teoricamente, na teoria.

Além das possibilidades descritas, Claudine (MES) explicitou, ainda, que sua tendência projetava oferecer aos jovens outras duas possibilidades de formação política, uma direcionada especificamente às jovens “mulheres” e outro de formação mais geral: “esse do feminismo, eu que estou montando, o outro versando sobre “a Revolução Russa. (...) Agora nós teremos 100 anos da Revolução Russa, (...) queremos abordar somente a Revolução Russa”.

⁷³Hugo Miguel Bressano Capacete ou Nahuel Moreno como era conhecido politicamente – Nahuel, em idioma indígena araucano, significa tigre, e moreno pela cor do cabelo – foi um sociólogo argentino nascido em 24 de abril de 1924 em Alberdi e falecido em 25 de janeiro de 1987 aos 63 anos. Foi um líder sindical e teve uma ativa participação no movimento trotskista internacional e na fundação de diversos partidos e organização na Argentina. Disponível em: <http://portaldelaizquierda.com/en/2017/01/boletin-especial-30-anos-de-la-muerte-de-nahuel-moreno/>. Acessado em 26/12/2017. Acredito ser relevante ressaltar que a principal liderança nacional do MES, e membro da geração adulta, é o argentino Pedro Fuentes. Foi “braço direito” de Nahuel Moreno durante a sua militância sindical e articulador de diversos movimentos e organizações na Argentina, principalmente durante a ditadura militar naquele país.

Ainda nesta chave, Eduardo (MES) mencionou a “*escola de formação de militantes*” do MES, concebida para atuar com militantes em geral, jovens inclusos, em escala estadual, a partir de um recorte-expectativa para a inclusão e participação do que denominou de “apostas”:

O que chamamos de escola de formação de militantes⁷⁵ mais destacados, onde pegamos dirigentes de trabalhos regionais, líderes de juventude, o pessoal mais engajado e influente do estado – a instância é estadual – reúnem grupos de 50, 100, numa cidade, num final de semana, e é debate o dia inteiro, debate mais denso assim, “teoria da acumulação”, (...) um nível mais avançado. O objetivo é formar o militante e reciclar as nossas próprias ideias.

Rodrigues e Douglas, discutiram sobre a prática educativa que consiste na socialização e formação dos novos pela imersão de seus representantes na realidade social, as interações com identidades coletivas, movimentos sociais e populares e a realização de reuniões, em contextos de campanhas eleitorais, outros tempos e ritmos de atuação partidária no município, e em interações com a juventude local e da JSOL.

a gente tá levando as reuniões para dentro do MST. O Ramires (...) faz as reuniões da JSOL junto com os jovens do MST, simpatizantes, filiados ou militantes⁷⁶. (...) Ele faz a reunião e nisso já faz uma formação e vai discutir, nas diretrizes, as lutas e as bandeiras do Partido ali dentro; (...) no movimento por moradia no Ribeirão Verde, (...) um movimento ou na associação de moradores do Paiva; no Cine Cauim⁷⁷, no Ribeirão em Cena⁷⁸. O Ramires hoje tá fazendo uma formação da juventude muito importante do Partido porque inclusive ele tá se inserindo cada vez mais nesses movimentos sociais e conseguindo trazer esses movimentos sociais para o Partido... (Rodrigues, APS).

É assim, formar, discutir, levantar pautas desses movimentos sociais. Porque a gente tentou construir essa formação do ponto de vista teórico, num primeiro momento não avançou muito e aí

⁷⁵O MES possui um sítio eletrônico para divulgar a “escola de quadros”. A programação de eventos formativos, nele está disponível: o primeiro encontro foi realizado em 2011, sendo a principal temática as Revoluções; o segundo, ocorreu em 2014, para se debater o *Enigma do Capital*, de David Harvey. Disponível em <https://escoladequadrosmes.wordpress.com/category/escola-de-quadros-mes/> Acessado em 17/11/2017.

⁷⁶Pelo ângulo de sua educação política e pelas experiências de militância partidária de que vivenciou, Rodrigues explicou as diferenças entre o militante, o filiado e o simpatizante de uma agremiação partidária como o PSOL: “o militante é aquele que constrói! É aquele que faz! Está inserido nos movimentos sociais, vai para as passeatas com bandeira camiseta do PSOL. (...) O filiado é aquele que vem depois disso daí. É aquele que diz “eu quero me filiar”, “eu quero fazer parte do partido”, “eu quero conhecer o partido por dentro”. Ele não tá ainda construindo partido, ou muitos filiados não constrói um partido mais tão dentro do partido. Vai filiar, trazer companheiros, vai nas atividades. tem uma participação efetiva. (...) O simpatizante é aquele companheiro de esquerda que não tem partido nenhum, mas vota na esquerda, vota no PSOL. Por causa das lutas que o PSOL trava, por causa dos movimentos sociais que às vezes o PSOL tá inserido ou não. Se identifica com alguns quadros.

⁷⁷Equipamento público municipal de consumo coletivo, direcionado à produção e reprodução de cultura artística e a realização de eventos de natureza social e política, situado na região central do município.

⁷⁸Instituto Ribeirão em Cena.

abandonamos. Hoje a JSOL só tem esse tipo de formação e é feito principalmente pelo Ramires. (Douglas, APS).

As proposições e práticas educativas da Fundação Lauro Campos também foram mencionadas, como uma instância do Partido que

“em nível nacional executa mais, é obrigada a fazer eventos formativos: (...) têm os debates, mas, as atividades partidárias de formação política (...) são mais no modelo de palestras e de debates, (...) de forma e maneira centralizada nos estados, nas capitais” (Eduardo).

5.3.1 Os objetivos e os apoios literários e didáticos que orientam as ações e transmissões

É possível argumentar que respostas à indagação sobre os objetivos das ações educativas já foram explicitados no item acima: socializar e formar politicamente “os novos” do PSOL-RP, a partir dos valores, princípios, objetivos político-ideológicos e lógicas do Partido e suas tendências, porém nos relatos destes entrevistados de há outras contribuições que qualificam ainda mais as respostas já apresentadas, que não encontram acentuada convergência com os relatos dos jovens entrevistados:

os mais fechados (...) só para os militantes ou para os filiados, (...) tocava em assuntos mais estruturais: o próprio partido; já teve palestra (...) que o Ivan [Valente] deu, sobre a dívida pública e o orçamento, (...) falou com todo mundo. (...) Debates sobre pautas de opressão. (Douglas, APS)

são cursos bem gerais para formação e consciência, sem esquecer a prática na rua, fazendo relações com a política local a política nacional. (...) Os jovens que participam do curso de formação geralmente se filia ao partido depois, porque aí conhece as diretrizes e os mecanismos da sociedade, as lutas, a história e assim ele toma uma consciência de estar no partido, mais ativamente, aí se filiar. (Claudine, MES)

Em relação aos apoios literários e didáticos, além dos textos da literatura acadêmica e de ativismo político militante já mencionados, outros apoios foram mencionados, tais como:

o Ramires que seleciona as pautas e seleciona os materiais, as vezes notícias de jornal, as vezes o que tá acontecendo mesmo na conjuntura internacional como por exemplo no caso de questões sobre moradia, ou pega por exemplo no caso as questões agrárias que estão em evidência, troca de ministro [de Estado], integração de posse... (Douglas, APS)

Não existe um material [específico], é um material do MES: (...) nós (...) adequamos o material ou utilizamos o que nós achamos necessário. (...) Eu e o Eduardo, que ministramos os cursos e selecionamos o material para juventude do PSOL. (...) A gente lê, discute esse texto, e produz também, que tem como base *O Manifesto Comunista*, todos os clássicos de Marx, os principais conceitos do marxismo científico com uma

adequação de linguagem para ficar mais acessível, mais pedagógica. É claro que o curso, ele é bem geral, curso que nós demos aqui... (Claudine, APS)

5.3.2 Ações educativas, as direções em que ocorrem as transmissões, e dificuldades diante da dinâmica intrapartidária

Também sobre esta dimensão das transmissões/ações educativas, os principais responsáveis por sua realização e as direções em que elas ocorrem – pós-figurativas, configurativas ou pré-figurativas (MEAD, 1977; FORQUIN, 2003), os relatos dos representantes das gerações adultas são similares aos dos da jovem geração do PSOL-RP, pois elas são assumidas ora por adultos (da geração intermediária) ora por jovens:

é formado e ministrado pelos próprios jovens para os próprios jovens. (...) O jovem vai tocando, sozinho aí, no caso o Ramires, a principal liderança vai tocando sozinho. Quando a gente está mais próximo do Partido e das atividades, a gente ajuda e toca também. (...) Mas, a principal ação e a principal participação é do Ramires mesmo, que é a liderança da Juventude da JSOL só aqui em Ribeirão. (...) É a própria juventude: da juventude com a juventude mesmo (Douglas, APS).

Também tem a participação da velha guarda, mesmo. (Douglas, APS)

como direção, damos o suporte, às vezes vamos e falamos, fazemos a primeira fala, às vezes ficam um pouco mais, às vezes ficamos todas as reuniões, (...) participando. (Rodrigues, APS)

Eu e o Eduardo, aqui em Ribeirão, que ministramos os cursos e selecionamos o material para juventude do PSOL (Claudine, MES).

Diferentemente do apresentado nas narrativas dos jovens entrevistados, nas elaboradas pelos quatro integrantes da geração adulta foi possível apreender e delimitar um rol de dificuldades que, segundo eles, se configuram como obstáculos para que as ações educativas com objetivos por eles delimitados se realizem com regularidade, e eles são de diferentes ordens: a localização do município no estado de São Paulo, a exígua física e frágil estrutura organizacional do PSOL no município, o esvaziamento dos cursos pelo público-alvo, os obstáculos impostos pelas posições político-ideológicas e lógicas de atuação das correntes/tendências internas da agremiação.

Rodrigues e Douglas discorreram sobre as dificuldades que o Partido se depara para desenvolver ações educativas, com regularidade, em cidade distante da capital:

o interior (de São Paulo) não, por uma questão de organização. Não temos tanta estrutura, e (...) a classe dirigente, (...) os mais velhos (...) tão focados em outras atividades, né? Eu por exemplo, tô aí como representante Regional, e fico atrás de todo essa organização aqui da

região. E não estou muito presente na elaboração e constituição desses cursos no caso da JSOL que é ligada APS da corrente que eu faço parte (Rodrigues, APS).

Nas capitais tem um projeto mais efetivo de formação, (...) que se dá dentro das correntes. (...) existe um material preparado, curso com grade, e disciplina vamos assim dizer. Curso de formação que acontece sistematicamente mesmo. Mas fora das capitais existe uma dificuldade muito grande de se fazer isso, de colocar isso em prática. Até porque a gente ainda tem uma dificuldade de construir um grupo significativo de militantes que consiga dar conta (Douglas, APS).

Em relação ao esvaziamento dos cursos ou o absenteísmo dos militantes e filiados, de diferentes idades, inclusive os jovens, especialmente no interior da APS, disse Rodrigues:

E aí, dentro da nossa corrente, como a gente vê essa dificuldade de formação, é de trazer para uma sala. As vezes a gente fala assim: - ‘ah, vamos formar!’ Vem só cinco pessoas, e aí essas 5 pessoas vão deixando de fazer o curso. Porque tem um monte de outros compromissos.

Quanto ao fato do PSOL ser um partido que se estrutura e organiza sua dinâmica intrapartidária a partir da configuração e convivência de tendências, que postulam visões distintas de partido político, de seus fins e modos de atuar na sociedade e interagir no sistema institucional de representação, Eduardo, Douglas e Rodrigues consideraram que esta constelações de elementos, muitas vezes, dificulta ou são entraves reais à concepção e realização de ações de educação política dos mais novos no PSOL-RP.

Segundo Eduardo (MES) e Douglas (APS), tendo em vista que a dinâmica intrapartidária local é também marcada pela lógica da estratégia, por “objetivos instrumentais” e “concorrenciais” (DUBET, 1994) entre as duas tendências⁷⁹, tal situação

⁷⁹Douglas e Rodrigues (APS) assim discorreram sobre o que entendem ser as diferenças entre as visões e posições políticas do MES e da APS: “eu tive até bastante contato com o pessoal do MES. (...) eles não veem a política institucional como a protagonista revolucionária. (...) A disputa que aparece de maneira secundária: a disputa pelo legislativo, a disputa pelo executivo, dentro das lutas construídas e travadas pelo MES. Eles tentam construir a partir dos movimentos sociais. A APS (...) tenta colocar a disputa do movimento institucional no mesmo nível da construção e disputa via movimentos sócias, mas a APS acredita bastante na disputa via institucional e foca muito das suas forças nessa disputa por acreditar ser muito importante. Principalmente dentro dessa realidade do Brasil, onde qualquer reforma no nosso país é uma revolução.... (risos). Um país que vivem uma realidade como a nossa de muita dureza e sofrimento para a classe trabalhadora. Uma crise política e social tão grande, qualquer reforma é um propulsor de melhoria e também de revolução. Então nós enquanto APS colocamos a disputa institucional como fundamental para fomentar o processo revolucionário. Então na verdade se comparar um pouco MES com APS vamos perceber que existem caminhos diferentes. Mas que se você for analisar, em uma perspectiva mais distante, tentar sair fora dessa disputa de corrente, você percebe que a gente conclui, que até fundamental esses dois tipos de visões, que são pontos importantes. Mas às vezes essa disputa acaba sendo pautada muito mais pelas diferenças do que ver essas diferenças como construções diferentes para o mesmo fim (Douglas).

acaba por dificultar ou servir de entraves à concepção e realização de ações educativas com o objetivo de socializar e educar politicamente os “novos”:

É complicado! A gente chegou em 2011, 2012, (...) a fazer formação política”, conversei com pessoal da APS; (...) eu ofereci: - ‘pessoal tenho “x” materiais aqui de formação política da corrente, mas têm alguns que não são da nossa orientação política, são mais gerais, de educação marxista, vamos usar. (...). Deu problema! A gente tenta fazer algo mais geral e as vezes a questão das correntes e da disputa interna inviabiliza. Tudo é visto como disputa. (...) Esse é o preço a pagar para expressar nossa liberdade da expressão, da diversidade interna, tem esse custo, onde tudo é visto como disputa. Então, não foi para frente. (...) Voltamos com um outro modelo, (...) não foi muito para frente, de novo, entrou os problemas das correntes... Debates abertos, (...) sobre pautas de opressão, (...) mas quando fomos para marcar o terceiro debate: ‘ah, mas quem é que vai estar na mesa? Vai ser do MES ou da APS? (Eduardo, MES)

Esse processo de boicote para favorecer a própria corrente, o pensamento da corrente, a maneira de agir da corrente, é muito forte. (...) Tem essa divergência ideológica dentro de um mesmo partido. (...) A disputa interna às vezes se torna mais importante do que a disputa do Partido com a sociedade. (...) Se agissem de maneira um pouco mais homogênea, porque muitas das vezes essas correntes se boicotam, como acontece em todos os partidos de massa. (...) A gente tentou construir um curso de formação que estivesse além das correntes, mas a gente percebeu que era impossível porque os interesses da corrente que entravam com pano de fundo [na] organização desse curso (Douglas, APS).

Mesmo que as gerações adultas se depararem com circunstâncias que constroem a educação dos “novos” em Ribeirão Preto, em meio as disputas entre tendências, “interesses” diferentes e um “preço a pagar” pela “liberdade da expressão”, ações educativas, desde 2011, foram concebidas e concretizadas mediante a intencionalidade e modos de atuação de representantes das “gerações intermediárias” (Id), envolvendo encontros, trocas e transmissões geracionais. E, como relatou Claudine, outras ainda foram projetadas, especificamente sobre as “mulheres”, o “feminino” e o “feminismo”, de modo a contribuir com formação política de jovens mulheres do MES, com “o intuito do curso empoderar e situar a mulher na sociedade que é capitalista e machista.”⁸⁰

Sobre as diferenças de visões e estratégias concorrentes das duas tendências, os comentários de Rodrigues foram marcados por um teor irônico: “tem um detalhe, o companheiro Ivan [Valente, da APS], ele citou, o outro lado, (...) o MES, ele fala: - ‘eles acham que a revolução está batendo na porta, (...) amanhã vai chegar, é dia de revolução’. Ele fala isso claramente. Nós [da APS], não: entendemos que pra chegar [à Revolução] tem que construir mandatos, esses mandatos, inclusive, são fundamentais para defender a classe sob ataque; numa democracia, não tem como chegar [à revolução] a não ser via mandato.

⁸⁰Dados os limites temporais impostos à pesquisa, não foi possível verificar se o curso ocorreu ou não, e nos dois casos, as iniciativas e os percursos que os proponentes adotaram.

As ações educativas com finalidade de formação política dos jovens militantes, encaminhadas pelos integrantes da geração adulta – cursos, debates, palestras etc, foram fundamentados em um conjunto de valores, princípios, visões de mundo e perspectivas político-ideológicas relacionadas defendidos pelo PSOL e duas de suas tendências, mas, elas também foram concebidas a partir das experiências, memórias e vivências de valores e perspectivas políticas incorporados pelos adultos, em seus processos de socialização e educação política e com as marcas geracionais que lhes são próprias, os distinguem dos mais “novos”, em perspectiva histórico-social e política.

Ao considerar os relatos formulados por jovens e adultos do Partido em Ribeirão Preto, sobre os encontros geracionais mediados pelas ações educativas com finalidades de formação política, se pode apreender a emergência de tensões e potenciais conflitos entre as gerações. Tensões e conflitos que põem em jogo a vontade política do PSOL-RP em se consolidar como partido, a partir da incorporação concreta dos “novos”, como militantes e filiados e, sobretudo, do rejuvenescimento e da renovação contínua de sua atuação no interior da sociedade e do sistema institucional de representação política.

Esses temas serão explorados a partir das narrativas dos integrantes das diferentes gerações.

6. Encontro entre as gerações e transmissões visando à formação política dos jovens no PSOL-RP

Desde a seção anterior, procurei demonstrar que dialoguei com diferentes gerações de militantes e filiados do PSOL-RP – a jovem e a adulta, a partir de uma análise que busco explicitar suas respectivas “situações”, “conexões geracionais”, e como chegam a partilhar um “destino comum” (Id).

No caso dos integrantes das gerações adultas, os processos de socialização política e experiências vividas na “socialização primária”, nos respectivos núcleos familiares de origem, e os vividos na “socialização secundária” os levaram a uma “conexão geracional” e ao compartilhamento de um “destino comum”, que teve como marcos histórico-sociais e políticos o engajamento ao PT e a seus governos municipais, as tensões e conflitos vividos com as iniciativas do Partido no governo federal e no parlamento - a partir de 2003, a ruptura com ele e a gestão e fundação de uma nova agremiação partidária.

No caso dos sete (7) jovens, os percursos de socialização política - primária e secundária - e de participação que os levaram ao PSOL, têm outros marcadores geracionais: eles também contaram com processos socializadores de natureza política na família de origem que os levaram a internalizar valores e princípios em relação a ação política partidariamente orientada, mas também aqueles relativos a outras identidades coletivas e movimentos sociais em suas lutas sociais, a exemplo das associações de bairro na periferia, da pessoa deficiente, de negros, do movimento dos sem-terra, das mulheres, do feminismo, dos segmentos LGBT. Outras diferenças também se verificaram em seus processos de “socialização secundária” de natureza política: alguns deles construíram experiências de participação e ativismo em grêmios escolares, poucos na vivência do ensino superior, alguns as elaboraram no ambiente da Internet, mas um marcador histórico-social determinante à “conexão geracional” e indutor a “um destino comum” - o PSOL - foram as mobilizações e manifestações de rua de “junho de 2013”.

Foi constatado que acontecimentos políticos de “junho de 2013” muito contribuíram para o engajamento partidário dos jovens. O peso dos acontecimentos políticos para a socialização política já é sinalizado por Tomizaki (2016) e Schmidt (2000). Os jovens relataram a influência dos acontecimentos políticos de “junho de 2013” como propulsor para o engajamento/filiação político Partidário posterior.

Intrigado com esse paradoxo; entre as manifestações de junho (com características múltiplas e uma delas o fato de ser antipartidária) e a filiações dos jovens entrevistados ingressarem no PSOL após junho de 2013, averiguou-se nos dados do TSE o número de filiações ocorridas no PSOL, e também, nos demais partidos políticos presentes no município, em especial em três deles o PSOL, o PT e o PSDB no período compreendido entre 2006 e 2016, de formar a fazer uma comparação das filiações ocorridas de julho a dezembro de 2013. O objetivo era o de ver se houve crescimento nas filiações no segundo semestre de 2013 em comparativos com os outros segundos semestres dos anos em que a política, ou os acontecimentos políticos, estiveram em alta. A ideia era a fazer um levantamento dos números de filiações que tiveram no PSOL no segundo semestre de cada ano eleitoral, de 2006 a 2016 (momento de alta da pauta política), e comparar com o segundo semestre de junho de 2013.

Os dados recuperados do TSE são apresentados no Gráfico 4, abaixo.

Gráfico 4 – Filiações ocorridas no PSOL, PT e PSDB no município de Ribeirão Preto, entre 2006-2016, em comparação com o segundo semestre de 2013,

O PSOL de Ribeirão Preto teve no segundo semestre 2013 um aumento de 358% no número de filiações quando comparadas com o ano de 2010 (ano anterior a 2013 com o maior número de filiações registradas) e um aumento de 215% quando comparadas ao ano de 2014 (ano posterior a 2013 com o maior número de filiações registradas).

Os dados nacionais do PSOL revelaram a mesma tendência. Todavia, esse não foi um fenômeno ocorrido apenas neste Partido. Para dar maior fidedignidade aos dados encontrados, optou-se por analisar, com os mesmos critérios, as filiações ocorridas no PT e no PSDB. Nestes dois partidos também houve aumento de filiações no segundo semestre de junho de 2013, bem maior em quando comparadas com os outros anos.⁸¹

Ora, dos 6 jovens entrevistados 5 se filiaram ao partido após as manifestações e relataram a importância desse acontecimento para se engajar ao PSOL. Então, da mesma

⁸¹Os Gráficos sobre o aumento das filiações do PSOL nacional estão nos apêndices, assim como os dos demais partidos, PT e PSDB, tanto nacional quanto municipal. Não foi possível saber a quantidade de jovens que se filiaram no período, pois o sítio eletrônico do TSE não disponibiliza tal dado de forma desagregada por idade em Ribeirão Preto.

maneira que junho de 2013 teve um forte apelo anti-partido, também foi registrado um significativo aumento das filiações no PSOL. A realidade se mostra complexa e com diferentes matizes. As condições histórico-sociais e econômicas que marcaram aquelas manifestações - e seu conjunto ampliado e diversificado de objetivos e interesses políticos, foram determinantes para que os jovens e os adultos entrevistados encontrassem no PSOL um território comum, de forma a compartilharem um espaço-tempo em comum.⁸² (Id).

6.1 As ações educativas dos mais “novos” no PSOL-RP: descompassos entre as visões de mundo, tensões inter e intrageracionais e a busca pela autonomia

Ainda que os integrantes das gerações adultas do PSOL-RP tenham concebido e realizado ações educativas de modo a aprofundar a socialização e educação política das novas gerações de filiados, conforme demonstrado nos capítulos anteriores, os relatos dos membros das diferentes gerações não valorizam igualmente as ações que foram concretizadas – no município e fora dele.

Enquanto os adultos demonstram um investimento mais acentuado nos “cursos” de formação teórico-prática de maneira a formar politicamente o militante de modo que ele se integrasse ao Partido na condição de filiado – mesmo com os obstáculos enfrentados para realiza-los, alguns jovens valorizaram de forma marcante as ações educativas que implicaram o mergulho e a intervenção nas lutas sociais e ações coletivas em diferentes lugares da cidade, outros ainda positivaram os arranjos formativos sobre as “pautas de opressão”.

Do que foi nomeado de “cursos” - concebidos por Claudine (MES), Eduardo (MES) e Douglas (APS), os objetivos perseguidos e valorizados foram a transmissão de elementos ou dimensões da herança cultural e política legadas pelo “marxismo

⁸²Não se deixa de considerar, ainda, que a aproximação dos jovens com o PSOL se deu com forte influência de dois fatores. Primeiro, as relações de amizade, admiração e confiança que os jovens tiveram com membros das gerações intermediárias da agremiação partidária. Silvana, Carlos e Diogo (participantes do JUNTOS) se filiaram ao partido após estreitarem relações com Eduardo, Francisco, e Ramires ingressaram no PSOL após convivências mais próximas com Douglas e outros membros da APS. Helena se filiou devido aos laços reforçados com Ramires e devido a influência de uma professora filiada ao PSOL. Carlos Eduardo se filiou ao PSOL em Franca, SP após estabelecer relações mais próximas com um militante do PSOL da geração intermediária conhecido como “peixe”. O que se observa é que prevaleceu a influência das gerações intermediárias na captação dos mais novos para a conclusão da filiação. Todos se filiaram após estabelecerem relações de amizade e companheirismo. Evidencia uma certa desconfiança que só com o tempo e o paulatino aumento da confiança, principalmente no membro da geração intermediária e nem tanto nas ações do partido político em si.

científico”, “marxismo-leninismo”, “trotskismo morenista” ou pelas contribuições de Antônio Gramsci, alguns jovens os avaliaram positivamente, como Caetano e Carlos:

Bom, no plano teórico foi um enriquecimento muito grande, (...) já tinha uma certa tendência a esquerda, mas o meu aprofundamento nos debates, com certeza o maior responsável por isso. (Caetano, Independente).

Do ponto de vista teórico, que eu também sempre gostei muito, a gente tinha curso de formação, tínhamos oportunidade de debater, inclusive com pessoas de outras organizações e força muito até a teoria da gente, quando temos que disputar e discutir com uma pessoa que queremos ganhar para a organização. (...) Eu sempre fui comunista, mas eu sempre tive algum tipo de ressalva com o trotskismo, apesar de concordar muito com a vertente trotskismo em relação ao que deixou de modelo de partido, do centralismo democrático. (Carlos, MES).

Sobre as mesmas ações educativas, outras foram as avaliações de Helena (APS), que nem mesmo chegou a vivenciá-las, ou Francisco (APS) que admitiu não ter voltado aos textos sobre a APS e os que apresentavam contribuições de Gramsci, pois o interesse volta-se para outras dimensões da experiência na cidade, a partir de outra visão de mundo:

Logo que me filiei e fiz a formação pela corrente. A corrente tem uma linha gramsciana. No teatro tinha uns caras que já falava do Gramsci e eu gostava dele de tabela. (...) Essa formação da APS mesmo, ela era até mais deixada de lado, pra te falar a verdade. Tanto eu quanto o Douglas, estávamos mais interessados nas pautas de cultura da cidade, teatro e cultura popular. Eu mais, especificamente, interessado no movimento LGBT também.

As avaliações que formularam sobre as ações educativas que lhes foram ofertadas evidenciaram a ocorrência de descompassos e tensões entre as gerações e mesmo entre os jovens - intrageracionais, quanto aos temas referentes ao direito à cidade e os temas relacionados às “pautas de opressão”. Quanto ao primeiro, somente Caetano dele se ocupou e indicou a sua importância para a atuação do PSOL, no sentido de ser uma agremiação partidária marcada pela diferença e potencialmente renovadora em relação às suas congêneres:

(...) como o ser humano se relaciona com o meio e numa grande metrópole, num centro urbano, se os direitos constitucionais e fundamentais são efetivados nas cidades, no transporte? Como que você vai efetivar numa metrópole como São Paulo, ou como numa cidade grande como Ribeirão Preto, o transporte público de qualidade gratuito, ou uma habitação... (...) toda a especulação financeira e imobiliária que tem por de trás e que transforma o nosso cotidiano.

Em relação às “pautas da opressão”, além dos excertos já apresentados, para demonstrar como elas mobilizam e são valorizadas por alguns dos entrevistados jovens e são merecedoras de focalização nos processos de educação política dos mais “novos”, vale à pena, ainda trazer os relatos de Caetano e Silvana:

eu ainda era conservador principalmente nas pautas de opressão, (...) são muito enaltecidas as coisas de “classes”, e eu tinha muito a sensibilidade às questões de classe, mas não tinha de opressões. E foi o PSOL que me ajudou, que me fez despertar para isso; (...) quando entrei, eu era bastante homofóbico, eu era o senso comum na questão do machismo e do racismo, quer dizer, eu reproduzia muito mais do que eu reproduzo hoje. (Caetano, Independente).

E aí é o desafio do PSOL, do MES e das outras correntes: (...) trazer a questão da consciência de classe, o porquê de um LGBT também ter que lutar por uma causa feminista, porque que tem que lutar pela causa dos negros, é lutar por tudo. É tudo interligado. (Silvana, MES).

Entretanto, a valorização dessas “pautas” e de elas referenciarem ações educativas para e com os jovens não é partilhada pelos adultos nem por todos os jovens do PSOL-RP que contribuíram com a pesquisa:

O Ramires é um exemplo clássico da maneira como aqui é feita a formação da Juventude do PSOL, no caso a JSOL. Ele faz uma formação que através dessas rodas de conversa, são levantadas as bandeiras de luta dos movimentos. (...) Por exemplo, no aeroporto [bairro], já é feita a discussão sobre moradia e especulação imobiliária, no LGBT já discute a bandeiras de lutas e o machismo. (Douglas, APS, geração intermediária)

Olha, eu vejo da seguinte forma, vou dar uma resposta direta: (...) a juventude tem debatido mais sobre o viés hiper-individualizado as opressões, que as opressões se encerram em si mesmo, (...) apartada de um debate de classe. Via de regra, o pessoal mais velho debate classe: - ‘Mas por que isso?’, porquê eu acho que também é o reflexo do momento que se vive, eu sou um cara que acredita que não se debate nada sem classe. (Carlos)

Carlos fala com mais ressalvas sobre a importância dada ao debate de opressão e vê com de fundamental importância o debate classista fundamentar as pautas identitárias. Talvez seja por isso a importância credita por Eduardo a Carlos, quando se expressou sobre este jovem, afirmando: “você não chuta uma moita e sai dois Carlos”. Pois, as gerações intermediárias e adultas criam laços mais fortes de proximidade (e delega funções mais importantes) aos jovens que estão mais simpatizados com a subordinação do “debate de opressão” ao “debate classista”.

Se alguns membros da geração dos mais novos demonstraram ter maior sensibilidade nas ações formativas e socializadoras ancoradas na perspectiva das “pautas de opressões”, integrantes da geração adulta e também das jovens gerações veem com ressalva esse movimento; no caso dos mais velhos é possível compreender pois politicamente formados em outro contexto histórico e não necessariamente incorporam valores sobre aqueles temas, se incorporavam o fizeram de forma marginal, dando prioridade processos formativos fundados exclusivamente no debate sobre a luta de classes e a posição econômica dos indivíduos e dos coletivos sociais.

Tal perspectiva também foi fortemente internalizada por alguns jovens do PSOL, pois percebe-se em alguns relatos dos “novos” que as ações educativas de seus pares, é marcada por uma lógica instrumental e concorrencial, afim de conquistar o engajamento de membros das novas gerações em contexto histórico de descrédito e rejeição aos partidos políticos: “essa tática consegue trazer muitas pessoas que se interessam, que se sensibilizam com os debates de opressões”. (Caetano, independente).

Francisco (APS) esclareceu que um dos motivos para a criação do Manifesta (novo coletivo da APS), é o de promover mais debates desse tipo, de modo a se aproximar dos movimentos sociais que acumulam discussões em diversas pautas de opressões: “a pegada desse novo coletivo é... dele ser aberto, (...) e se organizar por pautas de opressão, para atrair todo tipo de luta e jovens progressista através dessas pautas.”

E para Ramires (APS/Manifesta):

Não dá para fazer referência ao PSOL, da forma como fizemos com a JSOL, pois ainda existe um rechaço da juventude ao partido. (...) A JSOL não tinha isso muito claro, e sempre bebeu muito naquilo: - ‘a gente precisa fazer o PSOL crescer como partido’, e a gente perdeu muito jovem assim também, em querer crescer como partido. [Para o novo] coletivo de juventude [o Manifesta], a pauta, a mobilização, a estética, a prática política e a forma de envolver a juventude é ser aberta aos debates de opressões e [suas] lutas.

Então, se a geração adulta dá ênfase da sua atuação e formulação teórica prática com base em conceitos classistas, a geração dos mais novos está voltada numa atuação e formação alicerçada nas “pautas de opressão”. Ora, a geração intermediária e responsável pela diminuição das tensões e conflitos entre os extremos das gerações, é também o principal canal de transmissão de valores das gerações adultas (debates classistas/visão da sociedade baseada na luta de classes) para com os jovens. Todavia, as gerações intermediárias também se inserem e transmitem os acúmulos e discussões das pautas de

opressão para as gerações adultas, que, como constato pela pesquisa na localidade de Ribeirão Preto, dificilmente são incorporados em atitudes e ações por parte dos mais velhos, uma vez que, pode ser ilustrado pelo relato de Helena (APS) que não poupou críticas as gerações adultas do PSOL, ao falar que “era meio que deixada de lado, que eu era a única jovem da APS, a única mulher da APS”. A jovem disse que em diversas situações se sentiu obrigada a fazer coisas que não queria, como por exemplo, sair candidata.

Helena (APS), também criticou os jovens que lideravam os coletivos juvenis; sobre Carlos (MES) disse que ele era “um jovem com mente de velho” quando este a ignorou numa reunião dizendo que “não havia nenhuma mulher ali”.

A partir dos relatos dos membros das gerações jovens e adultas do PSOL-RP, foi possível apreender que em um contexto de forte rejeição as agremiações partidárias aquele Partido tem conseguido conquistar os novos, contribuir para que se tornem militantes e filiados, processos que tem também se realizado com variadas ações educativas de natureza política com intencionalidades variadas. Neste percurso, entende-se que se coloca um desafio ao PSOL em Ribeirão Preto e em outros contextos geográficos, como combinar sua herança política de luta pelo socialismo com os temas e questões que os novos são portadores e valorizam, tais como: a cultura da/na cidade, o teatro, a cultura popular, o direito à cidade no conjunto dos direitos sociais – transporte, educação, habitação/moradia, saúde, os direitos sociais e humanos de melhores, negros, gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros etc..

E o desafio posto ao PSOL-RP é duplo: por um lado, porque para se renovar, se manter rejuvenescido continuamente, o Partido terá que combinar os valores contidos em sua herança cultural e política com a incorporação dos novos, dos que, em função da data de nascimento, como herdeiros que são estabelecem um novo contato com a cultura acumulada, a incorpora, a reinterpreta e lhe empresta novos sentidos e significados; por outro lado, porque como enfatizou Mannheim ([1928]1993; 1982) a juventude não é em si “progressista” ou “conservadora”, ela se torna progressista ou conservadora (inclusive reacionária) em função dos valores e princípios que os adultos lhes transmitem, e daquilo que os jovens fazem com aquilo que os adultos lhes oferecem para que possam construir suas experiências no presente e projetar um futuro.

Considerações Finais

Ao iniciar estas considerações, é preciso ressaltar, de antemão, que o PSOL é uma agremiação emergente no cenário político-partidário brasileiro e, por extensão, também em Ribeirão Preto. Criado em 2006 no município, ele ainda não possui um espaço físico para desenvolver suas atividades institucionais, burocrático-administrativas, seus encontros e reuniões, e por conseguinte, as ações educativas e culturais para fomentar e diversificar a socialização política e a sociabilidade de seus militantes e filiados. Como pode-se aprender nos relatos de seus integrantes que colaboraram com este estudo, algumas de suas ações são bastante limitadas e com sinais de improvisos. Uma constatação recorrente, partilhada pelos entrevistados – jovens e adultos, é a necessidade de dar densidade a organização do Partido, de forma a enraizar e aprofundar sua atuação na localidade e dar-lhe maior visibilidade no espaço público da cidade.

Mesmo que a instalação física do Partido seja precária, desde sua criação na realidade municipal e até o final de meu trabalho de campo, as informações, dados e narrativas que recolhi evidenciaram que ele vem conquistando, gradualmente, novos simpatizantes, militantes e filiados e, paradoxalmente, as manifestações de junho de 2013, muito contribuíram para o seu crescimento em Ribeirão Preto.

Aquelas manifestações contaram com a participação expressiva da juventude ribeirão-pretana, e naquele contexto histórico muitos jovens – e também adultos - se mostraram refratários a presença de partidos políticos, e rejeitaram especialmente os que portavam o vermelho (ele foi demonizado) como símbolo distintivo de seus respectivos estatutos, suas palavras de ordem e modos de atuação política na sociedade. Todavia, aquelas manifestações também portavam o germe da negação daquelas posições pois elas geraram um aumento considerável nas filiações em partidos políticos em Ribeirão Preto, conforme exposto nas seções 4 e 5. Não é possível afirmar categoricamente a existência de uma relação direta entre as manifestações de junho e as filiações de jovens em agremiações partidárias no município, porém, no conjunto dos sete (7) jovens que cooperaram com pesquisa, cinco (5) explicitaram que a filiação ao PSOL ocorreu após as “jornadas de junho/2013”, tendo em vistas as interações e relações de confiança que estabeleceram com integrantes das gerações adultas ou jovens do Partido. Como ressaltam Schmidt (2000) e Tomizaki (2016), acontecimentos políticos são importantes

fatores no processo de socialização política e podem ser indutoras ao engajamento e atuação em diferentes identidades coletivas e também em as associações partidárias.

O que ressalto é que aqueles acontecimentos histórico-políticos foram importantes para que integrantes das gerações jovens e adultas do PSOL se encontrassem, estabelecessem laços sociais que induziram a uma convivência e atuação política partidariamente orientada, partilhando de um “destino comum” (MANNHEIM, ([1928]1993).

Neste território de produção de sociabilidades e construção de experiências, ocorreram trocas e transmissões geracionais (intra e inter) que contribuíram a formação política dos “novo” em diferentes sentidos: algumas delas foram intencionalmente concebidas e postas em prática por representantes das gerações adultas, instalados em Ribeirão Preto ou em outras localidades, e nomeadas pelos entrevistados como “cursos”, “debates”, “palestras”, “rodas de conversa”, “acampamentos”, com objetivo de socializar e formar politicamente os herdeiros em perspectivas teórico-conceituais e práticas, assumidas como ações socializadoras de natureza “pós-figurativa” (MEAD, 1977; PAIS, 1998; FORQUIN, 2003). Outras trocas e transmissões, com formatos similares, foram intencionalmente concebidas e encaminhadas por jovens filiados também objetivando a socialização e educação política dos pares e também de adultos – simpatizantes, militantes e filiados do PSOL, configurando-se como práticas socializadoras de tipos “cofigurativo” e pré-figurativo” (Id).

Nas narrativas dos adultos – sobretudo os pertencentes às “gerações intermediárias”, e também de alguns jovens, foi possível apreender que os objetivos das ações educativas de natureza teórico-conceituais e práticas foram os de formar e conscientizar os “novos”, sem desconsiderar os saberes que envolvem ações diretas no espaço público - na rua, nos movimentos sociais, em canais institucionais de participação, o estabelecimento de relações entre as políticas nacional e local, mas também fazê-los conhecer “as diretrizes e os mecanismos da sociedade, as lutas e a história”, e se conscientizarem de que se integraram à e estabeleceram relações de pertencimento com uma agremiação política, e que a partir dela devem atuar mais ativamente e se filiarem (Claudine, MES). Outras ações educativas intencionais incorporaram o que eles qualificaram de “pautas de opressão” ou “questões de opressão”, referências diretas às lutas de afirmação, bandeiras sociopolíticas e processos identitários dos diferentes e seus direitos sociais e humanos.

No caso das trocas e transmissões que modularam as ações educativas intencionalmente concebidas e realizadas pelos e com os jovens para formarem politicamente os seus iguais, constatou-se que os objetivos que desejavam atingir foram relativamente semelhantes àqueles defendidos pelos adultos. Neste caso, também foi possível apreender que os temas relativos aos temas e “questões de opressão” adquiriram uma predominância entre alguns dos jovens entrevistados, para outros elas adquiriram visível centralidade, casos de Caetano (Independente), Diogo (MES), Francisco (APS) e Silvana (MES).

Desta forma, no PSOL-RP e mesmo no PSOL em escalas estadual e nacional, configurou-se o território de trocas e transmissões geracionais (inter e intra) visando à formação política dos “novos” (TOMIZAKI, 2005), a partir de diferentes intencionalidades, com distintos sentidos e múltiplos resultados entre os jovens que participaram do estudo: elas reforçaram o sentimento dos jovens de estarem integrados e pertencerem a um “nós” – o Partido e/ou a tendência partidária, também ofereceram contribuições aos seus processos identitários, de subjetivação e construção da autonomia (DUBET, 1994).

No coletivo de jovens, como explicitado em seus retratos, a maioria internalizou valores e princípios políticos e sobre o ativismo e participação política em processos de “socialização primária”, criando deles uma “memória longa” (Namer (1988, *apud* FEIXA & LECCARDI, 2010, p. 193), e alguns, com maior ou menor intensidade, em processos de “socialização secundária” (BERGER & LUCKMANN, 1973), desta forma, as gerações adultas do PSOL-RP interagiram com indivíduos juvenis com disposições à atuação politicamente partidariamente orientada, e as ações educativas que conceberam reforçaram e aprofundaram os valores e princípios sociais e políticos que eles internalizaram em processos socializadores anteriores, que também contribuíram à formação e/ou fortalecimento de lideranças juvenis no PSOL-RP, casos por exemplo de Silvana, Carlos e Ramires:

Estou dirigindo o JUNTOS; (...) estou tendo que reorganizar, (...) eu faço de tudo. (...) Dentro do PSOL, dentro da nossa corrente o MES, (...) estou tendo mais cuidado com Ribeirão Preto, (...) Então, está muito mais amplo que a juventude. (Silvana, MES)

(...) E falamos: - ‘a gente só sobrevive politicamente na juventude se reorganizar, não dá para ficar nesse limbo’. (...) E aí, lançamos o Acampa, que foi o mesmo ápice estadual, (...) muitos jovens de vários lugares, (...) uma repercussão nacional. (...) Todos esses acampa com o intuito de fazer surgir dali o Manifesta. (Ramires, APS).

Tive uma chance de me formar dentro do que já era minha característica, que era fazer movimento. (...) Eu era o cara de pegar num megafone, subir no caminhão de som, falar de agitar, de ir numa plenária fazer uma defesa, eu era esse cara. (Carlos, MES)

As diferentes ações educativas ocorridas nos encontros inter e intra geracionais, também ofereceram elementos significativos aos processos identitários de todos, o que foi fortemente destacado, por exemplo, pelos jovens abaixo:

(...) foi onde eu conheci as outras feministas da cidade; (...) ai, a gente se uniu (...). Foi quando eu conheci as meninas do JUNTAS, (...) setorial do JUNTOS, de mulheres. De primeira mão, eu não entrei para o JUNTAS. (...) Comecei a ir nas atividades do JUNTAS (...) e ir nas atividades dos JUNTOS, pois as coisas funcionam muito uma do lado da outra. (Silvana, MES).

Em São Paulo, vi um salão enorme, (...) e só jovens, muitos jovens ingressados na política, (...) que são maltratados (...) pela sociedade, por (...) preconceitos: mulheres, (...) gays, lésbicas, bissexuais, prá mim que sou um bissexual, (...) estava no meu espaço, estava conversando com pessoas que entendem o que eu passo no dia-a-dia. (Diogo, MES).

A nossa ideia era expandir isso para o Partido todo. (...) O LGBT tem muita ramificação. (...) Estamos vendo companheiros do partido sem saber como lidar com essa questão, sem saber como tratar uma mulher 'trans'. (...) A formação foi legal, principalmente os mais velhos do Partido não tinham muito essa noção, de como gostamos de ser chamados. (Francisco, APS)

As ações socializadoras educativas da agremiação em Ribeirão Preto também concorreram para que os militantes juvenis que conosco dialogaram adensassem seus processos de subjetivação, entendidos como uma atividade crítica dos indivíduos, vivida como

um inacabamento, como uma 'paixão', impossível e desejada que permite descobrir-se como autor de sua própria vida, ainda que seja na amargura ocasionada pela impossibilidade de realizar plenamente esse projecto. (...) atividade crítica, aquela que supõe que o actor não é redutível nem aos papéis nem aos seus interesses, quando ele adopta um ponto de vista diferente do da integração e da estratégia. É uma postura, muitas vezes negada. (...) A atividade crítica, quer seja cognitiva quer seja normativa, supõe a existência de uma lógica cultural pela qual o actor se distingue das outras lógicas. Mas, mal ele tenha adoptado esta posição, logo deixa de a experimentar de maneira positiva e completa para a viver como uma tensão com as outras lógicas da acção. (DUBET, 1994, p. 130-31).

Exemplos emblemáticos de vivências de processos de subjetivação, experimentados pelos jovens que se filiaram ao PSOL-RP e foram implicados nas trocas e transmissões geracionais, foram explicitados por Helena e Carlos:

Dentro do Partido eu cresci. (...) Eu gosto de ter duas versões para poder fazer um balanço e ver qual eu quero seguir. Então eu tive essas experiências, (...) e eu cresci como pessoa. [No Partido] tem poucos jovens, [eles] têm que dialogar com pessoas mais velhas; (...) muitas vezes essas pessoas mais velhas querem que façamos: - ‘ah, você tem que fazer isso, tem que fazer aquilo. (...) E (...) pega uma situação de reunião, (...) só tinha eu de mulher, até que o Carlos começou a falar: - ‘aqui não tem nenhuma mulher!’ Eu disse: - e eu, sou o quê, um ET?’. Sabe? Foram me chateando, (...) o partido que é de esquerda, tem que crescer, não sabe valorizar o próprio plural dentro do partido. (Helena, APS)

(...) politicamente, mas também me ajudou a formar para o que vou fazer pessoalmente na vida, (...) a profissão que quero seguir, vou precisar saber argumentar bem, falar bem, conversar bem, ter uma retórica boa.... (Carlos, MES)

Ainda para continuar exemplificando como estes dois jovens militantes vivenciaram seus processos de subjetivação, como atividade crítica simultaneamente “cognitiva” e “normativa”, bem como os de conquista de autonomia, recorro novamente a seus relatos, já expostos anteriormente:

Estou um pouco afastada, (...) tentei me desfilar, disse que ‘não quero’!, conversava com o Ramires [APS], (...) na hora em que precisei de alguém do meu coletivo, não tinha ninguém. (...) Na minha opinião falta estrutura e companheirismo (Helena, APS).

Estava como diretor da executiva da UEE, União Estadual dos Estudantes, entreguei o meu cargo agora, por motivos políticos. (...) Milito pelos direitos humanos, já militei mais, agora estou mais na retaguarda. (...) Eu militei no PSOL, mas por 90% por condições da vida, por necessidade, e uns 10% por questões de divergências de fundo político, precisei sair do PSOL e da corrente [MES], do agrupamento interno que eu militava. (Carlos, MES).

Assim, no PSOL-RP e no interior das duas tendências presentes no município, os encontros geracionais e as trocas e transmissões com sentidos de formação política, não deixaram de ser marcados por descompassos e tensões, uma vez que as gerações adultas se esforçam para inserir uma determinada “visão classista” nos temas e questões sobre as “opressões” e “oprimidos”, sem as necessárias mediações, algumas vezes tomando-as, imediatamente, como preocupações “hiper individualizadas”, hiper individualizadoras, próprias do que foi qualificado como “pós-modernidade”:

A juventude tem debatido mais as opressões sobre o viés hiper-individualizado, as opressões se encerram em si mesmo. (...) O racismo, o machismo, se encerram em si mesmo, de forma isolada, apartada de um debate de classe. (...) O pessoal mais velho debate classe, (...) fazem muito esforço. (...) Eu sou um cara que acredita que não se debate nada sem classe, porquê Max já falou isso: infraestrutura e estrutura, numa relação dialética. O racismo, LGBT, eles (...) estão na estrutura da sociedade, mas tem uma origem na superestrutura. (...) Prá gente derrotar isso, tem que alternar dialeticamente as duas, (...) e isso é um debate de classe, não tem para onde fugir. (...). Mas bater no seguinte, porque depois do stalinismo, (...) com Foucault, inaugurou a pós-modernidade. E a pós-modernidade vem com uma visão muito de que, (...) chegamos ao fim da história, que o indivíduo se encerra em si mesmo, as pautas individuais se encerram em si mesmo. (...) Depois vem Bauman, (...) e mesmo com que muito das pessoas não tentem contar com isso, elas estão vivendo numa geração que vem aí perpetuar a pós-modernidade. (...) A juventude quer discutir, sozinho, as hiper-particularidades, e aí vai se hiper-particularizando cada vez mais: - “ah, mas eu sou negro periférico”; - ‘ah não, eu sou mulher negra periférica’; - ‘ah não, mas eu sou mulher negra periférica e lésbica’; - ‘ah não, mas eu sou mulher ‘trans’; - ‘não, mulher ‘trans’ não é mulher’. (...) Esse debate é... fica individualizando, na verdade é uma tragédia. (...) Eu entendo que uma mulher que é negra e nordestina as coisas são mais difíceis pra ela. Mas ficar só no debate da opressão é se esquecer que na sociedade, se você quer muda-la, tem que avançar na discussão, trazer o debate classista para os debates de gênero é fundamental. O Partido até se lança nessa tática, (...) se insere e da abertura para esses debates, mas permanece o intuito de torna-lo também um debate classista. (Carlos, MES)

A partir dos modos de agir dos adultos, nas ações educativas intencionais que concebem e executam visando formar politicamente os “novos”, tem-se que eles integram residualmente ou tentam decalcar as “pautas” e “questões de opressão” de um debate que foi denominado de “classista”, permitindo defender a ideia de que o objetivo central das ações formativas dos “novos” é de natureza instrumental, fundadas na lógica concorrencial das tendências/correntes, visando cativá-los e cooptá-los.

Temos uma dificuldade muito grande com a juventude em alguns locais e com os debates de opressões, que é uma coisa que eu pontuo, que é um problema que a APS precisa resolver, e enquanto ela não resolver opressões, ela não resolve a questão do fluxo de jovens na corrente. Porque se você olhar para as outras correntes, todas elas têm um debate de opressões que é muito mais forte, mais que os próprios debates sobre a juventude. E opressões é a porta de entrada para os jovens. (...) Os debates de opressão e o debate temático, com bases em pautas e bandeiras de luta, foi por exemplo o que me levou ao PSOL, mas é necessário fazer essa mescla entre esses dois campos, classista e opressão. Acho que isso é interessante. (Ramires, APS)

Diante deste contexto, uma indagação pertinente seria: por que não optar pela “reversibilidade” e trilhar o caminho no sentido oposto: inserir as questões da “opressão” e dos “oprimidos” e suas pautas no quadro interpretativo das classes sociais e das lutas entre as classes? Ao formular esta pergunta, tomo como hipótese o fato de que se ao inserir uma perspectiva “classista” ou posicional no interior das “pautas” e “bandeiras” das opressões e dos oprimidos, pode-se correr o risco de reatualizar a concepção normativa de “sujeito histórico” criado pela modernidade, ou seja: de que ele é “trabalhador, homem, branco, heterossexual, são de espírito” (MARTUCCELLI, 2013). Por outro lado, é também preciso a atenção para não se essencializar as questões de opressões e as lutas identitárias, pois elas também são frutos da história e das lutas sociais e políticas que se tornaram visíveis em termos globais e local sobretudo no Século XX.

Nas experiências formativas que constroem os integrantes da geração adulta tendem a ter mais êxito na socialização e formação política de jovens que demonstram ter uma afinidade mais fina com as posições teórico-prática de visão estruturalista do social, defendidas pelos adultos e, via de regra, uma visão de que apreender as questões e dilemas sociedade e as dinâmicas sociopolítica, econômica e cultural da ordem societária apenas a partir de uma perspectiva fundada única e exclusivamente nas classes sociais que estruturam a vida material e simbólica das sociedades capitalistas, e na posição socioeconômica que ocupam os indivíduos nesta mesma sociedade.

E uma das coisas que eu gosto é juntar os dois debates mesmos, a questão das opressões e de classes, porque muito das vezes a gente participa, participa, participa e não avança num debate mais estruturante da sociedade. Eu participo do movimento negro e vejo que alguns debates são muito pontuados dentro do movimento negro, por exemplo a estética. Você faz um movimento relacionado à estética, você enaltece o negro, ou o cabelo, a cor da pele, mas fica uma coisa que as vezes dá uma elitizada, e você vê meio que a mulher negra pobre não consegue entrar dentro desse debate. Eu gosto da APS porque ele tem um debate muito forte nesse campo, até uma coisa que talvez me aproximou dentro do PCB, que foi o debate classista muito forte. (Ramires, APS)

Uma outra questão se delineia: será essa uma perspectiva política de socializar e educar os integrantes das novas gerações potente o suficiente para rejuvenescer/renovar continuamente o Partido? De produzir representações sociais e culturais do Partido mais consoante com as mutações que ocorrem no interior de uma sociedade que têm demonstrado recorrente descrença e rejeição aos partidos políticos?

Durante a realização deste estudo, durante as atividades de campo, foi possível perceber que os jovens se aproximam, se envolvem e se engajam ao PSOL, todavia, foi

possível também apreender que não é pequeno o número de jovens que desistem da militância ou se desfiliam do Partido, seja para retornarem às experiências da vida privada ou retomarem outras possibilidades de atuação e participação política – nas redes sociais, nas igrejas, em identidades coletivas de negros, mulheres, de segmentos LGBT, das mulheres, das lutas do feminino e feminismo etc, ou ainda, porque entendem que é o momento de construírem percursos para a vida adulta dando centralidade à continuidade aos estudos, à integração no universo do trabalho, à constituição de um núcleo familiar próprio, etc.

Desta forma, recorro uma vez mais aos argumentos de Mannheim (1976, *apud* Weller, 2009), quando refletiu sobre as contribuições das gerações jovens para adoção de novas orientações à sociedade, à cultura e à política:

Na medida em que existe o desejo de adotar uma nova orientação, isso terá de fazer-se através da juventude. As gerações mais velhas ou intermediárias podem ser capazes de prever a natureza das mudanças futuras e sua imaginação criadora pode ser empregada para formular novas políticas; mas a nova vida será vivida apenas pelas gerações mais jovens. Estas viverão os novos valores que os velhos professam somente em teoria. Sendo assim, a função da juventude é a de um agente revitalizador. Trata-se de uma espécie de reserva que se revela apenas se tal revitalização for desejada (MANNHEIM, 1976, *apud* WELLER, 2009, p. 10).

Este estudo se voltou para a compreensão de como as gerações adultas do PSOL-RP socializam e educam politicamente os jovens militantes, os herdeiros, no território das trocas e transmissões geracionais, os resultados atingidos com este esforço não tem potência para produzir uma análise do que ocorre no PSOL, sobre as mesmas questões que delimitei, em escalas mais ampliadas da sociedade brasileira, contudo, expresseo o desejo que a imaginação científica ou a “imaginação sociológica” (MILLS, 1969) de outros pesquisadores inseridos nos domínios da pesquisa em educação não escolar possam encontrar respostas distintas às questões que delimitei sobre a socialização e a educação política dos novos em partidos políticos ou outros espaços não escolares.

Referências Bibliográficas

- ALENCAR, Francisco; CAPRI, Lucia; RIBEIRO, Marcus Vínicius. **História da sociedade brasileira**, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1985.
- AMARAL, Ana Lúcia. Pertencimento. Disponível em: <http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-index.php?page=pertencimento>. Acessado em dezembro de 2017.
- ALMEIDA, Elmir.; PIRES, G. **Coletivo jovem de meio ambiente de Ribeirão Preto: trocas inter e intrageracionais, sociabilidade e “microesfera” pública de participação juvenil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia). Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia e Educação, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, 2010.
- _____.; VILAR E VILAR, Maria Elena.; MARIANO, Vanderlei. Jovens universitários e territórios circulatorios: conectados, diferentes e desiguais. In **XXIX Congresso ALAS - Crisis y emergências sociales em América Latina**, Santiago, Chile, 2013.
- _____.; NAKANO, Marilena.; VILAR E VILLAR, Maria Elena.; MARIANO, Vanderlei. Jovens universitários: entre os territórios físico e numérico, diferentes processos de individuação. In **XVIII ISA World Congress of Sociology**, Yokohama, Japão, 2014
- _____. Os Estudos sobre grupos juvenis: presenças e ausências. SPOSITO, Marília. Pontes. (coord.). **O Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)**, 2º volume. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009, v.2
- ALONSO, Angela. & GUIMARÃES, Nadya Araújo. Entrevista com Charles Tilly, in **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, v. 16, n. 2, 2004
- _____. Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito, **Sociologia & Antropologia**, v.2-3, p. 21-41, 2012
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Relevância e aplicabilidade da pesquisa em educação. **Cadernos de Pesquisa**, FCC, nº 113, julho, 2001.
- AMORIM, Eliane Regina Aguiar; ARIAS, Santiane. Neoliberalismo e lutas sociais: a emergência de movimentos piqueteiros e altermundialistas no contexto neoliberal. **Mediações**, Londrina, v. 14, n.2, p. 231-251, jul/dez. 2009.
- ANTONIETO, André Luis Gomes. **Análise do perfil institucional dos Conselhos de Políticas Públicas de Ribeirão Preto – SP**. Ribeirão Preto, 2014. 99p. (Monografia. Graduação em Direito)
- ARAÚJO, Caetano Ernesto Pereira. **Partidos políticos: há futuro para o monopólio da representação?** Texto para a discussão. Brasília, Senado Federal, 2004.

- BAVA, Silvio Caccia. O despertar do mundo árabe. Revista Dossiê 06. **Le Monde Diplomatique Brasil**. 2011.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.
- BONAVIDES, Paulo. **Ciência Política**. 10. ed. São Paulo: Malheiros Editores, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1998.
- _____. As Contradições da herança. In: LINS, D. (org.) **Cultura e subjetividade – saberes nômades**. Campinas: Papirus, 2000. 2ed.
- BRENNER, Ana Karina. **Militância de jovens em partidos políticos**: um estudo de caso com universitários, 2011. 307p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.
- _____. Socialização política nos percursos de jovens militantes de partidos políticos. CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues.; FÁVERO, Osmar. (Orgs.). **Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisas em educação, mídia e ciências sociais**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2014. p. 31-54.
- _____. Experiência militante e repercussões em outras esferas da vida: jovens engajados em partidos políticos. **Revista NUPEM**, v. 6, n. 10, 2014. p.79-93.
- CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Jovens universitários. SPOSITO, Marília Pontes. (Coord.) **Juventude e escolarização (1980-1998)**. Brasília-DF: MEC/Inep/Comped, 2002.
- CARNEIRO, Henrique Soares. Apresentação - Rebeliões e ocupações de 2011. In. HARVEY, David *et al.* **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. São Paulo: Boitempo Editorial & Carta Maior, 2012.
- CASSIM, Marcos. **Educação e política**: o partido político como agente de educação. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP, 1995.
- _____. **O papel do partido como agente de educação: uma concepção marxista-leninista**. 2012. Disponível em: http://www.pcb.org.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=3889&Itemid=61.
- CASTRO. Mary Garcia.; VASCONCELOS, Augusto. Juventudes e participação política na contemporaneidade: explorando dados e questionando interpretações. ABRAMOVAY, Miriam.; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos

- Gil. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Secretaria Nacional de Juventude, Ministério da Educação, 2007.
- CONCEIÇÃO, Gilmar Henrique. **Partidos políticos e educação: a extrema-esquerda brasileira e a concepção de partidos como agente educativo**, Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 1999.
- DUBET, François. **Sociologia da experiência**. Lisboa, Piaget, 1994.
- _____. & MARTUCCELLI, Danilo. **Socialização e formação escolar**, Lua Nova, 40/41, 1997.
- _____. La jeunesse est une épreuve. DUBET, F.; GALLAND, O.; DESCHAVANNE, E. (Eds.). **Comprendre la jeunesse**. Paris, PUF, 2004, pp. 275-291.
- _____. **El declive de la institución: profesiones, sujetos e individuos em la modernidad**. Barcelona, Gedisa, 2006.
- EISENSTADT, Shmuel. Noah. **De geração a geração**. São Paulo, Perspectiva, 1976. (Coleção Estudos, 41).
- ESPINOZA, Vicente; MADRID, Sebastián. **Trayectoria y eficacia política de los militantes en juventudes políticas: estudio de la élite política emergente**, Santiago, Chile, Instituto de Estudios Avanzados, Universidad de Santiago de Chile, 2010.
- FACCHINI, Regina. Movimento homossexual no brasil: recompondo um histórico. **Cadernos AEL**, v.10, n.18/19, 2003, p. 84-123.
- _____. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no movimento LGBT brasileiro. **Sexualidad, salud y sociedad**, n.3, 2009a, pp.54-81
- _____. **Movimento LGBT: uma análise**, 2009b. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/2009/06/08/movimento-lgbt-uma-analise-de-regina-facchini/>. Acessado em 12/02/2017.
- FEIXA, Carles & LECCARDI, Carmen, O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Revista Sociedade e Estado**, Vol. 25, nº 2, mai./ago., 2010.
- FERREIRA, Vitor Sérgio. Artes e manhas da entrevista compreensiva. **Revista Saúde e Sociedade**. São Paulo, v.23, n.3, 2014. p. 979-992.
- FILLIEULE, Olivier. Devenirs militants. **Sciences Humaines**, nº 144, décembre, 2003. Disponível em: https://serval.unil.ch/resource/serval:BIB_40490.P001/REF. Acesso: julho de 2015.
- _____. (Org.). Le désengagement militant. **Revue Française de Science Politique**, v. 51, n. 1-2, fev./abr., 2005. p.17-47.
- FORACCHI, Marialice. A juventude na sociedade moderna. São Paulo: Pioneira, 1972.

- _____. O estudante e a transformação da sociedade brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- FORQUIN, Jean Claude. **Relações entre gerações e processos educativos:** transmissões e transformações. Congresso Internacional Co-Educação de Gerações. SESC São Paulo: outubro 2003.
- FREIRE FILHO, João. Das culturas às pós-subculturas juvenis: música, estilo e ativismo político. **Contemporânea** – Revista de Comunicação e Cultura, v.3. nº1, jan-jun, 2005, pp. 138-166
- GRAMSCI, Antônio. **Maquiavel, a política e o Estado moderno.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- _____. **Os intelectuais e a organização da cultura.** Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2001.
- GROPPO, Luís Antônio. A revolta mundial da juventude e o Brasil. **Teoria e Debate Especial 1968**, maio, 2008.
- IANNI, Octavio. O jovem radical. BRITTO, S. **Sociologia da juventude (I): da Europa de Marx à América Latina de hoje.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- _____. **O Príncipe eletrônico.** Perspectivas. São Paulo, v.22, p.11-29, 1999.
- LACERDA, Gisele Edwiges. O retorno ao pluripartidarismo brasileiro: a fundação do Partido dos Trabalhadores e a “Carta de Princípios”. **Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão.** ANPUH/SP-USP. São Paulo, 2008.
- LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais.** Porto Alegre: Artmed, 2004 (Prólogo e Capítulo 1 – Estar disposto).
- LAMOUNIER, Bolivar; MENEGUELLO, Rachel. **Partidos políticos e consolidação democrática:** o caso brasileiro. São Paulo. Brasiliense, 1986. 134 p.
- _____. **Partidos e utopia:** o Brasil no limiar dos anos 90. Editora Loyola – São Paulo. 1989.
- LECLERCQ, Catherine. Nativos mas não cativos: socialização comunista desde o berço e produção de papéis militantes. **Dossiê socialização política. Revista Educ. Soc.,** Campinas, v. 37, nº. 137, p.955-970, out.-dez., 2016.
- LÊNIN, Vladimir Ilitch. **Que fazer?** Editora Hucitec - São Paulo, 1979.
- LISI, Marco. **Os jovens e os partidos.** <http://www.opj.ics.ul.pt/index.php/junho-2012>. Acessado em 28/07/2014.

- MADRID, Sebastián, ¿Políticos de ayer, apáticos de hoy? Generaciones, juventud y política en Chile. In FUENTES, Claudia; VILLAR, Andrés. **Voto ciudadano: debate sobre la inscripción electoral**. Santiago, Chile, FLACSO, 2005.
- MANIN, Bernard. A democracia do público reconsiderada. **Novos Estudos**, CEBRAP, nº 97, 2013. p. 115-127.
- MANNHEIM, Karl. El problema de las geraciones. **Revista Española de investigaciones sociológicas**, n. 62, p. 193-244, 1993.
- _____. O problema sociológico das gerações. In Marialice M. Foracchi (org), **Karl Mannheim: Sociologia**, São Paulo, Ática, 1982, pp. 67-95.
- _____. O problema da juventude na sociedade moderna. In: **Sociologia da Juventude, I. Da Europa de Marx à América Latina de Hoje**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- MARTINS, Heloisa H. T. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, v.30, n.2, maio/ago., p. 289-300, 2004
- MARTUCCELLI, Danilo. Esfera pública, movimentos sociais e juventude. In SORJ, Bernardo & FAUSTO, Sergio. **Internet e mobilizações sociais: transformações do espaço público e da sociedade civil**. Fundação Konrad Adenauer. 2015.
- _____. **Lecciones de sociologia del individuo**, Lima, Peru, 2012. Disponível em: <http://departamento.pucp.edu.pe/cienciassociales/files/2012/06>. Recuperado em 20 de maio de 2013.
- _____. ; SORJ, Bernardo. **O desafio latino-americano: coesão social e democracia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- MARX, Karl; ENGELS, Freidrich. **O manifesto comunista**. Instituto José Luis e Rosa Sundermann. 2003.
- _____. **Obras escolhidas**, Lisboa, Edições Progresso, Editorial Avante, Lisboa – 1982, Trad. José Barata Moura (Estatutos Gerais da Associação Internacional dos Trabalhadores).
- MENEGUELLO, Rachel. **PT a formação de um partido, 1979 – 1982**. Rio de janeiro. Ed Paz e Terra. 1989.
- MEAD, Margeret. **Cultura y compromiso**. Estudio sobre la ruptura generacional. Editora Gedisa. Traducion Eduardo Goligorsky. 1977.
- _____. **Le fossé des générations**. Paris: Denoël/Gonthier, 1970.
- MIGUEL, Luis Felipe. Representação política em 3-d: elementos para uma teoria ampliada da representação política. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18 nº. 51 fevereiro/2003.

- MILLS, Wright Charles. **A imaginação sociológica**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969. 246p.
- MISCHE, Ann. De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. **Revista Brasileira de Educação**, nº 6, nº 5, mai/jun/jul/ago, nº 6 set/out/nov/dez, 1997.
- MÜXEL, Anne. Continuidades y rupturas de la experiencia política juvenil. **Revista de Estudos de Juventud**, Jóvenes y participación política: investigaciones europeas. junio, nº 81, 2008. Pág. 31-44.
- _____. Jovens dos anos noventa: à procura de uma política sem “rótulos”. **Revista Brasileira de Educação**, nº 6, nº 5, mai/jun/jul/ago, nº 6 set/out/nov/dez, 1997.
- NAKANO, Marilena. **Jovens no encontro de gerações: democracia e laços solidários no mundo do trabalho**. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- NERES, Geraldo Magella. **Gramsci e o moderno príncipe: a teoria do partido nos cadernos de cárcere**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), UNESP, Marília, São Paulo. 2012.
- NEVES, Clarice Baeta. Ensino superior no Brasil: expansão, diversificação e inclusão, In **XXX Congresso da LASA - Associação de Estudos Latino Americanos**, São Francisco, Califórnia, 2012.
- NOBRE, Marcos. **Imobilismo em movimento: a abertura democrática ao governo Dilma**. São Paulo: ed. Companhia das Letras. 2013.
- OLIVEIRA, Roberto de. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. 3. ed. São Paulo: Paralelo 15. Ed Unesp. 2000. 220p.
- OPPO, Anna. Partidos políticos. In BOOBIO, Norberto *et al* (orgs.). **Dicionário de política**. Brasília, UNB, 1999.
- ORTEGA Y GASSET, José. “La idea de las generaciones”. In ORTEGA Y GASSET, José **El tema de nuestro tiempo**, Obras completas, Vol. 3, Madri: **Revista de Occidente**, pp. 145-156 [The modern theme, Nova York: Harper & Row, 1961] [1966].
- PAIS, José Machado. PAIS, J. M. **Cultura juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1998.
- _____. **Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea**. Instituto de Ciências Sociais/Secretaria de Estado da Juventude. Lisboa, Publicações 1998, nº 2, p. 17-58.
- PINTO, José Marcelino de Rezende. **O acesso à educação superior no brasil**. *Educação & Sociedade*. 2004 vol. 25, n. 88, 727-756.
- PSOL/HISTÓRIA <http://www.psol50.org.br/partido/historia/>. Acessado em 30 novembro 2016.

- QUÉNIART, Anne; JACQUES, Julie. Ser uma jovem militante hoje? Por que? Como? **Estudos feministas**, n°s 1-2, jul./dez., 2002.
- ROMANELLI, Geraldo. A entrevista antropológica: troca e alteridade. ROMANELLI, G.; ALVES, Z. M. M. B. A. (Org.). **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa**. Ribeirão Preto/SP: Legis Summa, 1998, 178p.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SEIDL, Ernesto. Engajamento e militância associativa em Sergipe. In. **Anais da 26ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia** – Desigualdade na diversidade, Porto Seguro/BA, 2008.
- _____. Engajamento e investimentos militantes: elementos para discussão. In: CARRANO, Paulo Cesar; FÁVERO, Osmar. (org.). **Narrativas Juvenis**: olhares de pesquisas em educação, mídia e ciências sociais. 1 Edição. Niterói: EDUFF, 2014, v. 01, p. 55-70.
- _____. Notas sobre o ativismo juvenil, capital militante e intervenção política. **Política & Sociedade**, vol.13, n. 28, set/dez. 2014. p. 63-78.
- _____. Disposições a militar e lógica de investimentos militantes. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 2 (59), p. 21-39, maio/ago. 2009.
- SETTON, Maria das Graças Jacinto. **Introdução ao tema da socialização**. FEUSP, São Paulo, 2008.
- SCHMIDT, João Pedro. **A juventude e a política nos anos 1990**: um estudo de socialização política no Brasil. Tese (Doutorado em Ciências Políticas) UFRS, Porto alegre, 2000.
- SINGER, André. Dossiê: Mobilizações, protestos e revoluções. Brasil, junho de 2013: classes e ideologias cruzadas. **Novos Estudos**, CEBRAP, n° 97, nov., 2013.
- SILVA, Dilson Rufino da. **Jovens e o fazer teatral**: contribuições de uma experiência de educação não escolar em teatro aos seus processos de socialização e autonomia. Ribeirão Preto, Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, Ribeirão Preto, 2016.
- SILVA, Roberto Bitencourt da. O Partido Político como Organismo Educativo. **Democratizar**, vol. II, n° 2, mai./ago.,2008.
- SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. Apresentação do Dossiê A sociedade vista pelas gerações. **Política & Sociedade**, n° 8, abr., 2006.

- _____. **Juventude, contestação e a política de pernas para o ar:** o movimento passe livre em Florianópolis. XXIV Congressos da Associação Latino-Americana de Sociologia, Porto Alegre, 2005.
- SPOSITO, Marília Pontes. **Juventude e escolarização:** 1980-1998. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.
- _____. **O Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira:** Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. 2 v.
- _____. Ação coletiva, jovens e engajamento militante. In: CARRANO, Paulo César; FÁVERO, Osmar (orgs.). **Narrativas juvenis e espaços públicos:** olhares de pesquisas em educação, mídia e ciências sociais. Niterói: UFF, 2014. p.97-130.
- SOUZA, André de; COSTA, Cleber; CARVALHO, Lisiane. As reformas de base e o golpe de 64. **Em Debate: Revista Digital**, n 3, p. 1-9, 2007
- SZYMASKI, Helena; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PRANDINI, Regina Celia Almeida Rego **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva.** 2ª Ed., Brasília: Liber Livro, 2004, 2008.
- TAVARES, Antônio de Jesus. **Educação e hegemonia no pensamento de Antonio Gramsci.** Editora, Unicamp, 1989, 132 p.
- TSE. **Tribunal Superior Eleitoral.** Dados extraídos e consultados em <http://www.tse.jus.br/>
- TOKAIRIN, Matheus Guenzo Zeotti, **Jovens universitários e engajamento político partidário em Ribeirão Preto,** Dissertação (Mestrado em Educação, FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, 2016.
- TOMIZAKI, Kimi Aparecida **Ser metalúrgico no ABC: rupturas e continuidades nas relações intergeracionais da classe trabalhadora.** Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, 2005.
- _____. Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. **Educação & Sociedade**, v. 31, nº 111, p. 327-346, abr.-jun. 2010.
- _____. Socialização política. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 37, nº. 137, p.929-934, out-dez., 2016 (Dossiê socialização política).
- _____. Socialização política e politização entre famílias do movimento dos trabalhadores sem teto. **Dossiê socialização política. Revista Educ. Soc.,** Campinas, v. 37, nº. 137, p. 935-954, out-dez., 2016.
- VIANNA, Luís Werneck. Caminhos e descaminhos da Revolução Passiva à Brasileira. **Dados**, v. 39 no. 3, 1996.

VINHA, Gisele Cristina Gentilini. **"Nada para fazer"!** Interesses, processos educativos e suportes presentes nas interações dos jovens com o Projovem Adolescente em Ribeirão Preto – SP, Ribeirão Preto, FFCLRP/USP, 2014. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação).

WEBBER, Max. **Economia e Sociedade**. Brasília, Editora UNB, 2004.

WELLER, Wivian. O conceito de gerações e de juventude na obra de Karl Mannheim. **XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires**. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009

_____. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Sociedade e Estado**, v. 25, n.2, mai-ago., 2010.

LEGISLAÇÃO

BRASIL. **Lei Federal nº 9.096**, de 19 de setembro de 1995.

BRASIL. **Lei Federal nº 12.852**, de 5 de agosto de 2013.

Apêndices

Gráficos elaborados com base nos dados do TSE – 2017

PSOL Nacional - Eleitores filiados segundo sexo, 2017 (%)

PSOL Estadual SP - Eleitores filiados segundo sexo, 2017 (%)

PSOL Nacional Porcentagem de filiados/eleitores segundo faixa etária

PSOL - Novas filiações considerando o segundo semestre (de junho a dezembro) de cada - Nacional e municipal

PSOL, PT e PSDB - Novas filiações considerando o segundo semestre
(de junho a dezembro) de cada - Nacional

PSOL, PT e PSDB - Novas filiações considerando o segundo semestre
(de junho a dezembro) de cada - Municipal